

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

TIAGO DUARTE DIAS

**BIJÎ KURDISTAN/BEVAR KURDISTAN: PROCESSOS DE
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA
DE IMIGRANTES CURDOS NA DINAMARCA**

Niterói

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

TIAGO DUARTE DIAS

**BIJÎ KURDISTAN/BEVAR KURDISTAN: PROCESSOS DE
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA
DE IMIGRANTES CURDOS NA DINAMARCA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia.

Niterói

2015

Banca examinadora

Professor Dr. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto

Professora Dra. Gisele Chagas Fonseca

Professora Dra. Monique Goldfeld

Professor Dr. Antonio Rafael Barbosa

Professor. Dr. Fernando Rabossi

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu gostaria de agradecer aos meus pais, Gilson e Jane e a minha irmã, Camila, por todo o amor, carinho, suporte, e atenção que os três tem me proporcionado. Sem os mesmos eu não seria quem sou, nem chegaria aonde cheguei. Não há palavras que possam definir a minha gratidão aos mesmos. Em segundo lugar, eu gostaria de agradecer a Kamilla, minha namorada, minha companheira e minha melhor amiga há mais de quatro anos por todo amor que compartilhamos, e também a seus pais e a sua família por toda atenção e carinho que me concedem todas as vezes que eu visito a Dinamarca.

Também fundamentais por todo o apoio e por toda a amizade que tem me desprendido, agradeço também a meus melhores amigos, e fieis companheiros desde o tempo do Instituto Abel. Igor, Marcelo, João Carlos, Alcysio suas amizades são uma das coisas mais preciosas em minha vida, e sou grato pelas mesmas. Também agradeço a Eric, Arthur, Caio, Luiz Monteiro, Igor Soares, Mariana, Amanda Pimentel, Amanda Vitoriano, Aline, Giovanna, Yaya, Luísa, Carol Esposito, Carol Calderón, Rennan, Bruno, Bárbara, Daniel, Marcos Lucas por suas amizades, e por tudo que temos compartilhado e por tudo que eu possa ter aprendido com vocês. Além disso, faz-se impossível não citar todos os amigos que fiz durante o meu curso de graduação em Relações Internacionais. Colegas de classe, professores, monitores que com o tempo se tornaram amigos e pessoas com as quais eu nutro o maior respeito e carinho.

Minha jornada até aqui não seria possível se não fosse o que eu pude aprender, e compartilhar com meus diversos colegas de turma no meu mestrado. Larissa, André, Ana Beatriz, Letícia, Marcus, Natalia, Vitor, Patrícia, Gabriel, Fábio, Rodrigo, Dani, Leandro, Sara e todos os outros colegas, meu mais sincero agradecimento por todas as conversas, as aulas, as idas ao Laury e as quintas-feiras na Cantareira. Além dos mesmos, devo citar especialmente Thaís Ferraz, que além da amizade, pude também dividir o orientador, e grande parte das disciplinas, além de temas de pesquisa semelhantes.

Um especial agradecimento também se faz necessário a todos da turma de 2013.1 em Relações Internacionais, que tive o prazer de lecionar a disciplina de Antropologia I e com os quais pude aprender enormemente. Ter lecionado para vocês

toda terça-feira por 1 semestre foi uma das experiências mais edificantes e prazerosas em minha carreira acadêmica.

Agradeço também a todos os meus professores com os quais eu pude, efetivamente, virar um antropólogo. Em primeiro lugar, Paulo Gabriel, meu orientador, e alguém que me espelho academicamente, e com o qual eu pude aprender enormemente no curso desses dois anos, e cujo os ensinamentos foram de extrema importância na minha formação como antropólogo. Além dele, agradeço especialmente a Gisele Fonseca, que ministrou junto com o Paulo todas as disciplinas, e cuja a ajuda também foi extremamente essencial na escrita de tal trabalho. Simoni Lahud, LÊNIN Pires, Lucía Elbaum, Alessandra Barreto, Antonio Rafael, Carolina Grillo muito obrigado por tudo o que pude aprender, e por todas as lições. Por último, agradeço a Fernando Rabossi pela sua ajuda em minha qualificação e a Monique Goldfeld por sua participação em minha banca de defesa. E é claro, um agradecimento especial ao Marcelo, responsável pela secretaria do PPGA por sua paciência, prontidão e eficiência.

Agradeço também a todos os meus interlocutores dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Se hoje eu sou um antropólogo, eu não o seria se não fosse por toda a paciência, o carinho, a compreensão e o apoio que tive dentro da mesma. A experiência que tive ao estudar com vocês foi e eternamente será um dos momentos mais especiais e importantes em minha vida. A vocês, dedico todo o meu apoio, e todo o meu carinho, pois sem vocês, tal trabalho não seria possível, além de dedicá-los tal trabalho.

Por último, gostaria de agradecer a CAPES pelo apoio financeiro fornecido através da minha bolsa por aproximadamente dois anos.

RESUMO

Tal trabalho busca compreender as distintas formas nas quais a comunidade curda na Dinamarca, especialmente em Copenhague e sua região metropolitana, constrói a sua identidade e a sua sociabilidade em um contexto de diáspora. O mesmo é o resultado de um trabalho de campo de duração de quatro meses na região central de Copenhague, no qual foram conduzidas entrevistas, além da participação em eventos relacionados a identidade curda, como manifestações, festivais de cinema e eventos sociais menos formais, além da participação de grupos online relacionados a identidade e a causa curda.

Tal pesquisa tem como objetivo analisar as distintas formas de construção e reafirmação da identidade curda num contexto de diáspora na Dinamarca, além de buscar compreender como tal construção identitária se articula com a cultura e a sociedade dinamarquesas em busca de ganhos, tanto práticos, quanto simbólicos em relação a causa curda. Além disso, será analisado etnograficamente o papel que uma organização focada na população curda jovem, a FOKUS-A, tem, tanto na articulação política e identitária desses jovens dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, quanto em relação a população dinamarquesa em geral.

Além de tudo isso, será também analisado e estudado as diversas articulações entre a comunidade curdo-dinamarquesa e a comunidade curda transnacional. Símbolos visuais, o papel das manifestações públicas, e o uso de diversos idiomas também serão analisados através de uma perspectiva antropológica, assim como as diversas articulações que tais elementos tem nas manifestações culturais e políticas da comunidade curdo-dinamarquesa, além de buscar entender como tais fatores influenciam a sociabilidade curda em território dinamarquês.

PALAVRAS-CHAVE:

Etnicidade, identidade curda, Curdistão, diáspora na Dinamarca

ABSTRACT

This work aims to comprehend the distinct ways in which the Kurdish community in Denmark, especially in Copenhagen and its metropolitan area, build their identity and their sociability inside a diaspora context. This work is the result of fieldwork that lasted for four months in the central area of Copenhagen, during which, interviews were conducted, as for a participant-observation in events related to the Kurdish identity, such as demonstrations, movie festivals, and less formal social events, besides the participation in online groups related to the Kurdish cause and identity.

This research has as a goal to analyse the distinct ways in which Kurdish identity is constructed and reaffirmed in a diaspora context in Denmark, besides comprehending how such identity construction articulates with Danish culture and society in the search of both practical and symbolical gains related to the Kurdish cause. Also, it will be analysed through an ethnographic approach the role that a Kurdish youth organization called FOKUS-A has, both, in the political and in the identity articulation of this youth inside of the Kurdish-Danish community, and in the Danish population in general.

Besides that, the many articulations between the Kurdish-Danish community and the transnational Kurdish community will be analysed and studied. Visual symbols, the role that public manifestations have, the use of the many languages will also be analysed throughout an anthropological perspective, just like the many diverse articulations that those elements have in the cultural and political expressions in the Kurdish-Danish community, also in a way to understand how those factors influence the Kurdish sociability have inside Danish territory.

KEYWORDS:

Ethnicity, Kurdish identity, Kurdistan, Diaspora in Denmark

MAPAS





GLOSSÁRIO

Dansk Folkeparti – “Partido do Povo Dinamarquês”. Partido de extrema-direita extremamente popular no país, especialmente devido a sua postura extremamente contra imigração. Nas últimas eleições foi o segundo partido mais votado com aproximadamente 20% dos votos.

Enhedslisten – “Partido da Lista Verde e Vermelha” Partido de extrema-esquerda dinamarquês e com fortes conexões com a comunidade curdo-dinamarquesa.

FOKUS-A – “Organização para Acadêmicos e Estudantes Curdos” Organização curdo-dinamarquesa fundada em 2008 e formada especialmente por jovens dentre 18 e 35 anos.

FEY-KURD DANMARK – “Federação das Associações Curdas na Dinamarca”. Organização curda fortemente influenciada pelo PKK

PKK – Partido dos Trabalhadores Curdos. Partido de origem marxista e que organiza uma guerrilha armada no Curdistão turco. Considerado como uma organização terrorista pela União Europeia e pelos EUA. Classificação que ainda hoje gera polêmica dentro da comunidade curda.

SUMÁRIO

BIJÎ KURDISTAN/BEVAR KURDISTAN: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E ORGAIZAÇÃO POLÍTICA DE IMIGRANTES CURDOS NA DINAMARCA

RESUMO -----	6
MAPAS -----	8
GLOSSÁRIO -----	10
INTRODUÇÃO -----	12
i) Construção teórica do objeto -----	18
ii) Metodologia -----	33
iii) Referencial teórico -----	37
iv) Plano de dissertação -----	45
Capítulo II – Imigração na Dinamarca: uma análise etnográfica -----	47
i) Identidade e pertencimento dentro da Dinamarca: o que é, e o que faz alguém ser dinamarquês -----	48
ii) Experiências e sociabilidades: imigrantes curdos e a inserção na sociedade dinamarquesa -----	57
Capítulo III - Ser Curdo na Dinamarca: uma construção constante -----	67
i) Narrativas de perseguição, narrativas de liberdade: diálogos entre a identidade curda e a identidade dinamarquesa -----	67
ii) Bandeiras e suas simbologias: construção da identidade curda em território dinamarquês. -----	71
iii) Sociabilidade, identidade curda e o espaço publico -----	78
iv) Capital cultural e a comunidade curdo-dinamarquesa-----	82
Capítulo IV - FOKUS-A: estudantes curdos e suas identidades -----	92
i) FOKUS-A: surgimento, atividades e seu papel na comunidade curdo-dinamarquesa. -----	91
ii) Inspiração política e organização institucional: a causa curda e a FOKUS-A -----	101
iii) Organização institucional e o estado dinamarquês: a FOKUS-A e os processos burocráticos de construção da mesma. -----	118

Capítulo V - Articulações da identidade curda entre fronteiras: uma análise etnográfica do movimento curdo na Dinamarca. -----	126
i) Bandeiras, etnia e a construção identitária curda: uma análise entre a comunidade curdo-dinamarquesa. -----	126
ii) Manifestações e a política dinamarquesa entre a Dinamarca e o Curdistão: bandeiras, cartazes, estandartes e seus papéis simbólicos. -----	131
iii) Cartazes, pôsteres, uso de imagens e de diferentes idiomas: uma análise etnográfica das demonstrações curdas em Copenhague -----	139
CONCLUSÃO -----	145
i) A comunidade curdo-dinamarquesa: suas expressões e articulações políticas e culturais em movimento. -----	146
ii) O drama social e a etnicidade curda: perspectivas para uma comunidade em constante construção. -----	155
iii) Comunidade curdo-dinamarquesa e suas organizações fora de Copenhague: perspectivas e possibilidades -----	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	161
BIBLIOGRAFIA -----	163

D) INTRODUÇÃO

Creio que, antes de qualquer assunto ser aprofundado em minha dissertação, faz-se necessário, antes de introduzir a temática, o meu campo, a minha inserção no mesmo, o uso de teorias e autores já estabelecidos, começar por explicar aos futuros leitores de minha humilde etnografia, os motivos que me levaram a escolha do meu tema de pesquisa. Antes de falarmos sobre antropologia, abordemos os motivos que levaram o antropólogo a seguir tal caminho. Antes de etnografia, olhemos brevemente para o etnógrafo.

A primeira vez que eu tive contato com algo relacionado a identidade étnica curda fora durante a páscoa de 2011 na capital dinamarquesa. Naquela situação eu era apenas um aluno de graduação da UFF, cursando relações internacionais, e aproveitando uma semana sem aulas durante o meu semestre de intercâmbio também na Dinamarca, mas em Aarhus, segunda maior cidade do país, e que fica a 3h da capital. A ocasião, como eu me recordo claramente, fora que, aproveitando a minha semana sem aulas, decidi ir conhecer a capital. Hospedara-me num albergue perto da estação central de trens, e resolvera que iria explorar a cidade por conta própria, sem me preocupar em seguir um roteiro fixo, apenas visitando as atrações que me dessem vontade. Em um dos dias que escolhera para visitar as principais atrações e tirar fotos, me deparei com uma manifestação na praça central em frente a prefeitura de Copenhague, no lugar conhecido como Rådhuspladsen.

Para os que não são familiarizados com a capital dinamarquesa, Rådhuspladsen é localizado além de em frente a prefeitura local, também é em frente a principal rua de compras da cidade, além de ser próximo da estação de trem local e do famoso parque de diversões Tivoli. Um pouco mais distante (mas ainda a menos de 1km) encontram-se o museu de história da Dinamarca, além do prédio com o congresso nacional, além do famoso bairro de Nyhavn, que é amplamente visitado tanto por turistas quanto por locais. De qualquer forma, é possível afirmar, sem nenhuma hesitação ou sombra de dúvidas, que tal manifestação ocorrera num local central, além de ser um dos locais mais conhecidos e vistos da cidade de Copenhague.

E é, nesse local e durante uma bela e ensolarada tarde de primavera, que eu avisto uma manifestação que me chamara a atenção, assim como chamara também a

atenção de outros transeuntes, em cuja a curiosidade e a falta de pressa convergiam e resultavam em ao menos uma diminuição no ritmo da caminhada, e em casos mais raros, em um diálogo com os manifestantes. Eu, como um bom turista com uma curiosidade antropológica latente (que a época não era, confesso, bastante desenvolvida), resolvi interromper o meu dia de passeio para me inteirar mais sobre tal manifestação que ocorria em circunstâncias que se mostravam peculiares o suficiente para que eu a notasse.

A primeira coisa que eu pude notar (e pude notar antes de conversar com qualquer participante) era uma quantidade grande de bandeiras tricolores (verde, branca e vermelha), com um sol amarelo em seu centro. Quando eu vi tal bandeira, não conseguia identificar qualquer significado na mesma. Peço ao leitor que perdoem a ignorância de um rapaz de apenas vinte anos e que morara pela primeira vez na vida sozinho, e em outro país. Entretanto, tal ignorância era compensada por uma curiosidade, característica que a meu ver, serve muito bem a antropólogos. E fora tal ignorância junto com a curiosidade que me impeliram a questionar os participantes sobre quem eles eram, e qual era o motivo de estarem se organizando em um ambiente público. E as respostas para tal curiosidade não vieram de alguém que morasse na Dinamarca, mas sim de um jovem francês que estava na Dinamarca por motivos turísticos; fora o mesmo que me informara dos detalhes da mesma.

Ao chegar mais perto da manifestação, assim como alguns também o faziam, e ficar parado por um tempo, um dos presentes, chegara perto, e sorriera pra mim. Eu lhe interpelei sobre as motivações que levaram a organização de tal manifestação; mais ainda, perguntei-lhe sobre *quem* eram os manifestantes presentes, quem as bandeiras, os cartazes, as diversas roupas típicas (que eventualmente eu aprenderia que eram os trajes dos *peshmergas*, os soldados curdos), e a música representavam. Perguntei-lhe, portanto, qual cultura estava presente em todos esses elementos que compunham tal manifestação pública. Jean-Paul, num misto de francês e inglês, explicara-me, *en passant*, tanto o motivo de tal demonstração, quanto quem eram os demonstradores. Ambas as questões estão intimamente relacionadas; entretanto, a segunda questão precisa ser exposta antes da segunda, por motivos de clareza argumentativa, apesar de quando eu conversara com meu interlocutor em 2011, as mesmas foram respondidas quase que simultaneamente, com diversas informações tendo que serem construídas a posteriori por conta própria.

Conforme já está um tanto óbvio, tal manifestação fora organizada por indivíduos da etnia curda, e as bandeiras com suas quatro cores, além de todos os outros elementos presentes, deveriam representar tal etnia. Na época, meu conhecimento sobre os curdos era relativamente superficial, e fruto de algumas disciplinas cursadas durante a minha graduação em relações internacionais. Sabia que os curdos eram “a maior etnia sem estado-nação” do mundo, e cujo o território estava presente dentro dos estados da Turquia, Irã, Síria e Iraque, fruto do que, na época, me pareciam incontáveis disputas coloniais e pós-coloniais com a presença de grupos políticos ocidentais e do Oriente Médio, e que, por final, acabaram por privar uma grande população de uma representação estatal.

Jean-Paul me afirmara, entre outras coisas, que ele e sua família, eram originários da Turquia, mas conforme o mesmo enfatizara, ele não se identificava muito como turco, sendo, portanto, curdo, já que, seus pais e seus avôs eram curdos, logo, ele também o seria, e era assim que se definia. Conversamos um pouco mais sobre a situação política tanto na França, quanto no Brasil, além dele me informar um pouco mais sobre assuntos relacionados a situação da população curda na Turquia e me explicar os motivos daquela manifestação. Segundo ele, os participantes estavam lá como forma de solidariedade a Abdullah Ocãlan, figura que, naquele momento era desconhecida para mim, mas que com o tempo eu passaria a aprender, especialmente sobre o seu papel na comunidade curda, e de outros ativistas curdos e guerrilheiros do PKK. Após tal conversa, nos despedimos, trocamos contatos no Facebook, e até hoje, em certas ocasiões ainda converso com ele.

Tal experiência fora, a meu ver, extremamente relevante ao me tirar de um estado de uma virtual ignorância sobre quem eram os curdos. Ao ver tal manifestação e conversar com Jean-Paul, fora possível observar que os curdos eram mais do que “a maior etnia sem estado-nação do mundo”, mas sim, uma população cuja eu pudera observar alguns membros da mesma in loco. A mudança do conhecimento dos livros para a vida real é sempre algo que impacta, e que rende análises a posteriori sobre tal fato a diversos indivíduos.

Após retornar ao Brasil, após o fim de meu semestre em intercâmbio, pude ter um maior conhecimento sobre a etnia curda e sobre sua história, de uma maneira mais acadêmica, graças a um curso ministrado pelo professor que viria a ser o meu orientador na escrita de tal dissertação, sobre o Oriente Médio, no qual o mesmo, abordara durante uma das aulas a situação da etnia curda, e do território considerado

por curdos nacionalistas como o Curdistão. Tal evento acabou por motivar-me tanto a estudar assuntos relacionados a etnicidade e a identidade curdas, e também, fora fundamental para a minha decisão de buscar estudar antropologia por dois anos no meu mestrado. Tal explicação, entretanto, não contempla o porquê de escolher a Dinamarca. Se fora falado, de maneira geral, é claro, sobre o meu objeto de estudo, agora, necessita-se abordar o local aonde tal objeto será estudado, tal distinção torna-se especialmente relevante quando se considera que o assunto é uma comunidade em diáspora.

Em relação a Dinamarca, como a narração acima se deu em território dinamarquês, e conforme fora citado, o autor residira lá durante um período de seis meses devido a um período de intercâmbio. Entretanto, há outras questões que também contribuíram para tal escolha, tanto de cunho pessoal quanto de cunho político. De cunho pessoal, considero o fato de durante meu período morando no país escandinavo eu ter começado um relacionamento afetivo com a minha namorada que dura até hoje como um dos motivos que me levaram a querer pesquisar sobre tal localidade. Apesar de tal fator ser secundário em relação a minha escolha, considero como sendo necessário citá-lo. E dentro do mesmo, há uma questão logística em se mudar para fazer trabalho de campo para um país no qual eu estaria com uma pessoa com a quem eu tenho um relacionamento amoroso.

O outro fator surge de uma observação, que fora muito mais intuitiva do essencialmente empírica ou etnográfica, do lugar e da importância da população de origem imigrante na Dinamarca. Em tal momento, não desejo elucidar as relações sociais, culturais ou políticas envolvendo as diversas comunidades imigrantes na Dinamarca, ou ainda, oferecer estatísticas sobre as mesmas, mas sim, informar os desejos do etnógrafo em estudar tal assunto na Dinamarca, e tal desejo vêm de diversos fatores intangíveis (como a questão afetiva citada anteriormente), e da vivência do mesmo na segunda maior cidade dinamarquesa. Grande parte do conhecimento antropológico surge da curiosidade do antropólogo em elucidar alguma questão, ou ainda, em desconstruir estereótipos.

Se no primeiro momento, criei alguma espécie de estereótipo em relação a aos imigrantes na Dinamarca, ou ainda sobre as relações sociais entre a população étnica dinamarquesa e as diversas comunidades étnicas não-dinamarquesas, tal estereótipo tem um papel fundamental em criar um interesse em me aprofundar o conhecimento sobre tal assunto, de tal maneira que eu possa, efetivamente, compreender melhor tais

relações. Os estereótipos, portanto, são importantes a medida em que surge o desejo e a curiosidade de desfazê-los, e assim compreender as diversas realidades sociais de maneira mais holística, e além disso, entender como os mesmos surgem (GOFFMAN, 1979).

Minha impressão da Dinamarca, durante os seis meses que eu vivera lá em 2011, fora a de que, apesar de ser um país extremamente tolerante, e que há uma ideia perceptível entre muitos dinamarqueses, de que cada um deve seguir o seu caminho em relação a suas próprias vidas, contando que isso não prejudique a outrem, há também uma grande dificuldade de integração e aceitação de diferenças que escapem ao que Alghasi, Eriksen e Ghorashi (2009) tratariam como os diferentes níveis de alteridade. Os inúmeros estudantes que vem da União Europeia, dos Estados Unidos, da Austrália, Nova Zelândia, Japão e do Brasil¹ como intercambistas são vistos de maneira especialmente positiva por parte dos estudantes e da população local, conforme ouvi algumas vezes, pois são “indivíduos capazes de acrescentar algo a sociedade dinamarquesa”. Tal frase expressa, através de seu oposto, a existência de indivíduos que são capazes de subtrair da sociedade dinamarquesa. O que explica a existência ao mesmo tempo, em que há setores na sociedade dinamarquesa que são extremamente tolerantes, a influência que partidos de extrema-direita tem tido (também tinham em 2011) na política dentro do país.

Com uma plataforma política que constantemente flerta com a xenofobia, e em outros momentos é abertamente xenófoba, além de posições anti-integração com a União Europeia, e um discurso que clamam por uma diminuição do número de imigrantes e de refugiados em território dinamarquês, o Dansk Folkeparti – o partido do povo dinamarquês – é uma força crescente dentro da sociedade dinamarquesa, gerando posições apaixonadas tanto de apoio quanto de rejeição, e que, nas últimas eleições tornaram-se o segundo maior partido do país, atrás do partido socialista, e a

¹ Nem eu nem nenhum brasileiro que eu conheci na Dinamarca jamais me relatara alguma reclamação em relação a maneira que foram tratados pelos dinamarqueses; muito pelo contrário, há uma curiosidade genuína, e um conhecimento bastante amplo do que ocorre no Brasil por grande parte da sociedade civil local que eu tive contato. Desde a música local, passando por assuntos políticos, e chegando ao esporte (não só o futebol), as opiniões e o conhecimento que a população dinamarquesa tem do Brasil é geralmente positivo.

frente do partido liberal conservador², que historicamente tem sido a principal força de direita dentro do país.

Assim, fora possível perceber, dentro da sociedade dinamarquesa, duas narrativas opostas, porém concomitantes, dividindo espaço dentro da opinião pública, em relação ao papel dos imigrantes (especialmente, os não-ocidentais, os que não veem devido a algum relacionamento com algum dinamarquês) dentro do país. Há pessoas que veem o lado positivo da presença dos mesmos, além de um imperativo moral de um país tão rico em ajudar pessoas em situações que buscam socorro dentro de território dinamarquês. E há pessoas que veem a incompatibilidade cultural dinamarquesa com a de imigrantes não-ocidentais, além de verem a impossibilidade do país em ajudar todos os necessitados que aparecessem em seus territórios. Que, em 2011, eu tenha encontrado mais pessoas que se identificavam com a primeira narrativa do que com a segunda, ao mesmo tempo em que a segunda crescia cada vez mais pode ser atribuído a diversos fatores.

O fato do meu convívio ser primordialmente com estudantes universitários, dentro de um importante centro urbano, além de minhas próprias convicções pessoais, podem ajudar a explicar o fato de eu encontrar mais frequentemente com a primeira narrativa do que com a segunda (ao menos com pessoas que defendam a mesma abertamente), junto com o crescimento da mesma, que pode ser explicitado pelo crescimento da importância do já citado partido do povo dinamarquês, e que em 2011 já era extremamente relevante, demonstra que havia (e agora mais do que nunca) uma questão que é bastante polêmica dentro da sociedade dinamarquesa, em relação a imigração.

E é dentro de tal questão que eu gostaria de me debruçar; tendo em mente o papel que tal questão – ser um imigrante dentro da Dinamarca – se relaciona com a construção identitária dentro da comunidade curda em diáspora. Ao relacionar as duas coisas, meu estudo buscará, portanto, compreender, o que é ser curdo dentro da Dinamarca, e as diversas articulações entre essas duas identidades, entre essas duas comunidades, entre a política de ambas, ou seja entre essas duas culturas que se encontram dentro do território dinamarquês.

² Muito de tal perda de popularidade deve-se ao envolvimento do líder de tal partido – Lars Løkke Rasmussen - em escândalos de corrupção e desvio de dinheiro, o que acabara por diminuir a confiança do eleitorado no mesmo, e transferindo votos do mesmo para o Partido do Povo Dinamarquês.

i) Construção do objeto e referencial teórico

Conforme já fora citado anteriormente, a minha etnografia se realizou com imigrantes curdos que vivem dentro da capital dinamarquesa. Sendo assim, é necessário abordar, antes de qualquer coisa, quem são tais indivíduo, ou seja, quem são os curdos, como uma identidade étnica, e como tais indivíduos, chegaram a fazer parte da sociedade dinamarquesa, e mais ainda, como tais indivíduos articulam suas identidades como curdos, dentro de um contexto dinamarquês e/ou com uma identidade dinamarquesa. Além disso, serão abordadas também questões relacionadas a imigração de uma maneira geral dentro da Dinamarca, para se compreender tanto quais são as relações sociais e culturais que os curdos, como imigrantes, mantêm dentro da Dinamarca, além de, quais são as dinâmicas políticas, econômicas e culturais que levaram a tais imigrantes e a seus descendentes a construir suas vidas em território dinamarquês, e como, dentro de tais dinâmicas, os mesmos, como uma comunidade étnica em diáspora, relacionam a identidade, a cultura e a causa política relacionada a etnicidade curda e ao território do Curdistão.

Estima-se que na Dinamarca existam entre 20.000 a 40.000 indivíduos de origem curda. Tais números são difíceis de precisar pela ausência de um estado curdo, já que as estatísticas locais sobre o número de expatriados tendem a ser bastante precisas. A estatística mais confiável, fornecida por ao menos duas publicações curdas (Kurder.dk, 2009; Jyian.dk, 2012) afirma que o número seria de 25000 indivíduos, dos quais, 20 mil seriam do Curdistão turco, e os outros 5 mil divididos entre Irã, Iraque e Síria (com o Irã tendo um número maior). Entretanto, tais estatísticas não levam em conta a bastante recente imigração de curdos fugindo da guerra civil na Síria.

Em primeiro lugar, será abordado quem são os curdos, em uma breve análise de sua identidade étnica, para num instante posterior analisar-se a situação dinamarquesa em relação a imigração, por fim, serão tratados as duas questões em conjunto, focando-se nas articulações entre os dois fatores.

A questão do fenômeno conhecido dentro da antropologia como etnicidade oferece uma miríade de possibilidades para a compreensão de tal objeto, que de forma geral, entende-se com uma parte da população curda. Os “curdos” – ou seja, definir-se como curdo, é uma composição de distintas formas de identificação, tanto nacionais

(existem curdos de origem turca, iraquiana, iraniana e síria), quanto religiosas (existem minorias curdas alevitas, xiitas, sunitas, e yazedis, além de curdos judeus, além de uma maioria sunita), quanto políticas (existem curdos que se identificam com as diversas vertentes do marxismo nacionalista e organizam-se dentro de diversos partidos presentes nos 4 países que compreenderiam o Curdistão, enquanto existem curdos no qual o projeto nacional já não é um objetivo político), quanto sociais (existem curdos que são de grupos que ocupam uma elite política, e existem curdos que vieram de ambientes operários; existem curdos que emigraram por serem mão-de-obra necessária, e existem curdos que são refugiados políticos) (MARTIN VAN BRUINEN, 2000), sendo que exemplos das mais diversas formas de expressão de uma identidade curda foram encontrados ao longo da minha pesquisa. Tais diferentes formas de identidade formam, entretanto, um elemento básico de coesão dentro da etnia curda.

Ou seja, uma definição cultural e social do que é ser curdo e de uma identidade curda passa, decisivamente pelas diversas variáveis citadas, além de outras como gênero, idade, educação, entre outras. De tal maneira, assume uma complexidade maior, a tentativa de compreender o meu objeto de estudo (nominalmente, os curdos na Dinamarca) a partir de uma visão cultural que englobe tanto as suas identidades como curdos, e a suas identidades e/ou sociabilidades na Dinamarca.

Entretanto, por mais plural e complexa que tal visão possa ser, em todos os casos, elas passam a depender de dois fatores. O primeiro é de que se é algo aquele ou aquela que se dizem sê-lo/la. Ou seja, é curdo ou é curda, todo aquele indivíduo que se identifique como tal. Faz-se necessário, porém, problematizar tal afirmativa. A identificação como curdo ocorre de diversas maneiras, conforme pude observar ao longo do meu trabalho de campo, além de, tal identificação tem um efeito diferente em diferentes indivíduos, tanto em questões pessoais quanto em relação a comunidade que ele ou ela façam parte (tanto a comunidade dita como Dinamarquesa quanto a comunidade Curda na Dinamarca, especificamente em Copenhague e na região metropolitana da mesma), questão que será explorada ao longo de minha dissertação.

O segundo fator, é que para ser visto como curdo, há uma necessidade de tal indivíduo também ser visto também pelos outros indivíduos curdos, como o mesmo. Tal identificação é sutil, porém, permeia as diversas relações que os curdos tem, tanto entre eles, como com a sociedade dinamarquesa, e de forma mais ampla, global

(OLIVEIRA, 2000) Há indivíduos de uma mesma família que tem a sua identidade como curdo ou curda vista de maneiras distintas pelos outros curdos, além de haver indivíduos que mesmo não sendo curdos, tem um status diferente dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, tanto positiva quanto negativamente. Frequentemente alguns de meus interlocutores me chamavam de “kurdernes ven”, ou seja, “amigo dos curdos”. Outros indivíduos constantemente tinham esse alcunha, especialmente alguns políticos do partido de extrema-esquerda dinamarquês, o Enhedlisten (Partido da Aliança Verde e Vermelha) que levavam discussões sobre o papel do estado dinamarquês frente a questão curda para o “Folketinget” (“o parlamento”), além de pesquisadores e jornalistas que retratavam a situação em Kobanî e Shingal³, além de soldados de diversas nacionalidades que se juntavam à causa curda. Há, portanto, uma importância em ser de uma família de origem curda, ou ter algum laço de parentesco, tanto por descendência quanto por casamento com alguém que se identifique como curdo, para que o indivíduo seja visto como tal dentro da comunidade curda em Copenhague, apesar de tais fatores não serem determinantes na construção de uma identidade curda, servindo constantemente de pré-requisitos para o mesmo.

Portanto, ser “curdo” é uma identidade recorrente, construída tanto socialmente, quanto auto-identificada (porém não arbitrariamente) com alguns aspectos de similaridade entre alguns de seus indivíduos, e que ativa discursos diferentes (em muitos casos completamente divergentes), pautados numa mitologia e numa tradição que se presume como comum, e que entretanto, raramente o são, conforme explicitado por Martin Van Bruinessen.

A maioria dos curdos na Turquia tem um forte senso de pertencimento a um grupo étnico separado, e distinto especialmente em relação aos turcos e as minorias cristãs com as quais convivem. Não há, entretanto, de maneira alguma, uma forma de unanimidade entre eles sobre o que constitui sua identidade étnica e quais são as fronteiras de seu grupo

³ Shingal é o termo utilizado por grande parte dos meus interlocutores para se referir a Sinjâr, uma área no atual território iraquiano, e parte do considerado, por curdos nacionalistas, como pertencendo ao Curdistão. A partir de agora, tal região será sempre referida como Shingal.

étnico. Faz-se necessário afirmar de início precisamente sobre quem eu me refiro, quando em tal artigo, uso a categorização “curdo”. Por razões pragmáticas, uso uma definição um tanto ampla, incluindo todos os falantes nativos dos dialetos pertencentes as linguas iranianas Kurmanji ou Zaza, além daqueles falantes de Turco que afirmam descender de falantes de Kurmanji e Zaza e que ainda (ou novamente) se consideram como curdos. A maioria dos nacionalistas curdos concordaria com tal definição (uma minoria a acharia ainda muito estreita); na prática, muitos curdos usam definições ainda mais estreitas, como mostrarei abaixo. Mesmo essa definição simples traz algumas questões óbvias, como: devem, por exemplo, as pessoas que cresceram como curdas, mas mais tarde se assimilaram voluntariamente a maioria turca, ainda serem chamadas de curdas ou não? (MARTIN VAN BRUINESSEN, 2000)

Ou seja, Bruinessen (2000) propõe de maneira indireta uma questão que aparece constantemente durante minha etnografia, o fato de ser curdo não ser uma identidade na qual o indivíduo nasce imbuído, mas sim uma identidade que requer ações de modo a ativa-la. Ser curdo é uma identidade que pode, portanto, de acordo com a circunstância ser perdida, recuperada ou reencontrada.

Além do mais, a ideia de nacionalidade é relevante, afinal, apesar dos curdos não constituírem, um grupo coeso, a partir do qual seja possível compreender simbolicamente todas as suas interações, mas sim uma miríade de diversos grupos diferentes e que mantêm em comum um sentimento de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008), há um discurso com teor nacionalista que une tais indivíduos, e que no caso específico de minha pesquisa definiu atuações políticas de diversos atores da comunidade curda em Copenhague.

A ideia da criação de uma nação-estado para os curdos (Curdistão) é um fator que determina diversas alianças, além da presença de diversos indivíduos em partidos políticos curdos que atuam em diversos países ao redor da Europa e América do Norte, incluindo a Dinamarca. Há partidos que almejam a independência para uma região do Curdistão, outros que almejam independência para a totalidade do

Curdistão, enquanto, por exemplo, o PKK⁴ deseja só ter uma maior liberdade de autodeterminação para os curdos, ao mesmo tempo que desejam uma mudança profunda no sistema político capitalista, após um longo período no qual o mesmo buscou uma revolução de cunho marxista e um estado curdo.

Em minha pesquisa, pude observar que o PKK é o principal elemento catalizador de expressão política curda dentro da Dinamarca, tendo uma forte participação dentro do Dansk Kurdisk Kulturcenter (Centro de Cultura Curdo-Dinamarquês), localizado em Valby, cidade no subúrbio de Copenhague, além de uma forte influência dentro da FOKUS-A (Organização de Estudantes e Acadêmicos Curdos), organização na qual comecei minha pesquisa etnográfica. Tal influência política, tanto do PKK e de suas ramificações, quanto dos partidos presentes no Curdistão, na organização social e política dos curdos na Dinamarca.

Estudar os curdos na sociedade dinamarquesa, significa, portanto estudar o fenômeno definido como identidade curda (dentro de toda a sua complexidade prática e teórica), e inserido dentro da cultura e do estado dinamarqueses; em relação aos indivíduos nos quais os curdos⁵ (sejam esses curdos, cidadãos dinamarqueses ou não) se relacionam, as posições e os grupos políticos que se utilizam do discurso da identidade curda em oposição ou de forma complementar aos estados-nação com os quais tais indivíduos ou seus pais e avôs nasceram; ou seja, significa estudar como a comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) que define a identidade curda influencia as vivências diárias de tais indivíduos dentro da Dinamarca, além da questão nacionalista (a busca pela construção de um estado curdo) que em certos aspectos funde-se com o aspecto étnico dentro da identidade curda. Significa também, compreender o contexto dos indivíduos que se identificam como curdos em relação a aspectos que se relacionam a elementos culturais que seriam compartilhados tanto por dinamarqueses quanto pelos imigrantes curdos. Além de fatores como o aprendizado do idioma local, a prática de esportes, os filmes, os programas de TV, literatura, entre

⁴ O PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) é um partido político fundado em 1978 no Curdistão turco, e que entre 1984 e 2013 esteve em conflito com o governo turco, sendo considerado pelo mesmo, além de pela União Europeia e pelos EUA como um grupo terrorista. Recentemente, devido a uma mudança ideológica de seu líder, passa a buscar uma sociedade que prescindiria o estado-nação.

⁵ Nesse caso, adoto como cidadão dinamarquês, simplesmente aquele indivíduo que possua cidadania dinamarquesa, o que é uma ocorrência bem comum dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

outros, que não são tradicionalmente compreendidos como parte da identidade curda, devem ser compreendidos como formadores e também como veículos de representação simbólica de tais identidades.

Vemos, portanto, que trabalhar com noções como “cultura imigrante curda” ou uma “sociedade imigrante curda” torna-se extremamente complexa. Não pelo fato dos indivíduos que se identificam como “curdos” não se organizarem, ou não criarem símbolos e interpretações para tudo que concerne a vida dos mesmos inseridos dentro de uma realidade que seja inserida pelos mesmos dentro de cultura curda, mas sim por que, ao utilizar tal conceito (cultura curda), cria-se uma homogeneização dos mesmos que não ocorre na prática, afinal, estamos tratando de indivíduos que fazem compartilhar de diversas identidades, e cujas as mesmas são em certos momentos mais importantes do que as outras, tal qual os paquistaneses estudados na Noruega por Fredrik Barth (2005).

Logo, o estudo da imigração curda está inserido dentro de diversas perspectivas teóricas dentro da antropologia sociocultural – especialmente em relação a estudos sobre etnicidade e nacionalismo. Assuntos esses que serão expandidos e estudados dentro de tal trabalho, além de articulados com minha pesquisa etnográfica. Construindo-se a partir de um conhecimento que já está bastante solidificado dentro da história da disciplina antropológica, o autor espera que o mesmo possa contribuir com uma etnografia que dialogue com tais temas, como a questão do nacionalismo, conforme discutida por Benedict Anderson (2008), e questões sobre etnicidade, conforme estudada por Fredrik Barth (1969), Eric Wolf (1982), Roberto Cardoso de Oliveira (2000), Thomas Hylland Eriksen (2002).

Outro aspecto relevante na construção de um objeto de estudo, ou ainda, na análise de meu objeto de estudo, é a questão imigratória e identitária dentro da Dinamarca, pois é dentro desse panorama que a comunidade curda estará inserida, e é também dentro da mesma que ocorrem as manifestações políticas (manifestações aonde, o lema citado no título de tal trabalho “Bijî Kurdistan/Bevar Kurdistan” e que significa “manter o Curdistão” ou ainda “Proteger a existência do Curdistão” em kurmanji e em dinamarquês costumam aparecer constantemente) organizadas pela comunidade curda, tanto voltadas para membros da comunidade curda, quanto voltada para a população dinamarquesa, e que serão abordados ao longo do trabalho.

A integração cultural, política e econômica da Europa Ocidental (e de partes da Europa Oriental) é um movimento que passa a influenciar praticamente todos os

países do continente, incluindo, obviamente os países membros, os países que almejam, algum dia, virarem membros, além dos países que não são membros mas mantêm relações bastante próximas com a UE, como Noruega, Suíça e Islândia. Ou seja, a União Europeia desenvolve-se como uma instituição na qual os países do continente europeu passam necessariamente a serem inegavelmente influenciados

E, é dentro desse contexto, que a Dinamarca, um país que após a derrota para a Alemanha na guerra de Scwhesleig-Hoslein na segunda metade do século XIX (KORSGAARD, 2006) e que representara o fim de um processo de diminuição territorial do império dinamarquês que já se arrastava desde o século XVII com a perda para a Suécia da província de Skåne, manteve-se relativamente fechado em relação a influência externa, e passara portanto, a criar uma narrativa baseada em serem uma sociedade que preconiza valores como homogeneidade, segurança, proximidade e comunidade passa a entrar em uma ordem política que é em si cosmopolita.

A Dinamarca é portanto, um país membro da União Europeia e que conta com aproximadamente 5,5 milhões de habitantes, dentre os quais, 89,6% são descendentes de cidadãos etnicamente dinamarqueses; enquanto o percentual restante (10,4%), ou são de imigrantes nascidos em outros países, ou são descendentes desses mesmos imigrantes. Dentro desse percentual de aproximadamente 10%, que equivale, em números absolutos a 590 mil habitantes, um percentual de 34% são imigrantes de países considerados como ocidentais⁶, e os 66% restantes – aproximadamente 390 mil habitantes – são imigrantes de países ditos como “não-ocidentais”⁷ (STATBANK.DK,

⁶ Para efeitos estatísticos, considera-se ocidental os países da União Europeia, os países nórdicos não membros da UE (Islândia e Noruega), Andorra, Liechtenstein, Mônaco, São Marino, Suíça, Vaticano, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia e Austrália. E não-ocidental, todos os outros países, englobando portanto, países tão distintos como Japão, Brasil e Somália.

⁷ Há também uma série de etnias minoritárias, mas com um passado mais antigo em relação a Dinamarca, ou com uma história política diferente. Em primeiro lugar, há uma minoria alemã histórica, que remonta ao territórios alemães e que até o século XIX fizeram parte da Dinamarca. Cerca de 15000 indivíduos que se identificam como alemães (não confundir com outros indivíduos alemães que imigraram para a Dinamarca por diversos motivos) mas que são nascidos na Dinamarca e portanto tem passaporte dinamarquês Tal minoria é conhecida como “hjemmetyskere”, ou “alemães de casa”. Existem também cidadãos faroenses e groenlandeses que não se identificam como dinamarqueses, além de terem um idioma próprio, mas que possuem passaporte dinamarquês já que as Ilhas Féroé e a Groelândia são parte do Reino da Dinamarca. O números dos mesmos são, respectivamente, 23 mil e

2013), sendo tais categorizações nativas, ou seja, utilizadas no dia-a-dia pela população local, além de utilizadas pelo governo dinamarquês. Tal definição evoca o trabalho de Fredrik Barth (2005) em relação as diferentes formas de alteridade. Dentro da população dinamarquesa, há diversos graus de construção da alteridade, no qual, fronteiras étnicas são traçadas, sendo umas mais distantes que as outras. Um norueguês e um afegão não são dinamarqueses, mas o dinamarquês reconheceria no norueguês alguém muito mais próximo que no afegão. Se o conceito de etnicidade se baseia em fronteiras simbólicas, algumas fronteiras são mais porosas que outras. Logo, a ideia do que seria um “cidadão etnicamente dinamarquês”, entretanto, não é um dado a priori, mas sim uma construção social constante, e fruto também de uma construção nacionalista. Os mesmos processos históricos que criaram o que é atualmente considerado como território dinamarquês, também servem para construir o que é um dinamarquês, e dentro tal construção encontram-se afinidade entre os mesmos e outras identidades nacionais e étnicas.

Com base em tais números, é possível dizer que a população dinamarquesa é, de acordo com o discurso nativo (KVAALE, 2005) bastante homogênea, do ponto de vista étnico, especialmente em comparação com outros países europeus (como a França, a Inglaterra e a Alemanha), além de Suécia, sua vizinha escandinava, e um dos países que mais recebe refugiados no mundo, (LIEBIG, 2007). O fato de, dentro do número de imigrantes, uma parte considerável vir de países com um afinidade cultural, social e religiosa (países, no caso, ditos e compreendidos como integrantes de uma “civilização ocidental”, para citar a influente distinção criada por Huntington (2011), e apropriada amplamente pelo discurso cotidiano e pelo discurso midiático de formas muitas vezes bastante irrefletida). Cria, portanto, uma sociedade na qual, a ideia e a percepção de que grande parte dos indivíduos seria, ou deveria ser, inserida dentro de uma série de valores e costumes identificados como sendo “ocidentais”.

Nota-se que essa inserção dinamarquesa dentro de uma lógica ocidental, que veria a Dinamarca, mesmo que uma nação com suas particularidades, como primeiramente, uma nação escandinava, e em segundo lugar, um país europeu e em

19 mil – um número bastante elevado – considerando-se a população de ambas as localidades. Além disso, existem dinamarqueses com ascendência judaica ou cigana que mesmo se considerando dinamarqueses, tem uma identidade étnica ao mesmo tempo distinta.

Fontes disponíveis em: <http://www.nordschleswig.dk/SEEEMS/417.asp>, <http://www.dnag.dk/get.file?ID=2783>, e <http://www.dnag.dk/get.file?ID=2699>

terceiro, um país ocidental, que há uma gradação de proximidade e afinidade cultural, percebida claramente por grande parte da população. E os imigrantes que mais se afastassem dentro dessa proximidade cultural aos dinamarqueses, seriam os imigrantes que teriam a maior dificuldade (ou na percepção de alguns, até uma impossibilidade) de, usando o termo nativo, “*at integrere*”, ou seja, de se integrar, ou seja, há, nativamente dentro da Dinamarca, uma série de gradações nas classificações étnicas, e é dentro delas que a comunidade curdo-dinamarquesa está inscrita.

O discurso corrente, tanto midiático, quanto político, além do discurso cotidiano, trata do tema da integração de diversas maneiras. As maneiras nas quais o termo passa a ser utilizado e interpretado devem ser analisadas criticamente, pois afinal, a própria palavra presume que o imigrante ao passar a ser membro de uma outra sociedade, deveria passar a fazer parte integrante da mesma. Portanto, o imigrante deveria cumprir uma série de pré-requisitos caso almeje ser parte da mesma, conforme demonstrado por Mikkel Rytter (2010), ao problematizar a questão da imigração de indivíduos não-europeus através do casamento.

Essa percepção da imigração e dos elementos necessários para integração influencia qualquer sujeito não dinamarquês que passa a morar na Dinamarca, independente de onde ele seja. O aspecto mais importante para a minha pesquisa, entretanto, é compreender como tais experiências relacionadas a imigração, dos indivíduos de origem curda, influencia a sociabilidade dos mesmos dentro do país para o qual passaram a morar, e como tal sociabilidade e tais aspectos de integração passam a afetar a percepção dos mesmos como curdos.

Outro indicador relevante que demonstra uma homogeneidade social dentro do estado dinamarquês, é o elevado percentual de membros da Igreja oficial da Dinamarca, que conta com aproximadamente 80% da população⁸. Tal importância

⁸ Apesar dos números de membros da igreja da Dinamarca (protestante, luterana e evangélica) terem diminuído constantemente, parte majoritária da população ainda faz parte, pagando parte de seus impostos (aproximadamente 1% dos impostos pagos) para a mesma. De acordo com entrevistas e conversas informais que tive no período que morei lá, grande parte o faz para ter um local para se casar, batizar os filhos, e futuramente ser enterrado, ou seja, não necessariamente relacionando-se ao que eles entendem como práticas religiosas (o que em muitos casos faz com que práticas com origem religiosa, como os batizados e os casamentos não sejam visto necessariamente como as sendo), ou mesmo uma crença no cristianismo. Ouvei também como motivo a manutenção das igrejas como monumentos históricos, já que grande parte das mesmas é do período medieval.

dada ao Cristianismo como um suposto formador de identidade nacional ao redor da Europa, torna-se cada vez mais relevante dentro do discurso de extrema-direita frente a uma possível “islamização” da Europa (BANGSTAD, 2014).

Se a conversão ao novo culto monoteísta significou uma inserção dentro da política europeia a partir do momento que a mesma fora adotada, no século XI, o cristianismo como prática social e cultural, antes de ser visto como uma religião, é considerado um forte elemento civilizatório de uma Dinamarca inserida dentro de um contexto europeu e ocidental, ao mesmo tempo que passa a servir como um diferenciador da Dinamarca para os outros países não-europeus (e alguns europeus), algo que pode ser exemplificado por uma narrativa bastante comum no qual diversos dinamarqueses afirmam que a Dinamarca é um país cristão e com um passado “pagão” bastante único em relação ao resto da Europa (excetuando Suécia, Noruega e Islândia).

Algo interessante de ser notado, entretanto, é que tanto hoje, como quando em 1104 fora estabelecida a primeira arquidiocese do país, em Lund (atualmente parte da Suécia), o cristianismo não foi uma religião que englobou o país da maneira como grande parte das narrativas atuais parecem supor. Uma parte da população local manteve as práticas pagãs, e grande parte das mesmas fora absolvida pelos missionários cristãos; hoje em dia, mesmo sendo um país nominalmente cristão, é um dos países do mundo com a maior porcentagem de pessoas que se definem como não pertencendo a alguma religião (KORSGAARD, 2008). O que não impede que um discurso que reafirma as raízes cristãs encontre cada vez mais ressonância dentro da Dinamarca, assim como dentro de outros países europeus, como mostram as recentes eleições para o parlamento europeu, no qual, partidos conservadores e de extrema-direita cresceram bastante. No caso dinamarquês, concentrou 25% dos votos no Dansk Folkeparti, partido com uma retórica fortemente anti-imigração e islamofóbica.

Um número extremamente elevado, ainda mais ao considerar-se que o estado dinamarquês é, culturalmente, um estado secular (sendo um dos primeiros países a descriminalizar a pornografia, o aborto e a reconhecer uniões entre pessoas do mesmo sexo). Havendo, inclusive, um certo desconforto em uma parte considerável dos dinamarqueses em falar sobre assuntos religiosos ou como relação ao mesmo, sendo a mesma considerada de foro íntimo e pessoal (JENKINS, 2012). A religião, portanto, assume um papel que Emile Durkheim (2008) descreveria como um “fato social total”, e que, apesar da ampla não-religiosidade da população etnicamente

dinamarquesa, tal não-religiosidade expressa através de uma simbologia cristã, e ainda, a religiosidade que é considerada como parte de um ethos dinamarquês é aquela englobada pela Igreja Dinamarquesa. Simbolicamente, tal narrativa, como compreendendo uma série de práticas consideradas como tradicionais – e exclusivas de práticas que se divergem das mesmas - dentro da cultura dinamarquesa, encontra eco dentro da visão monolítica que tais políticos (ex: Pia Kjaersgaard) e comentaristas (Lars Hedegaard), além é claro, de um percentual da população local, tem do que é ser dinamarquês. Com isso em mente, faz-se necessário pensar na população imigrante presente no país, mais ainda, a população imigrante que, conforme já fora falado anteriormente, cuja a alteridade é vista de uma maneira mais acentuada pela população local, tanto física quanto culturalmente.

Indivíduos vindos do Oriente Médio e da Somália são vistos como indivíduos que não comem carne de porco, e os principais pratos tradicionais da Dinamarca são feitos com carne de porco; são vistos como pessoas que não bebem álcool, sendo o álcool uma parte integral da sociabilidade dinamarquesa. Tais imigrantes seriam intolerantes aos direitos das mulheres, enquanto na Dinamarca, as mesmas seriam livres e com direitos iguais aos dos homens; os mesmos seriam contra os ganhos liberais e as causas LGBT, e a Dinamarca responderia positivamente as mesmas, entre outros exemplos. Ou seja, elementos mais modernos (direitos das mulheres e dos grupos LGBTs) juntam-se a elementos mais tradicionais (comer porco, consumir álcool) numa narrativa que exporia a incapacidade de tais imigrantes e de seus descendentes em se tornarem parte do que é a Dinamarca⁹. Ou seja, ocorre uma generalização de imigrantes de países com maioria muçulmana no qual a comunidade curda, por exemplo, busca, constantemente, se definir como sendo distinta culturalmente. Tal generalização, além de ser utilizada constantemente no discurso político de partidos conservadores e de direita, também passa a ser adotada por partidos historicamente de esquerda, como o Partido Socialista que afirma que os imigrantes e refugiados na Dinamarca DEVEM trabalhar, implicando que muitos dos mesmos não o façam.

⁹ Tal narrativa é, inclusive, adotada pelo estado dinamarquês, que em sua política de reunificação familiar, analisa se o indivíduo com nacionalidade dinamarquesa tem uma conexão com a Dinamarca que seja maior do que com outros países. Tal política discrimina de maneira bastante aberta indivíduos que não são descendentes de dinamarqueses étnicos.

Obviamente que tais discursos pecam, tanto por generalizar o Islã e suas diversas correntes, e por generalizar as formas que os indivíduos encaram sua própria religiosidade (ou falta da mesma), além de criar uma lista de características de fatores que comporiam o que é ser dinamarquês, que muitas vezes excluiriam os próprios dinamarqueses. Ser vegetariano excluiria alguém de ser dinamarquês? Não existiriam dinamarqueses homofóbicos¹⁰? Ou seja, o discurso que se propõe auto-evidente, cai frente a argumentos bastante simples, porém contundentes. A tentativa de generalizar sobre tanto os imigrantes do Oriente Médio quanto a Dinamarca não sobrevive a uma análise mais profunda.

Há além disso, uma contradição evidente, em que dois discursos competem, entretanto, convergindo para um só objetivo: a visão de que a Dinamarca seria um país de tradições cristãs, ao mesmo tempo em que é um país laico. Um país em que grande parte da sua população não frequenta nenhuma igreja ou congregação religiosa, pode ser visto como um país cristão; ou ainda, um país que tem uma religião oficial do estado, pode ser visto como um país essencialmente laico? As construções de tais discursos e convenções, entre ser um país laico e ser um país cristão, não são apenas exclusividades da Dinamarca, estando presente em diversos outros países ocidentais e da América Latina. Mesmo tendo uma religião oficial, e uma taxa de impostos facultativa para a Igreja da Dinamarca, o papel da religião na vida pública e política, é muito menor que nos EUA, ou até mesmo no Brasil, por exemplo, ambos países republicanos e constitucionalmente laicos.

Há na Dinamarca, portanto, um fundo cristão, cujas práticas são mais relacionadas a tradições que se misturam com elementos nacionalistas do que relacionadas a práticas estritamente religiosas como, por exemplo, no Natal, aonde tradições e práticas que moldam a sociabilidade dinamarquesa, sem nenhum vínculo direto com a comemoração do nascimento de Cristo, como, por exemplo, o hábito de se enfeitar a árvore de Natal com bandeiras dinamarquesas, que surge com a proibição do uso de símbolos nacionais durante a ocupação nazista, e que continua sendo praticada em diversos lares.

¹⁰ O Danske Folkeparti é, inclusive, um dos partidos que dentro da política local, tem constantemente políticos acusados de comentários homofóbicos, e que se posicionam em favor da “família dinamarquesa tradicional”.

É dentro dessas complexas formas de interação e sociabilidade que, em alguns casos inspira-se em tradições e práticas simbolicamente cristãs, e que em outros momentos, renega qualquer forma de influência religiosa no domínio público, e se reflete também, na grande estranheza e desconforto, que grande parte da população local tem em abordar assuntos de cunho religioso, que a vinda de uma população imigrante, com hábitos, religiosos ou não, terá que conviver e se sociabilizar, em arenas, cujas práticas, são majoritariamente compreendidas dentro de uma inserção dinamarquesa. Ou seja, há uma série de fatores (como domínio do idioma), que serão discutidos de forma mais ampla nos próximos capítulos, nos quais, esses imigrantes, e os descendentes dos mesmos, precisam dominar para conseguirem manter uma vida em solo dinamarquês.

Tais condições também são apresentados aos cidadãos etnicamente dinamarqueses,, entretanto, no casos dos mesmos, eles são sociabilizados quase sempre, em ambientes estritamente considerados como dinamarqueses, além de começarem tal sociabilização desde a mais tenra idade, enquanto todos os meus entrevistados, ou veio para a Dinamarca com uma certa idade, ou tem uma sociabilidade curda dentro de casa, e outra, de cunho dinamarquês, em ambientes públicos, como creches, escolas, universidades, emprego.

Além disso, outro fator que ajuda a explicar a relação que a Dinamarca tem com a imigração, é a igualdade social, uma constante história dentro de um país que tem, de acordo com o índice GINI, a menor disparidade econômica e social do mundo, pode-se dizer, que, de fato, a Dinamarca é, e tem sido, historicamente, pelo menos a partir de sua fundação como uma monarquia representativa, um território com uma população bastante homogênea¹¹ (KORSGAARD, 2006).

Portanto, temos no caso dinamarquês, um país na qual uma narrativa cotidiana afirma que a Dinamarca é uma nação cristã – ou com práticas sociais cristãs ou inspiradas pelo cristianismo, presente a quase um milênio no país, como batizados, casamentos, funerais, feriados religiosos – porém orgulhosa de seu passado Viking,

¹¹ Entretanto, apesar desse discurso de homogeneidade, um dos principais símbolos nacionais dinamarqueses tem se adaptado aos novos tempos: sua monarquia. Rainha Margrethe (a primeira mulher a assumir a coroa, após uma mudança constitucional que permitiu que mulheres ascendessem ao trono, após seu pai ter tido somente 3 filhas e nenhum filho) é casada com um francês. Seu filho mais velho, e herdeiro ao trono, Frederik, é casado com uma cidadã australiana, enquanto seu filho mais novo casara-se com uma cidadã de Hong Kong.

além de ser um país laico e com liberdade de culto religioso; uma nação que fora constituída por toda sua história de uma maneira bastante fechada, igualitária e homogênea sendo confrontada por mudanças políticas e demográficas que passam a desafiar tal narrativa, que para muitos é um fato imemoriável sobre o país que fazem parte. Tais conceitos e narrativas articulam-se entre si para a criação de uma idealização étnico-nacional que, em dinamarquês, recebe o nome de “*danskhed*”, que em português pode ser descrito como “danesidade”.

O conceito de “danesidade”, como um norteador das interações e da cultura dinamarquesa, há de ser percebido como uma série de relações sociais, questões relacionadas a parentesco, o domínio do idioma, conhecimento de certos elementos culturais e artísticos da Dinamarca. Além de ideais de segurança, solidariedade e confiança tanto em outros indivíduos dinamarqueses, como ainda no estado e na sociedade dinamarquesas. Tais características são encontradas dentro da Dinamarca, e são vistas por muitos como as responsáveis pela manutenção do estado de bem-estar social presente no país desde a década de 1950. E em relação as relações pessoais, há uma ideia de danesidade que privilegia questões como a pacificidade, o conforto e a felicidade, o que faz com que uma metáfora da Dinamarca como uma família (RYTTER, 2010) seja uma narrativa constante dentro do país. E é dentro dessa “família dinamarquesa” que indivíduos não dinamarqueses que imigram passam a morar; e se há uma família dinamarquesa, há parentes próximos, parentes distantes e não-parentes, todos essas categorias definidas através dos diferentes níveis de alteridade. Portanto, a danesidade passa a ser construída sobre uma série de valores cuja a narrativa local afirmam serem “tradicionais”, ou ainda, “definidores” do que é “ser dinamarquês”. E é em oposição a tal narrativa que grande parte dos imigrantes são analisados, havendo, para muitos, casos de imigrantes cuja capacidade de integração e adoção de tais valores é completamente impossível e incompatível com os valores dinamarqueses. E é de tal maneira que, imigrantes do Oriente Médio, como os curdos são vistos por diversos setores da sociedade (setores cada vez maiores, a julgar pelas eleições nacionais de 2015).

E é dentro dessa narrativa que a visão da imigração, e a reação que a mesma causa dentro da sociedade dinamarquesa deve buscar ser compreendida, para que, possamos entender como os imigrantes, no caso dessa pesquisa, de origem curda, tem suas experiências , e interpretam as mesmas simbolicamente, ao passarem a fazer parte de tal sociedade. Tal contexto histórico e social, no caso dinamarquês, gera duas

consequências em relação ao discurso sobre a imigração, principalmente tratando-se de imigrantes oriundos de países majoritariamente muçulmanos, e que, historicamente tem sido representados e percebidos pela população europeia como sendo completamente diferente (SAID, 2008).

Podemos identificar dois extremos de posicionamento político, no qual grande parte da população se situaria entre um e outro (KVAALE, 2005). A primeira é uma ideia, que politicamente, tem sido mais encampada pelos partidos mais a esquerda do espectro político, que é uma posição, que seguindo a tradição de autores como Hall e Du Gay (1996), estaria inserida dentro de uma ideia de multiculturalismo, realçando as vantagens culturais da imigração e a possibilidade de convivência entre indivíduos identificados com matrizes culturais distintas, além da possibilidade de uma transformação e incorporação cultural com base em elementos estrangeiros. Uma ideia, que portanto, dentro da perspectiva multiculturalista que pauta grande parte da esquerda local, entende a discurso isolacionista dinamarquês como algo a ser constantemente combatido e renegado, afinal, tal postura não seria condizente com uma realidade pós-colonial e pós-Guerra Fria; o presente deve ser um tempo de tolerância e respeito mútuos.

E, como já fora citado, segunda seria a incapacidade do imigrante – entenda-se nesse caso o imigrante não-ocidental, e que é quase sempre entendido e visto quase como um imigrante ou muçulmano ou de Oriente Médio ou ainda de, maneira mais ampla, de algum país não ocidental (excetuando-se talvez, e em alguns casos somente, a América Latina, e o Japão) – de se adaptar ao modo de vida dinamarquês, e uma impossibilidade do mesmo de compreender e reproduzir satisfatoriamente as relações sociais de tal sociedade. Sendo assim, tal imigrante seria uma ameaça simbólica (e constante) à “*danskhed*”, a ideia de ser dinamarquês, e todo o processo histórico que leva a construção de tal identidade, ou seja, uma ideia de “danesidade”, a qual já fora abordada brevemente anteriormente, além de serem vistos como um peso econômico constante para o estado de Bem-Estar Social local.

Ambos os casos de discurso midiático e político, costuma recair (de maneiras distintas e em diferentes níveis) no erro de, em primeiro lugar, supor que tais imigrantes sejam um grupo homogêneo, afinal, a percepção e a visão de tais indivíduos como culturalmente coesos e identificado como imigrantes surge, a priori, ou seja a partir dos indivíduos que se veem como não-imigrantes, ou “nativos”, e em segundo lugar, com a falta de agência que costuma ser atribuída aos mesmos. Se no

primeiro caso, o do discurso politicamente mais associado à esquerda, os imigrantes são significados como uma forma de transformar a sociedade dinamarquesa em uma sociedade multicultural, no segundo caso - o discurso mais identificado com a direita – o imigrante não-ocidental, é visto como a provável ruína da mesma.

Compreendendo o início da imigração para a Dinamarca, como um fenômeno recente, afinal, surge de uma maneira acentuada, apenas a partir dos anos 60/70, com a vinda dos primeiros trabalhadores convidados e posterior vinda da família dos mesmos, contexto esse, que surge constantemente como marco inicial da chegada da família de diversos dos meus interlocutores, e os impactos que tal fenômeno tem, tanto social quanto culturalmente dentro da sociedade dinamarquesa, encontramos diversos grupos e identidades que ao passarem a morar na Dinamarca, passam a conviver dentro de uma sociedade com hábitos, costumes, religião, ou seja, com uma cultura distinta do seu local de origem (BARTH, 2005, p.16-19) e que, ao mesmo tempo que passam a ser influenciados por tudo o que eles vem como parte da cultura dinamarquesa (leia-se valores, hábitos, legislação, culinária, sociabilidade, entre outros) passam, por sua maneira, a influenciar os mesmos.

Inserido numa pesquisa antropológica, portanto, encontra-se dentre um dos casos de estudo relevante em relação a imigração, a situação (dentre muitas outras possíveis) dos imigrantes curdos dentro de um contexto europeu, mas precisamente dentro da Dinamarca, país no qual a ideia de que o espaço para o imigrante seria semelhante ao espaço de um hóspede em uma casa que lhe é oferecida por bondade é constantemente reforçada e faz parte do discurso constante em relação a imigração (HERVIK, 2005), e que portanto, influenciaria a sociabilidade dos mesmos, e o aprendizado que tais indivíduos teriam que construir constantemente de maneira a se adaptar e viver em seu novo lar.

A construção de um objeto de estudo, no meu caso, imigrantes de origem curda que vivam na Dinamarca, é um primeiro passo para a construção de uma dissertação, porém, há uma necessidade de se ter um referencial teórico pelo qual eu possa analisar os dados obtidos durante a minha etnografia, e dentro do qual, a minha dissertação será discutida e inserida. Conceitos como nacionalismo e etnicidade serão extremamente úteis na compreensão do meu objeto de análise.

Uma análise aprofundada do conceito de nacionalismo, será de grande auxílio para compreender as aspirações de um projeto nacional reivindicado por uma parte considerável dos curdos que vivem na Dinamarca, ao mesmo tempo em que os

mesmos fazem parte de um estado-nação moderno, sujeitos a todas as implicações e privilégios que tal pertencimento promova. Se as dinâmicas que ajudaram a formar o estado dinamarquês ajudam a compreender a história atual na qual os meus interlocutores necessitam dialogar, as mesmas também ajudam a compreender como tal estado passa a relacionar-se com a causa curda, além de ajudar a compreender como os curdos passam a buscar o apoio da sociedade civil e do estado dinamarquês motivados por um objetivo que passe pela ideia de um Curdistão como nação independente, ou pelos curdos como um povo capaz de se expressar culturalmente dentro das dinâmicas estatais que estão inseridos.

As diferentes formulações em relação ao nacionalismo como uma forma de organização, não somente política, mas também identitária e discursiva (ANDERSON, 2008, p. 14-20), em composição a ideia de etnicidade e os conceitos que se relacionam com a mesma, auxiliam na compreensão, tanto da ideia de um estado-nação curdo (e as características que os indivíduos que se identificam de tal maneira veem como parte da mesma), como para entender a relação dos cidadãos etnicamente dinamarqueses e os imigrantes, especialmente, é claro, os de origem curda.

A ideia de uma nação como uma comunidade imaginada, conforme a citação clássica de Benedict Anderson (2008) é uma ferramenta poderosa na busca da compreensão do nacionalismo curdo, já que há uma identidade étnica compartilhada entre uma população tanto nos estados que contém o Curdistão quanto em diáspora, e dentro de tal comunidade imaginada, em diversos momentos histórico, por diversos atores curdos, houve uma tentativa de criação de um estado nacional curdo. Tais tentativas fazem parte também de uma narrativa identitária curda, e que apesar de no caso curdo, ter origem em um nacionalismo inspirado pelo sunismo, algo que para Anderson (2008) seria perdido no estado nação como elemento de união, acaba por superar tal identidade religiosa, e agrupar outras minorias religiosas dentro de uma narrativa nacional. Em entrevista realizada com um político de origem curda e membro do Partido Socialista do Povo, além de vereador em sua cidade na cidade de Lyngby, região metropolitana de Copenhague, o mesmo me afirmou, após eu entrar no assunto sobre a falta de liberdade que aflige os curdos dentro da Turquia atualmente:

Of course, the important is that you find a solution where Kurds can have their own rights, they will institutionalize their language and culture, develop it, and it would have relations with all the 3 parts. Which will create a huge Kurdish imagined community, which would be strong enough in the future, both politically and economically. That's the most important thing for me right now. (ENTREVISTA COM SERDAL BENLI)

Após tal afirmação, eu lhe perguntei se essa comunidade imaginada já não existiria, no qual o mesmo me afirmo que gostaria que tal comunidade fosse mais forte, e com uma representação política mais forte. Ou seja, dentro da comunidade curda há um sentimento de que a comunidade curda é algo que existe e pode ser quantificado (há indivíduos curdos, que se definem como curdos, e há indivíduos que não são curdos), além de haver um objetivo dentre diversos grupos políticos em tentar influenciar tal formulação.

Conforme formulado por Benedict Anderson (2008), em tal trabalho, a construção de uma comunidade imaginada, em oposição a uma comunidade “real” , ocorre, não devido ao contato diário ou visual entre todos os seus membros como seria dentro de uma comunidade, como uma família ou um grupo de pessoas que se reúne numa igreja ou num clube de leituras, mas sim pelo sentimento de pertencimento dentre diversos indivíduos que jamais se virão, ou porventura entrarão em contato um com os outros. Nas palavras do próprio autor britânico:

Em um espírito antropológico, então, eu proponho a seguinte definição de nação: é uma comunidade política imaginada – e imaginada tanto como inerentemente limitada e soberana. Ela é *imaginada* por quê até os membros da menor nação jamais conhecerão a maioria de seus outros membros, saberá quem são ou até ouvir sobre os mesmos, entretanto, na mente de cada, vive a imagem de sua comunhão. (BENEDICT ANDERSON, 2008)

Portanto, Benedict Anderson (2008) define, em seu estudo sobre nacionalismo, que uma nação seria uma comunidade imaginada, na qual os seus membros presumiriam ter uma identidade em comum. Tal percepção ontológica nos dá uma série de fatores a se considerar em relação aos curdos, que constituem uma nação sem ter um estado, apesar das diversas tentativas históricas de poderem construir e criar um estado para os mesmos.

E é dentro desse contexto, no qual, os curdos organizam-se politicamente numa tentativa de criar uma nação própria, e também no qual, os estados em que o território do Curdistão está contido se mobilizam para poderem impedir a construção do mesmo.

Entretanto, o que tais estados e seus governantes jamais poderão controlar é a capacidade da população curda em construir sua própria identidade comum, e articular tal identidade dentro dos diversos contextos nos quais os mesmos estão inseridos. Se nas diversas comunidades imaginadas que se encontram representadas politicamente dentro de um estado-nação, ao redor do planeta, o processo de formação de uma consciência nacional passou e ainda passa por diversos elementos distintos, como o uso da imprensa, a criação de editoras com um alcance em todo o território nacional, os meios de comunicação de massa, a mídia, os museus, as universidades, a literatura, os esportes, o uso de símbolos nacionais, entre outros. No caso dos indivíduos que se identificam como curdos, os mesmos processos ocorrem, apesar da repressão que ocorre dentro de países como Turquia e Irã.

Os curdos, entretanto, devido tanto a repressão encontrada nos países que ocupam o território disputado como Curdistão, e a imigração em busca de emprego e condições melhores de vida passam a constituir comunidades representativas em diversos países do mundo, especialmente dentro da Europa Ocidental e da América do Norte. Nesses países, nos quais os mesmos tem uma liberdade maior de expressão, é possível perceber diversos dos fatores citados anteriormente. O uso de bandeiras do Curdistão ou de diversos partidos políticos curdos, a mídia composta por diversos canais de TV, rádio, sites de notícia, jornais, o uso do idioma (tanto o Kurmanji, quanto o Sôrani), o uso de trajes típicos, artes como a dança, a música, a poesia, o cinema, são ferramentas poderosas na criação de uma identidade compartilhada por tais indivíduos, mesmo estando distantes do território considerado pelos mesmos como sua terra natal.

De tal maneira, os curdos também fazem uso dos diversos fatores que ajudaram na construção dos diversos estados-nação ao redor do planeta, mesmo não tendo um estado-nação que os represente. Sendo, de acordo com Benedict Anderson (2008) o fruto do capitalismo e da revolução industrial, e se grande parte dos processos que permitem a criação dos mesmos (imprensa, meios de comunicação, entre outros) surgem junto com a revolução industrial, as nações não surgem dentro de um vácuo, conforme sugeriria Anthony D. Smith (1986), mas sim dentro de uma identidade anterior ao final do século XVIII e início do século XIX. Para Anthony D. Smith (1986), haveria, necessariamente, uma narrativa que uniria tais indivíduos, e tal narrativa surge antes do fenômeno do nacionalismo em si, sendo ressignificados durante o surgimento dos mesmos.

Portanto, no trabalho de Anthony D. Smith (1986), há o que o mesmo chama de “etnosimbolismo”, no qual o nacionalismo, apesar de um fenômeno moderno, baseia-se em ideias étnicas dominantes, e que portanto, surge através das diversas relações de afinidade, parentesco, religião, existentes pré-Revolução Industrial.

Meu objeto de análise – imigrantes de origem curda – não encontram-se no território considerado como o Curdistão, e em muitos casos imigraram de cidades e localidades de fora do Curdistão, devido principalmente a migração (tanto forçada devido a tentativa de processos de assimilação, quanto voluntária por melhores condições econômicas), entretanto, os mesmos carregam um sentimento de pertencimento a uma comunidade curda que existe, independente de onde tais indivíduos possam se encontrar, ou das tentativas de apagar sua identidade étnica, tal ideia, nos discursos dos mesmos e nos relatos históricos precedem a revolução industrial. É essa ideia de pertencimento que no caso curdo ultrapassa qualquer fronteira nacional que sustenta a afirmação de meus interlocutores de que haveria uma nação curda, mesmo que em diáspora e mesmo que sem um estado que a represente.

O conceito de etnicidade ou de etnia também ajuda a compreender melhor o meu objeto de estudo e suas relações sociais, tanto entre eles, quanto com cidadãos dinamarqueses ou de outras etnias. Martin van Bruinessen (2000) argumenta que os conceitos de nacionalidade e etnicidade, no contexto curdo, passam a se articular inseridos dentro de uma narrativa que busca a construção¹² de um estado-nação para a

¹² Nem sempre, entretanto, a tentativa de construção de um estado-nação curdo é um objetivo em si mesmo. Alguns dos defensores do Abdullah Ocälän pregam a crença num sistema político chamado

população que se auto-identifique com o sendo de origem curda. A ideia, portanto, de um Curdistão, organiza em diversas localidades, tanto dentro de onde seria o local visto como pertencendo a população curda, quanto dentro dos países nos quais imigrantes e descendentes de imigrantes de origem curda habitam, uma forma de organização política e cultural que une os diversos indivíduos curdos. Logo, se não há efetivamente um estado-nação curdo, também não há somente uma imaginação do que é Curdistão, havendo narrativas concorrentes dentro de tal conceituação.

Tal forma de organização política (a ideia da criação de um estado-nacional curdo) articula-se com outras formas identitárias dentro dos diversos indivíduos de origem curda na criação de uma sociabilidade a luz do fenômeno social compreendido como etnicidade. O conceito de etnicidade tem uma longa trajetória dentro da antropologia social. Portanto para uma compreensão melhor, de uma forma geral, do meu objeto de estudo, faz-se necessário abordar de maneira mais clara e precisa a discussão teórica sobre tal conceito.

Em primeiro lugar, é necessária frisar a compreensão do conceito de etnicidade como uma construção social, que em seu discurso, busca em primeiro lugar alcançar uma identidade que se apresenta, factualmente, como sendo mais recente do que o discurso dentro da mesma; e em segundo lugar, como uma forma de construção da alteridade – uma definição ontológica de diversos atores sociais como pertencendo ou não a determinados grupos (ERIKSEN, 2002, p.42-75).

Logo, a ideia de etnicidade não está ligada necessariamente a uma localidade geográfica, a uma questão dita como natural (ao longo da história humana, tal ideia de “natural” começa com a ideia de raça para hoje em dia estar ligada a uma ideia genética), ou a uma questão cultural, compreendendo cultural como qualquer coisa que seja compartilhada entre um grupo de indivíduos.

Uma etnia, e agora sigo a análise do antropólogo Frederik Barth (1969), surge através das diferenças culturais que seriam socialmente organizadas. Há, obviamente, dentro de qualquer grupo que se identifique como pertencendo a uma certa etnia diversas diferenças sobre diversos assuntos; entretanto, há uma série de elementos

federativismo, e que precederia a organização política através dos estados-nação. Entretanto, percebi que nem todos os proponentes de tal forma de organização política levam tais preceitos a prática, posto que muitos deles comemoravam e discutiam com otimismo a perspectiva de um estado curdo ao menos no território iraquiano logo após aos ataques do grupo extremista Daesh em Kirkuk e a capacidade dos peshmergas em conter o avanço dos mesmos sobre o território de maioria curda.

culturais que funcionam como limite demarcando as diferenças que são fundamentais na construção de uma ideia de “nós” e de uma ideia de “outro”. Tais limites são extremamente fluídos e extremamente variáveis ao longo do tempo, e passíveis das mais diferentes formas de influência externa ou interna, entretanto, tais mudanças são extremamente perceptíveis aos membros de uma etnia, dependendo assim do contexto no qual tais interações são localizadas e no caráter relacional dos diversos indivíduos que fazem parte tanto do “nós” quanto do “outro”. Portanto, a formação de grupos étnicos segue dois fatores acima de qualquer coisa: a auto-identificação dentro de tal grupo, e a identificação dos indivíduos por outros que constituem tal grupo étnico.

Logo, aquilo que chamamos de etnicidade para Frederik Barth (1969, 1995) é a maneira na qual qualquer diferença cultural passa a se organizar de forma compreensível, se refletindo assim nas relações sociais dos indivíduos pertencentes ou não a determinado grupo. Tais grupos não surgem devido a uma questão compartilhada culturalmente, mas do contrário, surgindo a partir de diferenças culturais que possam ter um valor simbólico relevante dentro de tal grupo étnico, sendo que tais valores tem diversas interpretações possíveis.

Se etnicidade é um atributo que é constantemente construído tanto por atribuição externa quanto por auto-identificação interna (BARTH, 1969). Ou seja, a etnicidade, para Barth, é um fator que surge por dois movimentos, um que vem de uma maneira externo, logo, a etnicidade ocorre através de uma negociação constante dentro da mesma e com membros que não compartilhem de tal etnicidade, e um outro no qual o indivíduo se identifica como membro da mesma através de diversos fatores que podem atuar em conjunto, como religião, nacionalidade, história, ideologia, algum mito formador, rituais, entre outros. O próprio autor norueguês oferece uma descrição bastante precisa do seu conceito de etnicidade.

Em primeiro lugar, é claro que as fronteiras persistem apesar de um fluxo de pessoas através das mesmas. Em outras palavras, distinções étnicas categóricas não dependem da ausência de mobilidade, contato ou informação, mas ocasionam-se de processos sociais de exclusão e incorporação aonde categorias discretas são mantidas apesar de mudanças na participação e filiação através do curso das histórias de vidas individuais. Em segundo lugar, percebe-se que relações

sociais estáveis, persistentes e constantemente relações importantes e vitais são mantidas através dessas mesmas fronteiras e que são frequentemente baseadas precisamente nesses estados étnicos dicotômicos. Em outras palavras, distinções étnicas não dependem da ausência de relações sociais e aceitação, mas, de forma contrária, são constantemente as mesmas fundações nos quais tais sistemas abrangentes são fundados. (FREDERIK BARTH, 1969, p.9-10)

No caso dos curdos, um exemplo simples, porém esclarecedor da definição proposta Frederik Barth (1969), encontra-se entre curdos que moram na Turquia, e que também se reflete na comunidade curda-dinamarquesa, e a perseguição pelo uso de algo como a letra X, devido a mesma estar presente no alfabeto kurmanji, mas não no alfabeto turco, e que passa a ser um marcador social relevante na construção da identidade curda, ao menos dentro da Turquia, e não construção pelos curdos, dos não-curdos.

O discurso relacionado a tal questão, se desenvolve, baseado nos diversos relatos que ouvi, de diversos interlocutores durante meu trabalho de campo, aproximadamente de tal maneira:

“Nós, curdos, temos a letra X em nosso idioma e não podemos utilizá-la dentro do território curdo em posse da Turquia. Mesmo eu não sendo curdo que habita na Turquia, sinto-me compelido a registrar, lutar e protestar contra a injustiça inerente a tal fato, e sei que, eu e minha família também seriam perseguidos, caso não estivéssemos na Dinamarca, pelo mesmo motivo.”

Portanto, exemplificando o conceito de etnicidade de Barth, o caso dos curdos é bastante esclarecedor. As fronteiras do território que define o que seria teoricamente o Curdistão não são suficientes para esclarecer, unicamente, o que é ser curdo; nem as diversas políticas de assimilação e acultramento dos estados que existem dentro de tal território obtiveram sucesso em transformar a população curda em turcos,

iranianos, iraquianos ou sírios. Da mesma maneira, serem uma população imigrante ou descendentes de imigrantes num país europeu não evitou que os mesmos trouxessem o que os mesmos chamaria de aspectos de sua cultura e os interpretassem dentro da Dinamarca. A constante convivência com indivíduos dinamarqueses (ou de outras etnias) funciona não como uma forma de abandono de uma identidade curda, mas sim, de uma reafirmação da mesma, ou de uma interpretação da sociedade e cultura dinamarquesas através de uma perspectiva curda, ou vice-versa.

Outras perspectivas relacionadas ao conceito de etnicidade que podem ser aplicadas em relação ao meu objeto de estudo incluem a ideia de Clifford Geertz (1973) na qual etnicidade, apesar de ser uma construção social, baseia-se num mito fundacional a priori; sendo constantemente percebida como algo inerente. A crítica de Eric Wolf (1982) a uma pressuposta universalidade do conceito de etnicidade, sendo que a mesma surge através de certas condições relacionadas a interação de diversos grupos.

Além disso, o mesmo Frederik Barth (1962) trabalhara com a organização social e política num contexto curdo, sendo um dos primeiros autores a lidar com tal etnia. As relações de poder e as relações familiares dentro das diversas comunidades curdas localizadas em duas províncias do Iraque mostram a forma pela qual tal comunidade se diferencia dos grupos étnicos que a cercam, e constroem, a partir daí, suas identidades. Tal trabalho, portanto, torna-se extremamente útil na compreensão do meu objeto de estudo através de um viés histórico, tanto ao abordar as relações sociais e políticas dos curdos naquela região do Iraque, quanto ao mostrar, historicamente, como tais relações tem se desenvolvido. Já Paulo Pinto (2012), ao lidar com o sufismo entre os curdos na Síria, além de mostrar como tais práticas religiosas se articulam dentro das práticas xiitas, analisa também as diferentes formas de integração de imigrantes rurais dentro das comunidades urbanas, principalmente na cidade de Aleppo, e como o idioma religioso local pode ser utilizado pelos mesmos como forma de inserção na comunidade muçulmana de Aleppo.

Todos esses autores servem como uma maneira de situar meu objeto de estudo dentro de uma perspectiva teórica dentro da disciplina antropológica. Servem, portanto, como uma forma de compreender as relações dos meus interlocutores – imigrantes de origem curda dentro da Dinamarca – de uma forma mais organizada e embasada.

ii) Metodologia:

Meu trabalho etnográfico ocorre em dois momentos distintos. O primeiro, no ano de 2014, ocorre entre o início do mês de junho até o início do mês de setembro; o segundo, ocorre entre o mês de janeiro e fevereiro de 2015. Durante esse período, conduzi minha observação-participante, de diversas maneiras, que incluem, ir a reuniões organizacionais da FOKUS-A (Organização de Estudantes e Acadêmicos Curdos), frequentar o Centro de Cultura Dinamarquês-Curdo, participar de manifestações curdas em toda a Copenhague, entrevistas formais com meus interlocutores, além de conversas informais com os mesmos, em diversos contextos, desde a almoços e conversas após manifestações, até a conversas via Facebook, além da leitura de textos, artigos e discursos utilizados por manifestantes curdos durante as demonstrações que tenho frequentado, sendo que tais interações ocorrem em diversos contextos linguísticos que serão abordados futuramente.

As entrevistas que fiz foram gravadas e depois reouvadas e transcritas para uma maior análise. Tal artifício foi utilizado por permitir que meus interlocutores possam engajar-se melhor com suas próprias memórias e suas experiências, ao mesmo tempo que as reinterpretem de uma maneira mais refletida. Participar de atividades relacionadas a cultura e a política, ou em momentos nas quais as duas se interlaçavam curda ajudou-me na medida em que pude analisar como as mesmas se organizavam, o uso de símbolos, quais idiomas seriam utilizados, e como ocorriam as relações sociais dos mesmos. Tais dinâmicas e articulações serão analisadas de uma maneira mais extensa ao redor da minha dissertação.

Há de se problematizar também a questão do idioma utilizado durante as minhas pesquisas. Meu conhecimento de dinamarquês é intermediário, de forma, que preferi utilizar o inglês como forma de me comunicar com meus interlocutores. A grande parte dos mesmos era fluente em inglês, com alguns com um domínio do idioma não tão avançado quanto o de outros. Tais indivíduos, geralmente, haviam se mudado para a Dinamarca num momento mais tarde de suas vidas e ainda, não trabalhavam ou estudavam com algo que requeria o uso constante do inglês. Nesses casos, o uso do dinamarquês se tornou de extrema ajuda. Em relação ao idioma materno, conforme será falado ao longo do trabalho, muitos são fluentes desde pequenos num idioma curdo, enquanto outros o aprendem após uma certa idade (tanto

por desejo próprio quanto por desejo familiar), há também aqueles que não falam nenhum idioma curdo mas falam algum idioma do Oriente Médio (árabe, persa ou turco), também existem outros que só falam dinamarquês.

Outro momento importante de minha pesquisa foi a minha presença em diversas manifestações públicas relacionadas a causa curda, e foi, durante as mesmas, que pude observar uma mudança significativa no tom das mesmas, causada pela tragédia com a minoria yazidi nas montanhas de Shingâl (Sinjar), devido a um ataque do grupo extremista ISIS. Tal mudança será analisada de maneira mais detalhada ao longo do meu trabalho, porém, de maneira reduzida, afirmo que houve duas mudanças fundamentais no objetivo além da presença dos indivíduos nas mesmas.

Se num primeiro momento, as manifestações ou eram relacionadas a cultura curda ou a atuação política de um ou outro partido curdo, e o número presente variava (mas sempre menos que num segundo momento), a presença de meios de comunicação curdos, ou seja, buscando um diálogo somente com indivíduos curdos, num segundo momento ocorrem mudanças significativas. Os diversos partidos dinamarqueses (principalmente representantes de partidos de esquerda, porém não exclusivamente) estão presentes nas mesmas manifestações, os discursos são em dinamarquês, há uma presença de políticos dinamarqueses, além de um apoio da população dinamarquesa de origem não-curda, além da presença de diversos meios de comunicação locais e até de um pesquisador local sobre a religião yazidi. Se nas primeiras os gritos de “Bevar Kurdistan/Bijî Kurdistan” eram uma celebração, no segundo caso, variavam entre uma ordem, uma súplica ou ainda uma obrigação moral que deveria ser explicitada a todos. Conforme um dos meus interlocutores me falara, a defesa da identidade curda deve ser uma obrigação para todos que saibam sobre as injustiças sofridas por tal povo.

As conversas informais me deram uma dimensão maior das interações de diversos indivíduos em um ambiente no qual a discussão sobre identidade curda não estava em primeiro plano (apesar de estar sempre presente, afinal, são indivíduos curdos), e no qual os mesmos poderiam conversar sobre assuntos corriqueiros, ao mesmo tempo em que comentários sobre a situação política do Curdistão apareceriam, os mesmos apareceriam de uma maneira mais orgânica e menos compromissada com um discurso oficial.

Seria também aonde relações sociais de amizade, rivalidade, relacionamentos afetivos, entre outros estariam mais expostos, permitindo, portanto, que informações

obtidas através de outras maneiras pudessem ser analisadas de uma maneira mais crítica. Além do mais, tais interações foram de um locus de celebração ou manifestação da cultura curda; ou que a relação entre antropólogo e nativo não esteja sendo colocada de maneira tão óbvia colabora para que tanto o pesquisador quanto seus pesquisados criem uma relação de confiança maior, colaborando assim para a inserção do mesmo entre a comunidade com a quem deseja estudar.

A presença em reuniões da FOKUS-A e do Centro de Cultura Curdo-Dinamarquesa ajudaram-me a perceber os objetivos e as formas que os mesmos se organizavam política e culturalmente, tanto de forma a alcançar os curdos que vivem na Dinamarca, quanto os próprios cidadãos dinamarqueses. Se por um lado há uma organização burocrática de ambas as organizações frente ao estado dinamarquês, em relação ao reconhecimento oficial das mesmas como em um caso, uma entidade cultural, e em outro uma organização estudantil, e tais questões oficiais precisam ser decididas e lidadas de forma organizada e oficial, há também discussões sobre os planos e as diretrizes de ação das mesmas ao longo do ano. Entre organizar viagens para o Curdistão, demonstrações em conjunto com outros grupos, fóruns de debates, aulas de dança típica e do idioma curdo, além de criar uma ponte com outras organizações e com a sociedade civil, todas essas atividades e planos de ação são discutidos pelos membros do conselho.

Antes da minha primeira viagem e após o meu retorno, mantive contato com meus informantes, e com os grupos de interesses curdos na internet, através tanto do Facebook quanto do Twitter (e de menor maneira, através do Instagram). Num primeiro instante, que começa no início do ano, passei a pesquisar sobre a existência de grupos relacionados a identidade curda no Facebook, além de páginas na internet com o mesmo teor. Após mapear algumas delas, entrei em contato, através da página da mesma no Facebook, sobre a possibilidade de fazer um trabalho de campo que envolvesse entrevistas, participação em eventos, participação em reuniões da mesma, no que fui prontamente aceito, com bastante disposição.

Esmer, a pessoa que estava por trás das atualizações do página da organização no Facebook, me adicionou no Facebook, e depois da primeira reunião que tive, consegui o contato de diversos outros membros da FOKUS-A, ex-membros, além de pessoas que conheciam a organização mas não eram membros da mesma, o que incluíam alguns estudantes, um jornalista e um político local que estará em campanha para o Parlamento Nacional. Conheci também alguns políticos dinamarqueses que

passaram a se inteirar com a causa curda após a tragédia dos yazedis em Shingal, e outros que já dialogavam constantemente com a comunidade curda na Dinamarca.

Ao voltar ao Brasil, em setembro de 2014, continuei mantendo contato com os meus interlocutores através, principalmente do Facebook, conforme havia citado anteriormente, e continuei interagindo com os mesmos de forma online, comentando em posts, vendo as postagens dos mesmos, lendo suas postagens, conversando com eles através do chat do Facebook, e de forma menor, através do Twitter, com comentários e retweets em tweets dos mesmos.

Em um segundo momento, voltei no fim de janeiro, retornando no fim de fevereiro e pude, além de realizar outras entrevistas, fazer perguntas relacionadas a minha pesquisa, interagir com meus interlocutores tanto dentro de manifestações ligadas a questão curda, quanto a questões relacionadas a outros temas diversos, desde os mais corriqueiros quanto a futebol, música, desde temas considerados como mais relevantes, como política, a situação da Palestina, entre outros. Além disso, pude participar e assistir a diversos filmes do Festival de Cinema Curdo, organizado pela própria FOKUS-A (entre outros grupos), e que é um dos acontecimentos culturais mais comentado dentro da comunidade curda na Dinamarca, e da qual os membros da FOKUS-A parecem mais se orgulhar, tanto por verem a criatividade artística de cineastas curdos, ou ao ver o modo de vida curdo sendo retratado na tela do cinema, quanto pela oportunidade que o mesmo apresenta de se criar um diálogo através da arte, entre a causa e a cultura curda e a sociedade dinamarquesa.

Através desses dois momentos, além de uma interação virtual com meus interlocutores que escrevo meu trabalho etnográfico. Utilizando-me das diversas ferramentas de pesquisa citadas anteriormente, e que me ajudaram a complementar minha observação-participante, construo minha dissertação, utilizando-se dos dados que conseguira obter, além, de referenciais teóricos distintos e que foram discutidos ao longo da história da disciplina antropológica.

iii) Plano de dissertação

Minha dissertação será dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo será discutida de maneira aprofundada do que fora comentado na introdução a questão da

imigração dentro de um contexto dinamarquês, considerando como a cultura e a sociedade dinamarquesa lidam com o influxo de indivíduos de outras culturas, e mais especificamente, sobre a imigração curda para a Dinamarca.

No meu segundo capítulo discutirei a construção da identidade curda dentro da sociedade dinamarquesa. As formas de manifestação de tal identidade, de uma forma cultural (dança, idioma, música, cinema) e também de uma forma política, e como ambas as formas se articulam na constante construção do “ser curdo” em território dinamarquês.

O terceiro capítulo lidará especificamente com os indivíduos que compõe a FOKUS-A, organização voltada para jovens estudantes e acadêmicos de origem curda. Como a mesma surge, sua história, sua organização, seus objetivos e seu papel frente a comunidade curda de Copenhague; além de como a mesma, efetivamente articula-se com as outras organizações curdas e seu papel na construção de uma identidade curda frente a indivíduos que acabaram de entrar em sua vida adulta.

O quarto e último capítulo abordará as diversas articulações do nacionalismo curdo, tanto dentro do território dinamarquês, e como as diversas correntes políticas curdas se articulam com a política local dinamarquesa, além de abordar também como tais indivíduos articulam seus objetivos em relação ao Curdistão não se limitando somente ao território dinamarquês e curdo, mas sim, dentro de organizações e partidos políticos presentes em diversos países da União Europeia e da América do Norte, além de, é claro, dos países em cujo o território encontra-se o Curdistão.

Capítulo II – Imigração na Dinamarca: uma análise etnográfica

A Dinamarca, conforme fora discutido durante a introdução, é um país com uma população de 5,5 milhões de habitantes. Dentro dessa população, um pouco mais de 89,6%, de acordo com dados coletados pelo STATBANK, organização estatal de informações estatísticas disponível de forma gratuita para qualquer indivíduo, são de cidadãos etnicamente definidos como dinamarqueses ou descendentes de dinamarqueses, enquanto o percentual restante (10,4%), ou são de imigrantes nascidos em outros países, ou são descendentes desses mesmos imigrantes. Dentro desse percentual de aproximadamente 10%, que equivale, em números absolutos a 590 mil habitantes, um percentual de 34% são imigrantes de países considerados como ocidentais, e os 66% restantes – aproximadamente 390 mil habitantes – são imigrantes de países ditos como “não-ocidentais” (STATBANK, 2014).

Que uma agência oficial dinamarquesa tenha tal informação relacionada a etnia de seus cidadãos é algo que a difere de outros países da União Europeia – reconhecidamente a França – demonstra a importância atribuída dentro do país para tais questões étnicas; mais ainda, que tal país diferencie entre imigrantes vindos de países dito como “ocidentais” e países ditos como “não-ocidentais” demonstra que dentro da identidade étnica dinamarquesa há também uma distinção definida de forma oficial e sancionada pelo estado, e que tal distinção é apenas uma reflexão burocrática das diversas fronteiras étnicas estabelecidas entre a identidade dinamarquesa e as outras identidades.

Com isso em mente, tal capítulo objetivará analisar através de um viés antropológico, e baseado no trabalho etnográfico do autor, as diferentes dinâmicas relacionadas a imigração na Dinamarca, com especial atenção para a população curda que vive em tal país. Tal dinâmica – a da imigração – e todos os processos simbólicos que estão inseridos dentro da mesma são de suma importância na construção de uma identidade étnica curda dentro da Dinamarca, pois, todos os indivíduos inseridos dentro de tal comunidade ou são imigrantes, ou são descendentes dos mesmos, e portanto, de uma forma ou de outra, estão sujeitos a burocracia estatal referente a imigração, além de conviverem com o status simbólico de serem imigrantes, o que influencia grande parte de suas interações dentro da Dinamarca. Em seguida, será feito uma análise das experiências e da vivência de diversos imigrantes curdos em

território dinamarquês, objetivando compreender como tal posição influencia a construção de um self curdo em território dinamarquês.

i) Identidade e pertencimento dentro da Dinamarca: o que é, e o que faz alguém ser dinamarquês

O primeiro aspecto é o termo conhecido como “*jantenloven*”¹³, originário de um romance chamado “*En Flyktining Krysser Sitt Spor*” escrito por um autor norueguês-dinamarquês chamado Aksel Sandemose em 1933, e que trata de uma série de regras informais advindas de sua experiência na juventude ao morar numa pequena cidade dinamarquesa, sendo a mais conhecida delas, e a “lei” do qual a maioria dos dinamarqueses (além de noruegueses e suecos também) reconhece ao mencionar tal termo é a de que “você não deve pensar ser melhor que nós, ou de alguma maneira especial”.

Tal formulação que ocorre de maneira bastante corriqueira tanto no cotidiano, de cidadãos dinamarqueses como por cidadãos dinamarqueses de origem curda, trata ao mesmo tempo de um ideal de igualdade relativa ao status individual frente a sociedade dinamarquesa além da comunidade na qual tais indivíduos estejam inseridos, seja ela familiar, um local de trabalho, de estudos, entre outros. Ao mesmo tempo em que tal costume passa a ser uma forma de sociabilidade esperada por qualquer um que passe a viver dentro da sociedade dinamarquesa, sendo dinamarquês ou não, estando sujeito a reprovação tácita de sua comunidade caso não esteja cumprindo tal requerimento social (JENKINS, 2012).

Uma consequência não esperada foi que uma determinação, paroquial e rural, de que ninguém deve estar acima dos outros – e que, apesar de sua encarnação dinamarquesa no livro escrito por Sandemose em 1933, como “*Jantenloven*”, é

¹³ *Jantenloven*, em Português, “a lei de Janten”. Originário do romance originalmente escrito em norueguês por Aksel Sandemosa e chamado “*En Flyktining Krysser Sitt Spor*”, traduzido para o inglês com o título de “*A Fugitive Crosses his Tracks*” e sem tradução para o português.

reconhecida com um tema camponês ao redor do mundo – misturada com o socialismo igualitário de lutas urbanas por condições decentes de trabalho para a classe trabalhadora. A ideologia resultante, que insiste em dizer “Nós *devemos* ser todos iguais”, tem se tornado mais poderosa o quanto mais tem sido tida por certa, entrando no fundo da vida cotidiana e influenciando o espectro político tanto da esquerda quanto da direita, tanto que, mesmo hoje, a maioria, se não todos os partidos políticos dinamarqueses oferecem variações de temas sociais-democratas. Tal igualitarismo fora encorajado por um processo de construção nacional moderno que enfatizara a suposta homogeneidade cultural, social e também econômica de um “país pequeno” (JENKINS, 2012, p.45)

O segundo aspecto relevante é a percepção na qual a sociedade dinamarquesa seria uma sociedade em sua essência bastante homogênea, pelo menos até a presença da onda de imigrantes convidados, vindos principalmente do Oriente Médio, nos anos setenta e parte dos anos oitenta. Tal discurso, que em diversas ocasiões passa a ser naturalizado através de elementos midiáticos, políticos, econômicos e culturais.

A naturalização, ou a chamada primordialização (ERIKSEN, 2002), de um discurso étnico sobre e/ou dentro de qualquer sociedade ou cultura serve também uma agenda política e cultural inserido dentro das relações de força nas mesmas (BARTH, 2007); portanto, para se compreender o porquê da Dinamarca ser vista – por dinamarqueses e não-dinamarqueses – como um país “homogêneo”, além de como tal discurso é utilizado de diversas maneiras dentro da sociedade dinamarquesa é essencial para se compreender a visão que os diversos indivíduos dentro da Dinamarca tem sobre a imigração, e como os imigrantes que vem para Dinamarca, além de seus descendentes, passam a interpretar o país que habitam.

Em primeiro lugar é preciso entender que apesar do uso político e social do discurso da “Dinamarca como um país homogêneo”, o mesmo encontra alguns elementos que ajudam na sua compreensão, afinal, tal discurso não ocorreria se não houvesse uma série de fatores que o sustentassem. O fato de haver na Dinamarca um idioma comum e em grande parte compreensível em toda a extensão territorial do país, no qual os dialetos das diversas regiões são bastante semelhantes, ou ao menos

não tão diferentes - excetuando-se o “bornholmsk”, dialeto presente na ilha de Bornholm, que é parte da Dinamarca, porém, geograficamente encontra-se mais próximo da Suécia, o que influencia bastante o idioma local - principalmente se levarmos em conta países com uma variedade linguística maior, como por exemplo as vizinhas Suécia e Alemanha.

Em padrões internacionais, o padrão de vida é alto, e as diferenças entre pobres e ricos são menores que em muitos países nos quais a Dinamarca é comparada... A língua em todo o país é o dinamarquês, e a enorme parte da população fora batizada na igreja protestante nacional. Dinamarca é portanto nacionalmente e culturalmente bastante homogênea. (ENCICLOPÉDIA NACIONAL DINAMARQUESA, 1996 APUD JENKINS, 1997, p.47)

O fato de uma enorme maioria da população ter sido batizada na igreja da Dinamarca, que existe há aproximadamente meio milênio¹⁴; a existência de uma família real dinamarquesa pelo mesmo período de tempo, e é claro, conforme fora citado anteriormente, a ideia de que todos os indivíduos na sociedade dinamarquesa devem ser iguais ou pelo menos tratados de forma igualitária. Algo que pode ser visto, por exemplo, na própria enciclopédia nacional dinamarquesa, numa edição de 1996 afirmara no parágrafo anterior

¹⁴ O processo de cristianização da Dinamarca (e da Escandinávia de maneira geral) ocorre entre os séculos XII e XIII, no qual, devido as explorações vikings pela Europa, participantes das mesmas entrariam em contato com as doutrinas cristãs já presentes em partes da Europa. O primeiro rei dinamarquês (e que voltara a Dinamarca durante sua vida) a se converter ao cristianismo fora Harald Blåtand (Bluetooth) em 960, e permitia aos fiéis cristãos a prática de sua religião desde 935. Em 1086, é assassinado por seu povo e por nobres, o rei Knud IV (Canute IV da Dinamarca), que viria a ser o primeiro santo dinamarquês, e que tentara expandir o cristianismo pelos territórios sobre seu controle. A primeira diocese em solo dinamarquês (atualmente em Lund, na Suécia), e respondendo diretamente ao Papa, fora erguida em 1105, por Eric I, meio-irmão de Canute. Outro momento significativo para o cristianismo na Dinamarca ocorre em 1536, durante o reinado de Christian III, com a conversão do país para o Protestantismo, e a criação da Igreja da Dinamarca, de teologia luterana, e cujo líder seria o chefe de estado, ou seja, o Rei ou a Rainha da Dinamarca.

Tal texto, que é relativamente recente, escrito a menos de duas décadas atrás, é uma exemplificação perfeita do tipo de discurso por trás da ideia de homogeneidade nacional. Entretanto, o fato de tal discurso ressoar em grande parte da população local não significa dizer que ele seja precisamente correto (ou que não tenha nenhum fundo de verdade dentro dele). Tal discurso, para que seja possível compreender, a sociedade no qual os imigrantes, tanto de origem curda, quanto de outras etnias, passam a serem parte importante, deve ser, portanto, analisado de uma maneira mais crítica.

Outro fator relevante em tal discurso de igualdade é o coeficiente de Gini, utilizado como metodologia para determinar o índice de distribuição de renda de uma nação. Enquanto a país nórdico, historicamente, dentre todas as nações dentro da ONU, tem o número (dentre os países registrados) que mais se aproxima a 0, com um número de 24,0, o que indicaria, portanto, uma maior igualdade na distribuição de renda¹⁵ em relação ao resto dos países da União Européia. Tal estatística pode ser vista como uma reformulação da “lei de Janten”, no qual as pessoas não seriam mais ricas nem mais pobres do que as suas semelhantes, ao menos dentro do possível em uma sociedade capitalista.

Nos parágrafos anteriores fora-se abordada a ideia de que a Dinamarca seria um país homogêneo, e que tal narrativa seria norteadora de grande parte das questões políticas, econômicas e sociais do país, além, de ter uma forte importância para a história do país. Entretanto, tal narrativa deve ser desconstruída para que se possa analisar até que ponto a mesma ainda é verdadeira; e até que ponto a mesma pode ser vista como sendo incompleta. Em quais aspectos a ideia de homogeneidade é utilizada como uma maneira discursiva de criar-se uma maneira de se proteger o país da influência estrangeira, representada pela figura do imigrante, e em quais aspectos a Dinamarca pode, de fato, ser vista como um país homogêneo, ou ainda, mais homogêneo que grande parte dos outros estados-nação presentes no mundo.

Em primeiro lugar, há de se discutir o quão verossímil, de um ponto de vista histórico, é a ideia de uma nação etnicamente homogênea em território dinamarquês. Desde os tempos das primeiras viagens vikings que se espalhariam por toda a Europa,

¹⁵ De acordo com a metodologia criada pelo sociólogo italiano Corrado Gini em 1912, quanto mais perto de 0, mais igualitária a distribuição de renda dentro de determinado grupo; quanto mais perto de 1, mais desigual é a mesma.

indo desde o Mar Báltico até o Mar Mediterrâneo, até a territórios que hoje pertencem a França, Espanha, as ilhas britânicas, passando também pela Islândia, a Groelândia, Ilhas Fároe e parte do território que hoje pertence ao Canadá, sendo os mesmos, efetiva e comprovadamente, os primeiros europeus a chegarem ao continente americano. Tais contatos com diversas regiões do mundo não se limitavam as viagens para saques e pirataria, mas sim serviam a outros propósitos. Os vikings eram uma sociedade que mantinham escravos, além de postos coloniais em diversas localidades longe da Escandinávia. Em tais viagens, portanto, os mesmos estabeleciam-se em novas localidades ao mesmo tempo em que levavam indivíduos de outras culturas para viverem em seu meio. Seria de extrema ingenuidade da parte dos dinamarqueses atuais pensar que tais contatos eram puramente “profissionais”, não havendo nenhum tipo de troca social, desde casamentos, alianças, vínculos de amizade, trocas linguísticas, rivalidades, entre outros. Etnicamente e culturalmente, houve durante o período da Idade Média um contato constante entre os povos escandinavos e diversos outros povos. A prova principal, e ainda bastante latente, de tal o processo de cristianização dos países Nórdicos. Há de se observar também a histórica presença de groenlandeses e feroeses, ambos cidadãos dinamarqueses, em termos legais e políticos, porém parte de etnias bastante diferentes, e com idiomas nativos completamente diferentes. Além disso, há a presença também dos chamados “*hjemmetyskere*”, que são cidadãos dinamarqueses, originários da parte sul da Jutlândia, mas que são de ascendência germânica, e que muitas vezes tem o alemão como primeiro idioma.¹⁶ Além da presença de uma comunidade judaica histórica¹⁷.

Há também diferenças linguísticas entre as diferentes regiões do país, apesar de serem bem pequenas, além de diferenças entre classe ou status (JENKINS, 2012). O fato das diferenças serem menos acentuadas que em grande parte dos países do mundo, não significa que as mesmas não seja importantes. Nem todo os países do mundo tem a complexidade étnica que o Brasil, os Estados Unidos ou o Reino Unido,

¹⁶ Há também uma população de origem dinamarquesa na parte norte da Alemanha, na fronteira justamente com a parte sul da Jutlândia. São cidadãos alemães, porém descendentes de dinamarqueses, e que muitas vezes tem o dinamarquês como seu primeiro idioma.

¹⁷ Os judeus são vistos com uma parte integrante da sociedade dinamarquesa, e o foram por grande parte da história local, entretanto, mesmo sendo vistos como dinamarqueses, eles são dinamarqueses com uma cultura diferente do resto da população dinamarquesa. Com hábitos alimentares, religiosos, sociais, distintos do resto da população étnica dinamarquesa.

da mesma maneira, a inexistência de uma complexidade étnica igual a que encontramos em tais países não significa que a mesma não seja relevante para as relações sociais desses mesmos indivíduos.

Por último, há o fator que mais tem desafiado a noção da Dinamarca como um país homogêneo, principalmente no período pós anos setenta, que é a presença cada vez maior de imigrantes e descendentes de imigrantes, especialmente do Oriente Médio, e posteriormente, da antiga Iugoslávia, na sociedade dinamarquesa, e é sobre esse fator que há uma necessidade de se aprofundar a análise.

De acordo com Richard Jenkins (2012) em seu etnografia sobre identidade dinamarquesa:

Finalmente, há a recente imigração a ser considerada. Um número substancial e visivelmente diferente de “trabalhadores convidados”, refugiados e seus descendentes, - os chamados ‘novos-dinamarqueses’ (*nydanskere*) ou “dinamarqueses-com-hífen’ (*bindestregsdanskere*) – estão permanentemente acomodados na Dinamarca. (JENKINS, 2012 p. 48-49)

Logo, na prática, atualmente, há um número bastante relevante de cidadãos não-dinamarqueses (não-dinamarqueses de maneira étnica, pois grande parte dos mesmos possuem cidadania dinamarquesa) – e tal distinção é feita claramente pelos próprios dinamarqueses – de maneira que, cada vez mais tal definição, da Dinamarca como um país historicamente homogêneo passa a ser desafiada no dia-a-dia de grande parte do país. Ou seja, há através da hifenização uma diferenciação étnica entre os “novos dinamarqueses”, ou ainda os “dinamarqueses com hífen” e os “dano-dinamarqueses”. Em termos de cidadania, ambos teriam os mesmos direitos, entretanto, em termos étnicos, não seriam equivalentes, sendo os primeiros dinamarqueses como algo a mais, enquanto os dano-dinamarqueses seriam os dinamarqueses mais puros; mais relacionados a ideia de uma nação homogênea. Se, ao longo da história, tal realidade nunca foi cem por cento confiável, o fora confiável suficientemente para que se criasse um discurso no qual os níveis de alteridade entre os diversos dinamarqueses não fossem grandes o suficiente para que os mesmos pudessem ser separados de maneira efetiva entre não-dinamarqueses e dinamarqueses. Tal fato, porém, passa a encontrar eco após a vinda maciça de imigrantes e após a

facilitação da livre-circulação de indivíduos com cidadania de algum país membro da UE.

Entretanto, mesmo que tal discurso tenha sido analisado friamente, e a meu ver, provado que se trata de uma generalização, para se dizer o mínimo, o fato de que o mesmo tem influenciado, e ainda continua a influenciar a forma na qual a sociedade dinamarquesa se estrutura é um fator extremamente relevante na constituição política, social e cultural do país. Se a Dinamarca, historicamente, não tem sido um território tão homogêneo quanto se é afirmado por grande parte dos dinamarqueses, durante uma análise mais superficial, imagina-se, que em algum ponto ou ela fora homogênea o suficiente para que tal discurso surgisse, e que tal discurso surge devido a uma narrativa propícia ao mesmo.

Pode-se analisar que o mesmo haveria de ter uma utilidade para a coesão social do país, especialmente após o século XIX, período no qual o país perdera a guerra contra a Alemanha, e vira sua própria existência enquanto nação independente ser posta em prova, no que seria a culminação de um processo no qual as aspirações coloniais e imperiais da Dinamarca ruiriam uma por uma, sendo expulsos (e integrados) gradativamente do Reino Unido no período medieval, perdendo parte da Suécia, perdendo a Noruega, e por fim, perdendo grande parte de seu território que hoje é parte da Alemanha, além de terem tido grande parte da Jutlândia invadida por tropas alemãs¹⁸. Tal processo, que ocorre justamente na esteira da revolução industrial e junto com o surgimento tardio de estados como a Alemanha e a Itália, dá início ao pensamento da nação dinamarquesa para o povo dinamarquês. E por último, soma-se a isso a posição periférica da Dinamarca dentro da Europa (ANDREASSEN, 2014), no qual a mesma, através de diversos elementos sociais e culturais, adequar-se a padrões ditos como ocidentais, nos quais, estariam inclusos a ideia de uma representação estatal para cada povo europeu.

Tal processo histórico geraria a ideia de que o que sobrara do território continental dinamarquês seria lar de uma população étnica com elementos em comum. Apesar dos diversos elementos históricos que contradizem isso, como, por

¹⁸ Após a 2ª Guerra Mundial, outro território do Reino da Dinamarca seria “perdido”. A Islândia, após um referendo, declararia independência, tornando-se assim uma república. Existe também um movimento independentista na Groelândia, porém, a situação é um tanto mais complicada devido a dependência de ajuda financeira dinamarquesa para a manutenção do governo local. Soma-se a isso a presença em território groelandês de uma reserva considerável de recursos naturais.

exemplo, as recentes pesquisas que indicam o número considerável de trabalhadores suecos que moravam em Copenhague no final do século XIX (SCHIMDT, 2015), surge nesse momento o discurso de homogeneidade étnica dinamarquesa, e as características da mesma, que enquanto incluíam alguns aspectos, como a igualdade entre o status todos os indivíduo (mais tarde reconhecida como a já citada “*Jantenloven*”), a majoritária presença do cristianismo protestante oficial, ao mesmo tempo em que convenientemente ignora características que desaprovem de tal discurso, como as diferenças regionais, a presença de minorias religiosas e étnicas, e divisões de classe para a formação de um mito fundacional da nação dinamarquesa.

Portanto, temos, claramente, a criação de um discurso étnico que passa a definir quem é, e quem não é dinamarquês, através de distintos elementos históricos, culturais, religiosos e que passa a influir na sociabilidade diária dinamarquesa. Tal discurso passa a ser cada vez mais relevante na medida em que o número de imigrantes e descendentes dos mesmos passa a aumentar demograficamente na Dinamarca. A identificação com um grupo passa a ocorrer de uma maneira mais simples e óbvia para os indivíduos, além de uma maneira mais dramatizada, com o contato que o mesmo passa a ter com o “outro” (BARTH, 1969; ERIKSEN, 2002).

O “outro” desnuda, reforça e identifica mais claramente que seriam o “nós” dentro de uma comunidade, sendo ela imaginada ou não. Se as diferenças entre o que é proposto pelos diversos dinamarqueses do que seria “ser dinamarquês”, ou nas palavras dos próprios, “*danskhed*” (“danesidade” ou, numa tradução em inglês, “danishness”) podem ser bastante distintas, elas, ao entrarem em contato com imigrantes, quase sempre não-cristãos, não-brancos, de países constantemente marcados por conflitos sangrentos encontram elementos em comum que são capazes de basear o discurso de uma etnicidade em comum. Há, portanto, conforme definido por Michael Herzfeld (2004), uma nostalgia estrutural por dias no qual a Dinamarca, para muitos sujeitos dano-dinamarqueses, seria mais fácil de ser compreendida e que pretensamente corresponderia ao que seus antepassados vivenciaram.

Por mais que os dinamarqueses (aqui lido tanto com os dinamarqueses étnicos, e os que se naturalizam e estão inseridos dentro de tal sociabilidade) sejam diferentes entre si, eles tem a percepção que a maioria é cristã, mesmo que a prática cristã da maioria atualmente seja limitada a feriados, batizados, confirmações, casamentos, e funerais; ou mesmo que o número de indivíduos que efetivamente acreditem em Deus diminua cada dia mais, há um conhecimento da presença histórica cristã em território

local, e provavelmente o principal: eles sabem que não são muçulmanos. E, por maior que sejam as diferenças entre os dinamarqueses, há uma ideia de que, a priori, todos seriam brancos, os que não são, o são por terem ao menos um dos pais com ascendência não dinamarquesa. Por maior que sejam as diferenças, a maioria pode seguramente afirmar (com estatísticas que comprovem tais afirmações) que a Dinamarca é um país bastante pacífico, e com um número bastante baixo de mortes violentas, e que a realidade de conflitos armados étnicos, religiosos, políticos e econômicos é uma realidade bastante distante do dia-a-dia de grande parte da população que se identifica como etnicamente dinamarquesa.

Conforme Richard Jenkins (2012) afirma em sua etnografia sobre a cidade de Skive na Jutlândia, e que encontra eco tanto em Copenhague quanto em Aarhus, apesar das diferenças de tamanho (Skive tinha 20 mil habitantes em 1997, durante a etnografia realizada pelo autor; Aarhus tem cerca de 500 mil habitantes em sua região metropolitana, e Copenhague cerca de 1,6 milhões), e da distância da mesma entre as duas cidades (cerca de 3h e meia de carro da primeira e 30 minutos da segunda), é possível encontrar reações semelhantes nas três cidades, tal qual o mesmo afirma em diversas ocasiões, e como eu pude identificar durante meu trabalho etnográfico na primeira e minha vivência na segunda:

Em uma perspectiva histórica mais longa, entretanto, a um sentimento de “danesidade” compartilhada é muito mais que uma reação a recente chegada de imigrantes cultural e visivelmente diferentes. (...) a questão não é se essa homogeneidade é real. Assim como qualquer grupo nacional ou étnico, os dinamarqueses são uma complicada combinação de similaridades e diferenças; homogêneos, eles não são. Ao invés, o que nós devemos pensar é sobre as implicações dessa *imagem* de similaridade dinamarquesa para todos, imigrantes ou dinamarqueses étnicos de maneira igual. Tal imagem pode ser imaginada, porém ela é real e tem consequências cotidianas. (JENKINS, 2012, p. 280-281)

Portanto, torna-se necessário para a compreensão de uma maneira geral do que é “ser imigrante”, e mais especificamente, o que é ser um imigrante curdo, jovem,

com alta escolaridade, num contexto dinamarquês. Outro fator extremamente relevante e que será analisado de forma mais profunda ao longo da minha dissertação é o discurso no qual os imigrantes e refugiados que vem viver na Dinamarca seriam como hóspedes, e que, portanto, na condição de hóspedes deveriam ser os responsáveis para que sejam aceitos dentro da sociedade que os abrigaria.

ii) Experiências e sociabilidades: imigrantes curdos e a inserção na sociedade dinamarquesa

Num artigo publicado pelo antropólogo Peter Hervik (2006), tal ideia é exposta de uma maneira bastante clara, dentro de um contexto no qual o racismo, não só na Dinamarca, mas em grande parte do mundo ocidental muda o seu foco das questões que se proponham “biológicas” ou “naturais”, ou ainda, um racismo mais ideológico começa a ser relegado a elementos extremamente limítrofes dentro das diversas sociedades ocidentais, e passa a ser tratado de uma maneira mais aceitável num contexto pós-colonialista e pós-nazifascista.

Tal maneira é expressa através da “cultura” ou de “elementos culturais” (STOLCKE, 1995). Na prática, tal mudança significa que o racismo como elemento relevante dentro da sociedade não se tornara menos relevante na constituição da mesma, mas sim que passaria a assumir uma postura mais sutil, se valendo de maneiras mais sutis e menos ofensivas de expressar tais opiniões (VAN DIJK, 1991), conforme exposto aqui:

A consciência popular dinamarquesa conforme vista nas nossas entrevistas difere-se do discurso político público de uma maneira importante. Enquanto o discurso político repetidamente descredita qualquer reivindicação de que seja racista, o mundo figurativo de hóspede e anfitrião não incorpora qualquer associação direta com racismo. Em vez disso, discriminação e racismo são naturalizadas e reduzidas como algo que acontece ao anfitrião quando ele ou ela são

provocados ou abusados por hóspedes que se recusam a agir de acordo com a etiqueta correta. (HERVIK, 2006)

É dentro dessa perspectiva que meus interlocutores constantemente são julgados, e é dentro da mesma perspectiva que os mesmos julgam outros imigrantes - sejam curdos ou não - além de eles mesmos; além de verem a Dinamarca e os dinamarqueses como anfitriões pelos quais nutrem sentimentos que variam e muitas vezes misturam-se, de gratidão a, em certos casos, uma crítica pela frieza. Frieza que quase sempre se expressa através da burocracia dinamarquesa durante o processo de imigração, reconhecimento do status de refugiado, e de naturalização de indivíduos que, em parte considerável dos casos, tem mais tempo de vivência imersos numa cultura dinamarquesa que numa cultura especificamente curda.

Durante a minha etnografia com imigrantes curdos em Copenhague, que em sua grande parte (porém não todos), tinham entre 18 e 35 anos, além no mínimo, o ensino médio completo, e na grande maioria dos casos, estavam cursando o ensino superior, quando não, um mestrado e um doutorado; fora possível notar uma clara diferenciação entre os indivíduos que ou nasceram na Dinamarca ou vieram para a Dinamarca bastante cedo, ou seja, cujos pais ou avós imigraram há um certo tempo, e entre os indivíduos que vieram para a Dinamarca em sua infância mais sociabilizada (já sabendo falar, ler e escrever), ou durante sua adolescência. No primeiro caso, o dos indivíduos que chegaram a Dinamarca após já serem sociabilizados por anos em seu país de origem, sendo no território historicamente considerado por nacionalistas curdos como o Curdistão, ou vindo de cidades turcas nos quais seus descendentes – curdos - imigraram, em alguns casos, há séculos atrás devido ou a condições econômicas, ou numa tentativa do estado turco em tentar aculturar os indivíduos curdos através de uma suposta integração a cultura turca, os mesmos tiveram que aprender o idioma dinamarquês após já serem fluentes em um idioma, e quase sempre, dois idiomas.¹⁹

Tal primeiro contato com o idioma, e com a cultura dinamarquesa, no caso desses indivíduos, ocorre através de classes oferecidas pelo governo dinamarquês a

¹⁹ Seus pais também tiveram que passar por tal processo de aprendizado. Há uma diferença notável entre o nível de domínio do idioma dinamarquês dos indivíduos que vieram durante sua infância/adolescência e o nível de fluência de seus pais e avós que já vieram para a Dinamarca em idade adulta. Tal diferença será ainda abordada de maneira mais complexa ao longo de meu trabalho.

diversos alunos imigrantes vindos de diversas localidades. Tais classes eram responsabilidade dos diversos municípios (chamados de “*kommune*” no idioma local). O fato de serem, portanto, responsabilidade das diversas cidades espalhadas pelo país faz com que as mesmas ofereçam o ensino do idioma local de diversas maneiras, sem haver, portanto, um método pedagógico padronizado entre as mesmas. Segundo meus informantes, em alguns casos, foram-lhe assignados professores particulares, em outros, participaram de turmas com mais de 10 alunos, e em alguns outros casos, principalmente quando lidava com interlocutores mais velhos, não havia uma escolarização específica para alunos de origem imigrante, sendo os mesmos inseridos numa escola dinamarquesa com alunos dinamarqueses, mesmo não tendo o completo domínio do idioma local.

Em alguns casos, os professores não eram sempre os mesmos, em outros, houve uma rotatividade dentre os mesmos. Em alguns casos, a carga horaria semanal era muito maior que em outras, tendo relatos de alunos que tiveram aulas diárias e em outros casos, aulas apenas duas vezes por semana, apesar do segundo caso ser extremamente mais recorrente. Após um período aprendendo só o idioma, que variava entre 6 meses e 1 ano, os mesmos, começavam a estudar no equivalente ao ensino fundamental ou ao ensino médio, sendo inseridos em classes quase sempre condizentes com a idade que eles tinham. Nesses casos, apesar do domínio do idioma não ser completo, o aprendizado ocorreria através da convivência com alunos dinamarqueses ou já fluentes em dinamarquês.

A maneira com a qual meus interlocutores conseguiam dominar o idioma local variava, e a isso atribuo os diversos fatores citados anteriormente, como carga horária, metodologia, interesse dos alunos em aprender; entretanto, todos os indivíduos que eu entrevistara, e que chegaram a Dinamarca depois de já terem sido alfabetizados em outro idioma, tornaram-se fluentes em dinamarquês, fato comprovado pela escolaridade dos mesmos, já que, a grande maioria dos cursos superiores, por exemplo, exigem que o aluno tenha notas altas no idioma local,²⁰ e parte considerável dos meus interlocutores já havia terminado o terceiro grau. Alguns afirmaram que em mais ou menos seis meses, eles já conseguiam se comunicar, mesmo que

²⁰ Assim como no Brasil, na época dos vestibulares organizados por cada universidade, dependendo do curso, exige-se um conhecimento maior de determinada disciplina. Entretanto, o processo de ascensão ao ensino superior não exige uma prova, mas sim uma análise das notas obtidas pelo aluno durante seu ensino médio.

rudimentarmente em dinamarquês, e a partir daí, o aprendizado e o domínio do idioma aumentavam de forma exponencial. Muitos afirmaram que em grande parte, seus colegas de classe, tanto os dinamarqueses quanto os de ascendência estrangeira, os ajudavam com o idioma, enquanto outros afirmavam que após alguns semestres, já eram capazes até de auxiliar alguns alunos (incluindo alunos dinamarqueses) em relação a gramática.

Nesse período de aprendizado do idioma dinamarquês, e dos fatores mais rudimentares da sociabilidade dinamarquesa, há um processo no qual os imigrantes são expostos a dois processos de identificação étnica, o primeiro no qual são vistos como indivíduos que estão num processo de sociabilidade, e num constante aprendizado em que são expostos as diversas maneiras pelas quais eles deverão “ser dinamarqueses”, ou em outros termos, deverão aprender como “integrar-se” na sociedade dinamarquesa.

Ao mesmo tempo em que eles estão sujeitos a tal aprendizado e sociabilização, os imigrantes curdos passam a interagir com outros imigrantes de diversas origens, e em tal momento passam, ao mesmo tempo a construir uma identidade em comum – como imigrantes num contexto dinamarquês – ao mesmo tempo em que são imigrantes curdos num contexto dinamarquês, no qual também há outros imigrantes de diversas culturas dentro da sociedade dinamarquesa.

Conforme ouvira durante algumas entrevistas com interlocutores, sobre os aspectos de sociabilidade com outros imigrantes. No primeiro caso, vemos um interlocutor falando de como fora seu primeiro contato com o sistema estudantil local, no qual o mesmo é inserido numa classe específica para alunos de origem estrangeira, enquanto no segundo caso, meu interlocutor passa a estudar com alunos dinamarqueses diretamente, sem haver um aprendizado, mesmo que rudimentar, do idioma local:

Eu tive aulas de dinamarquês. São aulas no qual crianças de países estrangeiros são aceitas por 6 meses ou por um ano para que possa serem introduzidas ao sistema estudantil dinamarquês. Todos os seus amigos são estrangeiros, imigrantes. Todos os seus colegas de classe são imigrante. Você aprende o básico, e a partir daí começa numa escolar dinamarquesa. Aí você começa a estudar com dinamarqueses

étnicos, o que eu comecei na 2ª série (ou seja, com entre oito e nove anos). (ENTREVISTA COM NECATI)²¹

Sim, nós (meu interlocutor chamado Serdal e sua irmã mais nova) fomos inseridos numa escola comum, numa turma comum com alunos dinamarqueses. (...) E foi muito difícil, pois, você não entende nada, e fora muito difícil criar diálogos e conexões com outras pessoas na sala de aula. Por que você não tem as habilidades necessárias para lidar com as situações. Após seis meses, melhora, como alguém jovem (10 pra 11 anos) na época, se torna mais fácil. (ENTREVISTA COM SERDAL)²²

No primeiro caso, portanto, temos dois tipos de experiência distintas entre imigrantes recém-chegados a Dinamarca, em idades parecidas (8 anos num caso, 10 em outro), em que ambos os indivíduos já conseguiam se comunicar fluentemente em seus idiomas maternos (além de turco) e já eram alfabetizados.

²¹ O interlocutor tem entre 30-35 anos, e atualmente mora em Gotemburgo, Suécia, aonde termina o seu doutorado em química.

Trecho original da entrevista: I had Danish classes, it's a class where they accept kids from foreign countries for half a year or an year, to introduce you to the school system. All your friends are foreigners, immigrants. All your schoolmates are immigrants. You get to learn the basics and then you start at Danish school. Then you go to study with ethnic Danes, which I started in 2nd grade.

²² Serdal Benli atualmente é representante pelo SF (Partido Social Democrata) em sua "*kommune*" e participa de sua campanha para tentar se eleger ao parlamento nacional. Atualmente com 40 anos, é uma das figuras mais reconhecidas dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, devido ao fato de ser um político conhecido.

Trecho original: "Yeah, we get placed in an ordinary school. In a normal class, with Danish students. (...) It was very difficult, because you understand nothing, and it was very hard to create dialogues and connections with other people in the classroom, the first six months, they were really hard. Because you have no skills to handle the situations, after six months it gets better, as a youngster at my age, it becomes far more easy."

Se no primeiro caso vemos uma tentativa de facilitar a sociabilização de indivíduos imigrantes de diversas origens dentro da cultura dinamarquesa, no segundo, a sociabilização é feita de uma maneira mais abrupta, no qual a criança é inserida no meio estudantil local sem haver o mínimo conhecimento da cultura e do idioma local, principalmente pela idade dos mesmos, a capacidade que os dois tem de conseguir, mesmo que gradativamente, compreender o idioma local é bastante rápida. Há de se notar também que Serdal na mesma entrevista comentara comigo que a princípio, grande parte de seus amigos de infância, eram formadas por imigrantes, especialmente de origem curda, haja vista que, o local (a 5km de distância da capital, na região metropolitana da mesma) pelo qual ele e sua família se estabeleceram, era, e ainda é, lar de uma comunidade curda considerável.

Há outra forma de experiência comum que eu também pude notar, que é a experiência que indivíduos que vieram para a Dinamarca enquanto bebês ou crianças de colo, ou ainda, que nasceram já na Dinamarca, filhos ou netos de imigrantes curdos. Nesses casos, a sociabilização dentro do idioma local ocorre de maneira concomitante ao idioma nativo dos pais, que em muitas vezes não é nenhum idioma considerado curdo (refiro-me nesse caso, primordialmente o Kurmanji e o Sôrani) mas sim idiomas como o turco, o árabe ou o persa, por exemplo.

Tais indivíduos, portanto, participam do sistema educacional dinamarquês, desde o jardim da infância até o nível universitário. De tal maneira, raramente os mesmos possuem algum tipo de sotaque ao falar o idioma local, além de raramente precisarem navegar pela complicada e cada vez mais restritiva legislação referente a imigração, asilo e naturalização.

A Dinamarca, assim como toda a nação do mundo, (e nós, brasileiros, sabemos disso especialmente bem) tem os seus trâmites burocráticos em diversas questões, porém, o fato de tais indivíduos serem influentes no idioma local, e terem um conhecimento prático das instituições locais fazem com que, dentro de suas comunidades, eles acabem por ajudar familiares, e outros indivíduos que tenham problemas com a mesma, e no caso de indivíduos que ainda não adquiriram a nacionalidade local, ou que estejam em tal processo, tal diferença pode significar o direito de permanecerem ou não, de maneira legal, em território dinamarquês.

Outro fator relevante dentro da sociabilidade de tais indivíduos é que constantemente ocorre um sentimento de que é necessário haver uma busca por uma identidade curda, o que em imigrantes que já vieram para a Dinamarca após estarem

inseridos dentro de uma cultura curda, não é um fator que se faz tão presente. Ao afirmar isso, não desejo dizer que os indivíduos que viveram (e tem memórias significativas) dentro da uma comunidade curda, tanto no território que consideram como sendo o Curdistão, quanto dentro de comunidades de diáspora dentro dos estados-nação no qual o Curdistão está inscrito não constroem constantemente sua identidade como curdos aos estarem distantes de tais contextos; ou afirmar que sua identidade étnica como curdos esteja completa ao saírem de tais contextos.

Assim como para Frederik Barth (1969) o conceito de etnicidade é uma construção constante que se reforça através de elementos diferenciadores, os indivíduos curdos que por diversos motivos imigram para a Dinamarca continuam a serem curdos e a construir a identidade curda de diversas maneiras. Entretanto, tais indivíduos tem em relação aos imigrantes curdos que vieram com pouca idade ou os descendentes desses imigrantes nascidos em território dinamarquês costumam apresentar diferenças significativas em relação a como tal identidade étnica se manifesta.

Os indivíduos que vieram para a Dinamarca cedo ou nasceram em território dinamarquês, por exemplo, não passaram, e muito provavelmente não passarão pela violência sistemática de diversos regimes em relação as minorias curdas²³, e tal ausência de uma experiência opressiva é um comentário comum dentre os mesmos. Em um dos casos mais extremos, como com o irmão de uma das minhas interlocutoras, tal motivo – a repressão sofrida pelo povo curdo – conforme a mesma me afirmara, fora o motivo pelo qual o mesmo decidira deixar a Dinamarca para se alistar nas forças do PKK em território turco. Entretanto, mais comumente, tal ausência tende a ser comparada com a experiência diária que tais indivíduos tem frente a liberdade de expressão presente em território dinamarquês, e valores comuns a narrativa identitária dinamarquesa passam a ser valores pelos quais os mesmos gostariam de poder inserir dentro de um futuro estado curdo, ou ainda, dentro de um estado-nação no qual os curdos possam ter a liberdade de se expressarem etnicamente. Há também um grande desejo dos mesmos em buscar um conhecimento das narrativas de opressão originadas dentro do território do Curdistão, por indivíduos curdos, como

²³ Entretanto, os relatos de preconceito especificamente devido a sua identidade como imigrantes curdos e mais especificamente, como curdos alevitas e yazidi, por outros imigrantes me foram relatados. Os conflitos étnicos em seus países de origem foram portanto transplantados para seus novos cotidianos em território dinamarquês.

forma de manter um contato transnacional com as disputas e fricções étnicas das quais os mesmos não estão expostos dentro da Dinamarca, ao menos não da maneira como, por exemplo os curdos estão dentro da Turquia.²⁴ Tal necessidade não é tão constantemente ou tão comum quanto o sentimento de outros indivíduos que foram sociabilizados dentro de tais experiências.

Outro fator importante de diferenciação entre as duas formas apresentadas anteriormente de sociabilidade relacionadas a identidade curda e é a questão do idioma. Em grande parte dos casos de indivíduos que viveram por um tempo maior num contexto curdo, o uso de um idioma etnicamente ligado aos curdos, seja ele o Kurmanji ou Sôrani, eram práticas mais comuns, mesmo que em alguns casos, especialmente dentre os curdos que viviam em território turco, e especialmente dentre aqueles que tem hoje em dia mais de 30 anos, o ensino do mesmo fosse coibido pelas autoridades locais. Além do curdo, grande parte dos imigrantes mais velhos também são fluentes em turco, persa ou árabe, dependendo de onde imigraram. Entretanto, os curdos nascidos em território dinamarquês constantemente não tem essa sociabilização no idioma local da mesma maneira que os indivíduos que imigraram.

Tal diferenciação, portanto, faz com que o aprendizado do Kurmanji ou do Sôrani sejam formas nos quais tais indivíduos nascidos ou criados na Dinamarca reafirmam sua identidade étnica, frente as outras comunidades imigrantes (especialmente pois em diversos casos, tais indivíduos são bilíngues, falando além do dinamarquês, quase sempre turco, tal qual seus pais²⁵), além de buscarem se reafirmar identitariamente como curdos frente a comunidade curda local, soma-se a isso uma possível pressão de seus pais para que aprendam o idioma de seus antepassados. Tal aprendizado ocorre de duas maneiras, ou de maneira individual com o auxílio da internet ou através de lições do Kurmanji ou Sorani oferecidas por associações curdo-dinamarquesas.

²⁴ O que não significa afirmar que não haja um elemento de fricção étnica na vivencia de tais imigrantes, pois há. A Dinamarca, assim como grande parte dos países europeus, tem problemas ainda com questões relacionadas ao racismo, xenofobia, islamofobia. Entretanto, tais conflitos diferem-se substancialmente do que ocorre por exemplo com a população curda no Irã, na Turquia, ou recentemente em Kôbane (Síria) ou no Iraque.

²⁵ O governo dinamarquês costuma oferecer aulas do idioma nativo para imigrantes e descendentes de imigrantes.

Outra maneira que os indivíduos curdos encontram para reafirmar-se etnicamente como curdos é através de viagens ao território do Curdistão. Devido a questões políticas, apenas os territórios curdos dentro da Turquia e do Iraque são possíveis de serem visitados,²⁶ e as cidades de Diyarbakir e de Erbil são os locais principais dentro de tal viagem. Tal impossibilidade, entretanto, não impede que um curdo originário de Rojava (na Síria) não se sinta dentro do Curdistão ao estar em Erbil no Iraque, pois ambos os locais, são vistos como territórios étnicos curdos, apesar das suas diferenças.

Organizada pelos integrantes mais velhos da FOKUS-A, anualmente, um grupo de estudantes curdos, cuja a grande maioria não costuma ter mais do que 21 anos, viaja ao Curdistão, durante o período de Newrôz, visitando diversas localidades, e conhecendo a realidade dos curdos dentro do que é considerado por eles como território de seu povo, além de terem a possibilidade de falar com diversas lideranças locais e políticas, ao mesmo tempo que reforçam uma identidade étnica transnacional, voltam a Dinamarca com uma experiência que apesar de curta, é, simbolicamente, comparável ao que seus pais e avôs tiveram, além dos imigrantes que puderam ter uma infância ou parte dela dentro do Curdistão. Tal viagem, e a importância simbólica da mesma, serão abordados em maiores detalhes no capítulo V.

Assim, aprender o idioma local, além de procurar conhecer as realidades sobre o Curdistão, organizar viagens para o local, que nas palavras de um dos meus interlocutores, é aonde ele “se sente em casa” é a forma no qual tais indivíduos cuja vivência é predominante (ou completamente) em território dinamarquês são formas nos quais os mesmo buscam se posicionar frente a outros indivíduos curdos (quase sempre mais velhos) que eles e elas também são curdos, e se orgulham de sua cultura curda, e gostariam, tal qual seus antepassados, de manter suas tradições locais, além de manter uma posição política frente as realidades do Curdistão.

²⁶ A perseguição política no Irã ainda é muito grande para ativistas curdos, enquanto a viagem tanto para a Síria torna-se por demais complicada devido a presença do grupo fundamentalista ISIS.

Capítulo III - Ser Curdo na Dinamarca: uma construção constante

No terceiro capítulo serão discutidas diversas questões relacionadas ao “ser curdo” dentro da Dinamarca. As organizações políticas e culturais construídas por indivíduos curdos na posição de imigrantes ou descendentes dos mesmos na Dinamarca, servem como uma das maneiras nas quais é possível compreender as interações dos mesmos tanto com outros curdos quanto em relação a população não-curda, em especial, os dano-dinamarqueses.

Além disso, serão analisadas como as constantes manifestações políticas e culturais em lugares públicos servem tanto para estabelecer um diálogo com a sociedade dinamarquesa, quanto para reafirmar e continuar a constante construção d com outros indivíduos do que é ser curdo. Tais manifestações servem para que velhos conhecidos possam se reencontrar e contar histórias antigas sobre a guerrilha nas montanhas do Curdistão turco, quanto para falarem sobre a situação de parentes espalhados tanto no que é considerado o Curdistão dentro de um projeto nacionalista quanto na Dinamarca; além de servirem como forma de sociabilização de crianças e adolescentes sobre o que é ser curdo, mesmo estando em um contexto diaspórico.

Portanto, em tal capítulo, serão analisadas as diversas formas relacionadas a construção étnica de uma identidade curda em território dinamarquês, além das maneiras nas quais tal identidade articula-se com os diversos aspectos da cultura e sociedade dinamarquesas.

i) Narrativas de perseguição, narrativas de liberdade: diálogos entre a identidade curda e a identidade dinamarquesa

No dia 21 de junho, após já ter tido a oportunidade de realizar uma série de entrevistas com alguns interlocutores, tanto membros, quanto ex-membros da FOKUS-A, fui a uma demonstração pró-Curdistão em frente a Rådhuspladsen. Faz-se necessário especificar o sentido de “Curdistão” em tal manifestação. Para meus interlocutores, o conceito de Curdistão explicitado era o que se relacionava a uma identidade curda que se manifesta tanto dentro do que os curdos nacionalistas

chamam de “Curdistão”, quanto fora de tal território; ou seja, a ideia de Curdistão que era representada, era uma ideia relacionada a identidade curda. Conforme um dos meus interlocutores, Zana, me informa: “essa manifestação de hoje foi organizada pra não ter a presença de partidos políticos nem nada, só pra mostrar que somos curdos”. O contexto de tal manifestação mudaria drasticamente nas próximas semanas.

Organizada por diversos grupos políticos e culturais curdos, especialmente os ligados, ou ainda, que nutrem uma simpatia com o KDP (Partido Democrático do Curdistão) a mesma surge como uma maneira de celebrar o possível surgimento de um estado curdo, ou o aumento da autonomia do território do Curdistão dentro do atual Iraque, no norte do mesmo, e que dentro de uma narrativa nacional curda, também é conhecido como Curdistão do Sul, ou, em Kurmanji, *Basûrê Kurdistanê*. Após o colapso representativo do governo oficial iraquiano devido (entre outras coisas) ao aparecimento do grupo fundamentalista ISIS, no qual o mesmo conseguira capturar as cidades de Mosul e Tirkuk sem muita resistência das forças iraquianas locais, que, em muitos casos, se retiraram sem entrar em confronto com os combatentes, deixando grande parte de seus equipamentos de guerra de origem americana nas mãos dos correligionários do ISIS. Entretanto, ao tentarem entrar em território curdo, os mesmos encontraram forte resistência do exército curdo, os *peshmerga* (“aqueles que se encontram com a morte”).

Logo, diante de um ataque externo, as forças de defesas do governo regional baseado em Erbil (*Hêwler* em Kurmanji), num primeiro instante, se mostraram suficientes. Tal autossuficiência militar das forças de defesa curdas, somadas a um nível de autogoverno relativamente alto, fizeram com que a ideia de um estado-nacional curdo, a princípio, no território iraquiano fosse cogitado tanto pelo governo local de Mahmoud Barzani do KRG (Kurdish Regional Government), que comentara sobre a possibilidade de um possível referendo, quanto pelas comunidades curdas espalhadas ao redor do mundo, além de acadêmicos e jornalistas de diversas publicações sobre política externa e relações internacionais.

Ou seja, com a dissolução do estado iraquiano, e a capacidade do território curdo em se governar de forma independente de Bagdá, a comunidade curdo-dinamarquesa resolve se manifestar de maneira a celebrar tal capacidade. Como um interlocutor mais velho, e originário de Hêwler (Erbil) me dissera: “nós podemos cuidar de nós mesmos, nunca precisamos do que veio de Bagdá, só precisamos que nos deixem em paz, não só lá, mas também na Turquia, na Síria e no Irã”. Em um

primeiro momento, conforme ouvira de diversos participantes, de diversas idades e origem, a criação de um estado nacional curdo parecia apenas uma questão de tempo; e a resistência contra mais um inimigo externo criara uma perspectiva positiva no qual os diversos fatores políticos eram deixados em segundo plano em prol de um bem comum maior, ao menos para diversos indivíduos dentro da comunidade curda, incluindo os cuja a simpatia com o PKK e os ideias de Abdullah Ocālan não fossem tão grandes a ponto de impedir que os mesmo participassem de uma demonstração sem suas bandeiras, ou ainda, sem o viés ideológico que acreditassem. Um desses indivíduos, presente em tal manifestação, e que eu pude entrevistar depois, me disse que acreditava que a teoria política de Ocālan, porém que, ele era, acima de tudo, curdo, e que sua presença era uma maneira de expressar tal posicionamento.

Se o otimismo de alguns de meus interlocutores os impossibilitava de ter uma análise mais imparcial sobre a complexa situação política dentro do Curdistão Iraquiano, o mesmo, entretanto, fora capaz de organizar uma manifestação em prol da vitória dos peshmergas sobre o partidários do Estado Islâmico, no qual os diversos grupos que a organizaram concordaram em não levar nenhum símbolo ou bandeira relacionados a qualquer partido político curdo. Ao invés, os participantes foram instruídos a levarem bandeiras do Curdistão e da Dinamarca.

Os discursos foram somente dois, ambos em kurmanji, e focando, conforme um de meus interlocutores me contara, principalmente em louvar aspectos da cultura curda e comentar sobre a resistência heroica dos peshmerga na batalha contra os militantes do Estado Islâmico. Após os mesmos, música típica curda fora tocada através de um auto-falante. Enquanto isso, crianças com bandeiras do Curdistão corriam e jogavam futebol, jovens adultos conversavam com seus amigos, além de tirarem fotos em frente a uma enorme bandeira curda que era exposta em frente a prefeitura, ao mesmo tempo, senhoras de idade conversavam entre si, em kurmanji e em dinamarquês, e velhos combatentes da guerrilha do PKK, vestindo trajes típicos conversavam entre si. Um político local de origem curda conversava com diversas pessoas, enquanto diversos transeuntes iam e viam numa das áreas com a maior circulação de pedestres da capital, e ocasionalmente, paravam e olhavam com curiosidade a demonstração que atraía entre 250 e 300 pessoas num domingo ensolarado na primavera dinamarquesa.

Minha aproximação inicial gerara um misto de curiosidade e orgulho em grande parte dos meus entrevistados naquela ocasião. Curiosidade por haver alguém

disposto a, de acordo com alguns deles, “estudar e aprender sobre nós” e orgulho por estarem sendo alvo de tal estudo, ainda mais por alguém que viera de um país tão distante. Sendo o dia da manifestação próximo da final da Copa do Mundo de 2014, um dos assuntos mais comentados fora derrota da seleção brasileira contra a Alemanha. O fato de podermos ter conversado sobre amenidades como futebol, dera uma dimensão precisa do clima da mesma, ainda mais ao comparar com outras manifestações que ocorreriam após a mesma, especialmente devido a questões emocionais de grande parte dos manifestantes, haja vista a brutalidade dos ataques cometidos pelos partidários do Estado Islâmico, especialmente em relação a comunidade yazidi e que era abertamente demonstrado em fotos e cartazes, além da cobertura midiática, o que fizera com que os discursos tivessem um tom mais trágico.

O clima, portanto, de tal manifestação, era um de celebração da cultura curda, ao mesmo tempo em que os manifestantes ocupavam um lugar público de grande circulação, numa tentativa de demonstrar para a sociedade dinamarquesa de forma ampla, que os mesmos, de acordo com o relato de um dos meus interlocutores:

Tais manifestações são importantes para nós por que elas mostram pra sociedade dinamarquesa que nós não somos todos iguais. Nós não somos turcos, não somos iranianos, não somos iraquianos, não somos sírios e nós não somos árabes. Nós somos curdos. Temos nossa música, nossa bandeira, nossa língua. Isso aqui também é importante para que os mais novos (ao falar isso, ele aponta para duas crianças correndo) também saibam disso. Isso é importante para que eles não esqueçam quem eles são. E se depender de eventos como esse os curdos jamais esqueceram que são curdos, mesmo morando fora do Curdistão.

Ou seja, é possível, portanto, retirar duas análises etnográficas sobre tal evento ocorrido no início de julho. A primeira é uma autoafirmação da identidade curda, feita através de símbolos étnicos e nacionais próprios, e portanto, distintos tanto do resto da população imigrante na Dinamarca, quanto dos próprios dano-dinamarqueses. A segunda é a importância de tais eventos ocorridos em Copenhague como forma de

fortalecimento dos laços sociais dentro das diversas comunidades curdas espalhadas por todo o país que se encontram na capital do país.

ii) Bandeiras e suas simbologias: construção da identidade curda em território dinamarquês.

A praça em frente ao prédio da prefeitura da capital dinamarquesa é um local público com constantes manifestações políticas (apesar de grande parte das mesmas se concentrarem em outros locais, principalmente em frente a Christiansborg, local do parlamento nacional), étnicas, e artísticas. Conforme fora dito, a localidade privilegiada, bem no centro da cidade, com uma alta concentração de transeuntes, tanto moradores locais quanto turistas, faz com que a visibilidade de qualquer manifestação que ocorra lá seja bastante alta.²⁷ E é nessa localidade privilegiada do ponto de vista da geografia urbana de Copenhague, que ocorreram a primeira das manifestações que tive a oportunidade de participar ocorreram.

Uma das principais representações na manifestação foi o uso de bandeiras, tanto do Curdistão, quanto bandeiras dinamarquesas. A simbologia utilizada, através de bandeiras, durante a mesma reflete ao mesmo tempo uma tentativa de comunicarem-se frente a sociedade dinamarquesa, ao mesmo tempo que relembram e ressignificam um anseio histórico de parte da população curda de poderem ter o seu próprio estado-nação, ao ainda terem o direito de auto-determinação, ao manifestarem-se num país que lhes dá a liberdade de manifestarem-se etnicamente.

Bandeiras como símbolos nacionais tem uma conotação extremamente óbvia. São as representações visuais de entidades políticas em diversas instâncias, desde nas Nações Unidas, a competições esportivas como a Copa do Mundo ou as Olimpíadas, além de estarem constantemente presentes em prédios governamentais, embaixadas e

²⁷ O fato de ser um local no qual grande parte das pessoas apenas por ao invés de pararem, faz com que as diversas manifestações possam acabar se diluindo dentro do grande número das mesmas, especialmente no período do verão, sendo comum a presença de diversos eventos políticos ou não, na mesma localidade e no mesmo dia. Entretanto, ainda é um local de amplo espaço e localizado centralmente.

consulados ao redor do mundo. Assim como Sergei Matjunin (2001) ao afirmar que bandeiras nacionais podem representar diversos elementos históricos, políticos, geográficos ou em alguns casos, até religiosos, lida com fatores que são comumente utilizados nas definições de etnias (BARTH, 1969). Bandeiras são símbolos poderosos, por serem comumente e amplamente reconhecidos por membros e não-membros de um determinado grupo, como representações visuais claras do mesmo grupo. No caso da comunidade curda, especificamente, a comunidade curda em diáspora na Dinamarca, o uso de bandeiras sinaliza as diversas lealdades individuais, tanto a etnicidade curda quanto a diversos posicionamentos políticos, que constantemente são divergentes e em alguns casos, opostos. Portanto, o uso das mesmas em manifestações traz todo uma representação simbólica; bandeiras são um dos elementos, para parafrasear Clifford Geertz (1973) ao famosamente citar Weber, utilizados para criar a teia de significados que compõe a vida humana, e que dá sentido a mesma. Ou seja, ao interpretarmos o porquê do determinado uso das mesmas, temos uma outra possível maneira de se compreender um pouco mais a fundo a cultura e a sociabilidade de determinados indivíduos. As bandeiras, portanto, são símbolos que são compreensíveis como também uma forma visual de se demarcar fronteiras simbólicas, e que passa a ser utilizado de maneiras distintas em diversos contextos.

O uso da bandeira dinamarquesa é uma das características mais facilmente perceptíveis para qualquer estrangeiro que passe a morar por algum tempo no país nórdico. Grande parte das casas tem um mastro no qual a bandeira (ou um bastião triangular com as cores da mesma) é costumeiramente hasteada. Em festas de aniversário, independente da idade do aniversariante, bandeiras são utilizadas para decorar o bolo e os cartões de aniversário. Em dezembro, é comum em algumas casas, utilizarem bandeiras para decorar a árvore de Natal, um costume que surgira durante a ocupação nazista e a proibição do uso de símbolos nacionais. Lojas e empresas costumam usar as cores nacionais como forma de identificação. Além, é claro, da lenda, bastante disseminada, de como a bandeira dinamarquesa – dita pelos mesmos como a primeira bandeira dentre os diversos estados-nação – fora um presente divino ao rei dinamarquês durante uma batalha no Báltico. E, obviamente, assim como no Brasil, a bandeira dinamarquesa também é utilizada e hasteada em prédios oficiais ao redor do país.

Se na Dinamarca, a bandeira local é vista como um símbolo capaz de evocar

não somente valores inerentemente patrióticos, mas também aquilo que Richard Jenkins (2006) definiria como um símbolo de “felicidade”, e de “reciprocidade”, a bandeira curda, dentro da Dinamarca, passa a ter uma simbologia parecida. Há uma confluência simbólica, no qual, a comunidade curda na Dinamarca passa a se utilizar de uma relação com a bandeira, tipicamente dinamarquesa, em relação a bandeira do Curdistão, ao mesmo tempo em que também utilizam a bandeira dinamarquesa da mesma maneira, havendo, portanto, um acréscimo de elementos simbólicos e que passam a compartilhar de interpretações, que em determinados contextos, são semelhantes. Assim, parte considerável da comunidade curdo-dinamarquesa se afirma como uma “comunidade imigrante” diferenciada dos outros diversos grupos imigrantes presentes na Dinamarca, ao mesmo tempo em que afirma-se como uma comunidade dinamarquesa, porém, diferente também da comunidade danodinarquesa, já que, ao mesmo tempo, ainda são curdos. Logo, a utilização de bandeiras como um símbolo étnico e nacional são elementos bastante relevantes dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, pois, ao mesmo tempo em que surgem como uma maneira da comunidade curda articular-se entre si, também simbolizam uma articulação entre a comunidade curda e a comunidade dinamarquesa.

Portanto, é inegável que dentro de tal contexto no qual a bandeira dinamarquesa assume uma importância grande no cotidiano dinamarquês, estando presente em diversas ocasiões, tanto no espaço público, quanto em espaços privados²⁸. O uso da bandeira dinamarquesa torna-se, portanto, um *práxis* comum a qualquer indivíduo criado em solo dinamarquês. Além, é claro, dessa importância local para o uso da bandeira nacional, há também a questão política em relação ao uso das mesmas. Bandeiras, assim como todo símbolo nacional, é uma representação de pertencimento. De tal maneira, a bandeira curda, para a comunidade curdo-dinamarquesa acaba por ser adotada como uma simbologia convergente, pois se há dentro das diversas narrativas o desejo de influir dentro do estado e da sociedade

²⁸ Espaços privados e a sociabilização contida nos mesmos, que pode ser exemplificada na palavra dinamarquesa “*hygge*”. Palavra essa que, tal qual saudade em português, não é possível ser traduzida, somente exemplificada. O que mais chega perto de “*hygge*” seria “*coziness*”, mas mesmo assim tal equivalência ainda é incompleta. *Hygge*, em poucas palavras, seria o conforto e a segurança compartilhadas, ao serem partes ativas dentro de uma sociedade cuja a sociabilidade pressupõe que nenhum indivíduo seja melhor, mais relevante ou mais importante que os outros.

dinamarquesas, em prol das causas curdas, há também uma influencia cultural dinamarquesa dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

No caso do uso da bandeira dinamarquesa, há uma tentativa de conciliação entre a identidade curda e a identidade dinamarquesa, ao mesmo tempo em que tais indivíduos, durante a manifestação, exprimiam uma série de sentimentos positivos frente ao estado dinamarquês, como gratidão, orgulho, aliança, pertencimento, os mesmos usam a bandeira dinamarquesa como forma de demonstrarem aos não participantes da manifestação que tal evento, além de curdo, era um evento dinamarquês, e que, tal comunidade, não buscara mais nada em relação ao estado dinamarquês, além de um desejo de serem partes relevantes dentro da sociedade local. Há, portanto, uma demarcação clara, de que, tal evento, ocorrido em Copenhague, era um evento que buscava integrar também as múltiplas identidades dinamarquesas nas quais tais indivíduos, de origem curda, também fazem parte, além de haver uma tentativa de demarcar um pertencimento a comunidade curda, além de um reconhecimento moral da mesma.

Além do uso da bandeira dinamarquesa, havia o uso da bandeira do Curdistão, em suas cores vermelho, branco, verde e com um sol dourado ao centro. Tal utilização de um símbolo étnico-nacional, mesmo relacionado a um estado-nação ainda não existente, é uma forma de, conforme meu interlocutor me contara há algumas páginas atrás, de afirmarem que eles e elas não são “turcos, árabes ou iranianos” mas são curdos. O uso da bandeira do Curdistão é, portanto, tanto uma forma de demonstrarem de que tais imigrantes e seus descendentes são diferentes dos outros imigrantes e seus descendentes em território dinamarquês, além de servirem como um símbolo de auto-identificação étnica dentre os diversos indivíduos curdos presentes.

As diferentes narrativas, tanto de primeira quanto de segunda mão, que me foram relatadas, sobre as experiências de indivíduos curdos em contextos nos quais a sua própria identidade como curdos fora posta como forma de serem passíveis de sofrerem opressão, nos contam que, diversos símbolos, identificáveis como sendo curdos para diversos governos, são constantemente proibidos e/ou criminalizados. Entre tais símbolos encontra-se o uso da bandeira curda, tanto num contexto público²⁹, como até mesmo num contexto privado. Um de meus interlocutores me afirmara, por exemplo, que seu pai, ao vir como refugiado para a Dinamarca, no

²⁹ De acordo como o Instituto Curdo em Paris, a bandeira curda é banida tanto no Irã quanto na Síria.

documento oficial, na parte que dizia o seu país de origem, escrevera o nome de sua cidade natal, pois não queria ter nenhuma identificação com o estado turco, que ele considerava como sendo ilegítimo. Tal história exemplifica a importância de símbolos nacionais na construção de uma narrativa curda, que ao mesmo tempo, contém elementos relacionados a injustiça sofrida pelos curdos na mão de diferentes estados-nação (afinal, falamos aqui de um refugiado, que era refugiado devido a sua atuação na guerrilha em território turco), tanto o desejo da comunidade curda, tanto em diáspora quanto as que se encontram no que é visto pelo nacionalismo curdo como o Curdistão, de poderem manter um estado nação próprio, ou ainda, o desejo de poderem se expressar livremente como curdos, e se utilizando de símbolos próprios para tal fim.

A história do significado simbólico dos elementos presentes na bandeira do Curdistão (as três listras, vermelha, branca e verde, além do sol com 17 pontas presente no centro da mesma) remonta as diversas tentativas de se criar um estado nacional curdo ao longo dos anos, relembrando características utilizadas a bandeira utilizada no movimentos separatista que levava a criação da já extinta república do Ararat em 1927, sendo criada durante o surgimento da república Mahabad em 1946 no atual estado do Irã, conforme informado pelo Instituto Curdo de Paris³⁰ (2015). Após a demissão de tal movimento separatista, entretanto, o uso da bandeira utilizada por tal república passaria a ser reconhecida entre as diferentes comunidades curdas como um símbolo de união curda, além de evocar o desejo da criação de um estado curdo.

Assim como grande parte das bandeiras relacionadas a estruturas políticas (ou no caso o desejo de se ter uma), nada na composição da mesma surge por acaso, tendo sua importância simbólica ligada a uma narrativa nacional específica. No caso da bandeira do Curdistão, conforme me fora relatado por diversos interlocutores, como também descoberto após pesquisas próprias, a cor vermelha representaria as relações de sangue e irmandade; a cor verde viria a representar a vida; a cor branca representaria igualdade e liberdade, além do amarelo do sol presente no centro da bandeira que representaria a esperança. O sol, em si, com vinte e uma pontas, faz referência a diversos cultos religiosos históricos no território curdo como os yazedis

³⁰ Acessado no dia 2/02/2015. Fonte: http://www.institutkurde.org/en/kurdorama/the_national_flag_of_kurdistan.php

ou os alevitas. Ou seja, as cores e a simbologia utilizada na mesma tem um significado compartilhado pelos indivíduos que se identificam como sendo curdos, e é facilmente reconhecida pela população curda, sendo um elemento cultural extremamente relevante.

Logo, a bandeira curda tem uma representatividade simbólica relevante para a comunidade da diáspora curda ao redor da Europa. Ao mesmo tempo em que ela referencia uma história de resistência e conflito, ela também aponta para um futuro no qual a existência de um estado curdo, ou ao menos a possibilidade dos curdos terem a liberdade de se expressarem culturalmente, é um fato alcançável. Tal fato é narrado por Jaffer Sheyholismani (2007) em seu livro chamado “*Kurdish Identity, Discourse and New Media*”.

Além de ser hasteada e constantemente mostrada, a bandeira curda é também reconstruída pela KTV (Kurdish TV, canal curdo presente no Iraque) através de imagens que são única ou predominantemente construídas com as quatro cores da bandeira do Curdistão: vermelho, branco, verde e amarelo. (...) Cores que são conhecidas pelas pessoas como sendo associadas com conceitos e acontecimentos específicos podem evocar emoções e reações. (...) Essas cores, entretanto, são utilizadas pela KTV para reforçar a imagem da bandeira curda. Isso é significativo por dois motivos. Primeiro por reforçar a imagem da bandeira curda sem a utilizá-la de maneira exagerada. E em segundo, essa reconstrução implícita da bandeira curda expande o campo semântico da bandeira curda; muitas coisas no Curdistão são parecidas com a bandeira curda, e vice-versa. Isso naturaliza, e logo, nacionaliza as cores da bandeira e a bandeira em si mesma. Uma parte de ser curdo é ser associado com tal bandeira. (SHEYHOLISMANI, 2007, p.116-117)

Portanto, vemos que o uso da bandeira e das cores da bandeira curda assume um significado relevante na construção identitária curda, sendo um elemento que acaba por ser um elemento que une os curdos de diversas regiões e de diversas

correntes políticas dentro de um determinador comum, que é cultural, e pode ser compreendido como um sentimento de pertencimento a uma comunidade transnacional de indivíduos curdos, com uma origem histórica em comum, que, entre outras coisas, é representada através do uso da bandeira e das cores da mesma.

Tal uso torna-se, portanto, no contexto dinamarquês, uma forma de demonstrarem tanto para os indivíduos participantes em tal manifestação como para os diversos transeuntes que tratava-se de uma manifestação de indivíduos com características em comum, que podem ser resumidos em todos se auto-identificarem a uma comunidade curda ampla, acima de qualquer outra característica.

Além da presença de diversas bandeiras do Curdistão, outro elemento que chamara minha atenção durante tal demonstração (característica presente somente nessa manifestação dentre as quatro que pude observar e participar), fora a ausência de outras bandeiras identificadas com a causa curda. Tal ponto fora combinado entre as diversas organizações e indivíduos que idealizaram tal demonstração. Diversos grupos políticos distintos, portanto, resolveram que em tal manifestação o que deveria ser salientado era uma identidade curda em comum, acima de qualquer outra discordância política, ocorrendo, portanto, em tal contexto, uma negociação das diversas identidades étnicas dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Logo, bandeiras relacionadas ao PKK, banners com a foto de Ocālan ou ainda de outros mártires do PKK, referências a Massoud Barzani e seu pai, a bandeira vermelha, verde e amarela do PYD adotada com a bandeira de Rôjava não se fizeram presentes durante tal manifestação. Ou seja, tal manifestação seria, conforme Zana, um dos meus principais informantes, e um dos organizadores da mesma, para “celebrar o fato de todos nós sermos curdos e termos orgulho disso”.

O que sugere duas coisas relevantes, a primeira é que a bandeira do Curdistão (verde, branca e vermelha com o sol amarelo de 21 pontas) é reconhecida amplamente por curdos como um símbolo étnico em comum a todos eles, e a segunda é que, apesar das discordâncias políticas dentre as diversas correntes políticas no Curdistão e da comunidade curda em diáspora, que o fator étnico que une os diversos curdos, ao menos na Dinamarca, e no contexto daquela manifestação, fora mais importante do que as discordâncias políticas dos mesmos. Diversos indivíduos que eu veria carregando diversas bandeiras e cartazes relacionados a posicionamentos políticos distintos, especialmente relacionados ao PKK e a Abdullah Ocālan em outras manifestações se encontraram naquela tarde ensolarada em frente a Rådhuspladsen.

Logo, vemos que, nesse primeiro momento, no qual o otimismo em relação ao futuro do Curdistão, ao menos no Iraque, frente a sucessivas defesas do território frente aos ataques do EI criara um clima propício a uma manifestação cujo tema predominante fora a celebração de uma identidade étnica curda, manifestada em território dinamarquês e suas diversas manifestações.

O segundo fator que havia sido citado é a questão da sociabilidade curda e de seus indivíduos, e como a mesma é construída. Tal manifestação fora um locus perfeito para a observação da mesma em suas mais diferentes maneiras. As diversas relações entre os indivíduos curdos são constantemente modificadas através de várias maneiras, tanto pelo Facebook, como por aulas de dança típica curda e reuniões na casa de indivíduos curdos, além das reuniões políticas e burocráticas dentro dos diversos grupos e associações relacionadas a causa curda, sendo as manifestações, a maneira mais aberta e mais acessível a todos, na qual a cultura e a identidade curdas eram fatores relevantes, independente de posicionamento políticos, gênero, idade. Portanto, tais manifestações em lugares públicos tem uma importância simbólica diferentes das outras formas de sociabilidade curda, por diversos motivos, que serão abordados a seguir.

iii) Sociabilidade, identidade curda e o espaço público

Durante tal manifestação, conforme afirmado anteriormente, o clima fora bastante festivo e os ânimos bastante positivos. Tal condição fizera com que fosse mais fácil para que eu pudesse conversar com os participantes sobre diversos temas. Em um momento, vi-me numa roda na qual três indivíduos, um de 40 anos e os outros dois entre 20 e 25 questionavam-me sobre a derrota da seleção brasileira no jogo contra a Alemanha no Mineirão, e que muitos de meus interlocutores não conseguiam compreender. Alguns até expressavam uma simpatia pela seleção brasileira. Eles gostariam de ouvir, de um brasileiro, o que eu sentira ao assistir a fatídica semifinal, e se eu poderia oferecer alguma explicação para o ocorrido. Um deles me afirmou que ficara triste, pois sempre torcera pelo Brasil, e torceria até que o Curdistão pudesse jogar uma. Dei-lhes minha opinião sobre o porquê de tal derrota, no qual eles se mostraram atentos. Após tal conversa, conversamos sobre a manifestação do dia, e eu

comentei que haviam muitas mulheres, crianças e adolescentes no dia de hoje. No qual um deles, o mais velho, me afirmou:

É bom para as mulheres pra elas poderem rever as amigas e os familiares. Eu, por exemplo, vim aqui pra poder me manifestar em prol da causa curda, mas acabei revendo uma tia que eu não via há alguns meses já que ela se mudara pra Jutlândia, e meus dois sobrinhos, além de diversos amigos e parentes que eu sempre vejo. Minha esposa está lá conversando com duas amigas delas. Só meu filho que não pode vir hoje, já que estava trabalhando.

Logo tal relato, além da observação de diversos indivíduos curdos conversando entre si durante todos os momentos nos quais não houveram discursos; além das crianças brincando e grupos de jovens rapazes conversando com garotas igualmente jovens demonstram que tais organizações públicas não eram somente plataformas de construção étnica e política, mas sim, oportunidades também para tais indivíduos organizarem eventos privados e conversarem entre si, além de servir como um locus no qual alianças, afinidades, rivalidades são constantemente ressignificados e reinterpretados, além de serem arenas nos quais os mais jovens são inseridos nas relações sociais dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Em suma, as manifestações surgem como uma oportunidade dos indivíduos dentro da comunidade curdo-dinamarquesa em reestabelecerem novas redes, ou ainda, de manterem e moldarem as redes que já existem; tais reuniões servem também para trazer para a realidade a comunidade imaginada curda, o que se torna bastante essencial num contexto diaspórico, e que inclui diversos indivíduos que jamais estiveram inseridos por uma quantidade de tempo grande dentro de uma realidade cultural curda constante. Além, de conforme, fora explicitado em tal relato, de também se reafirmar as amizades e as alianças sociais que também se relacionam com gênero, já que, por exemplo, em todas as situações nas quais houvera comida, a mesma foi preparada por mulheres.

Outras arenas semelhantes para a sociabilidade curdas são as reuniões no Centro de Cultura Curdo-Dinamarquesa, o festival anual de Cinema Curdo organizado pela FOKUS-A, as outras diversas manifestações que ocorrem ao longo

do ano, além das reuniões das diversas organizações curdas. O uso de ferramentas online como o Facebook, o Twitter, fóruns na Internet também são utilizadas de tal maneira. Todos os exemplos citados são algumas das formas de organização política e cultural ligadas a identidade curda, em alguns casos com objetivos políticos e programáticos claros; entretanto, em todas elas, há-se um espaço possível para a interação dentre os indivíduos presentes. Além de haver determinados grupos no qual a participação é limitada por gênero e faixa etária, e outros no qual a comunidade curda de uma maneira geral é convidada a comparecer.

Zana, um de meus principais informantes, (e que além disso, posteriormente viraria um amigo meu), e que também fora um dos organizadores da primeira manifestação, além de ser uma das figuras mais conhecidas dentro da comunidade curda, devido a sua atuação política, tanto online quanto através de diversas outras plataformas, e tudo isso apesar de sua pouca idade (25 anos), me disse certa vez que os curdos ao redor do mundo eram muito desorganizados politicamente, discurso esse repetido pelo já citado político que eu também entrevistara, mas me disse também algo marcante sobre a sociabilidade curda.

Nós, curdos, somos diferentes deles (dinamarqueses) em alguns aspectos. Um dos mais marcantes pra mim é que nós somos mais unidos, e temos uma relação mais próxima com os mais velhos. Nossos avôs e avós, quando envelhecem, não vão pra um asilo como acontece com eles (dinamarqueses), mas sim, passam muitas vezes a morar com um dos filhos ou netos; ficando sempre sobre o cuidado da família. Os filhos curdos não abandonam seus pais... (RELATO DE UMA CONVERSA INFORMAL COM ZANA)

Tal relato vindo de um indivíduo que consegue reunir o “nós” e o “eles”, pois, afinal, ao mesmo tempo que é filho de um ex-combatente do PKK, também é filho de uma cidadã etnicamente dinamarquesa, além de ter nascido e sido criado em território dinamarquês, numa cidade na região metropolitana de Copenhague. Logo, sendo o “nós” que ele assume, o “nós” curdo, enquanto o “eles”, nesse caso é um “eles” o qual ele, se compreendermos a cidadania dinamarquesa jus sanguinis é um “eles” do qual ele é por direito pertencente, é possível observar que a sociabilidade curda tem um

valor simbólico distinto do conceito de sociabilidade dinamarquesa pela qual ele passara (aprendendo o idioma, na escola, no trabalho, no dia-a-dia).

Logo, a sociabilidade exercida por tais indivíduos frente a comunidade curda local, além de ter um papel agregador dentro da mesma (afinal, tais indivíduos que são conhecidos dentro da comunidade curda, por serem curdos, servem como forma de reforçar tal identidade curda), também tem um papel catalizador de engajamento político, e assim, são agentes criadores de novas interações, e também de novas formas de capital cultural, que tornam-se construções sociais constantes, sendo influenciadas pelos acontecimentos relacionados a política da população curda ao redor do mundo.

A sociabilidade compreendida como uma sociabilidade curda é, portanto, sociabilidade que é praticada dentro dos diversos espaços destinados a identidade e a cultura curdas, em oposição a sociabilidade compreendida como dinamarquesa. Se o dia-a-dia de tais indivíduos é composto pela vida em meio a sociedade dinamarquesa, em que fatores relacionados a sociabilidade dinamarquesa – que em si é composta predominantemente por uma sociabilidade dano-dinamarquesa com influências de outras culturas – são nesses espaços públicos que a sociabilidade curda é explicitada para a sociedade dinamarquesa (e ainda, para os indivíduos que estão de passagem na Dinamarca). Sendo assim, podemos pensar em dois fatores essenciais dentro da perspectiva social curda.

Em primeiro lugar, há os ambientes privados, como reuniões entre poucos indivíduos curdos dentro da casa dos mesmos, em organizações como o Centro de Cultura Curdo-Dinamarqueês, grupos de Facebook, grupos de Whatsapp, reuniões privadas das diversas organizações, como a FOKUS-A, e toda a sorte de congregações de indivíduos curdo-dinamarqueses e cujo o objetivo seja relacionado a identidade curda e que não tenha como objetivo a performance identitária curda para indivíduos que não são curdos; ou seja, são arenas nas quais as redes sociais são ativadas e a cultura curda é constantemente sendo dialogada entre eles. Zana, por exemplo, me afirmara que ele e diversos outros indivíduos tem buscado falar entre si utilizando-se de idiomas curdos, especialmente o Kurmanjî, e em menor escala o Soranî, o que faz com que palavras dos mesmos idiomas e que são específicas das regiões nas quais tais indivíduos originam-se (tanto por nascimento quanto por filiação) sejam incorporadas ao vocabulário de indivíduos que tem suas raízes em outras localidades, ou ainda com que palavras de origem turca, árabe ou persa sejam

substituídas por palavras de origem curda, por serem vistas como mais “legítimas”, de acordo com ele. E mesmo quando o dinamarquês é utilizado, por ser “língua franca” da comunidade curdo-dinamarquesa, outros fatores estão em constante diálogo dentro de tal comunidade, especialmente fatores relacionados a política do que é compreendido como Curdistão dentro de uma perspectiva nacionalista. Logo tais eventos são arenas de trocas culturais, além de debates e discussões políticas sobre diversos acontecimentos relacionados a população curda, e ainda servem como uma maneira de estreitarem laços dentro de tal comunidade.

Em segundo lugar, há também reuniões em lugares públicos, que se relacionam tanto a demonstrações políticas e culturais em diversos lugares da cidade, que vão desde manifestações relembrando casos significativos dentro da narrativa curda de opressão estatal, ou por busca de apoio ou ainda para sensibilizar o governo dinamarquês, até a festivais de cinemas e celebrações de Newroz. Tais eventos, além de também reforçarem os laços entre a comunidade curdo-dinamarquesa, pois também são locais nos quais há diversas interações entre os diversos indivíduos presentes, e ainda, serve para, dentro da comunidade curdo-dinamarquesa ativar o capital cultural de diversos indivíduos dentro da mesma ao serem uma prova pública de envolvimento dos mesmos dentro do que pode ser visto como uma causa curda e também cumprem o papel de transferirem para o plano da realidade a comunidade imaginária curda, ao atuarem como uma forma de mostrarem para a sociedade dinamarquesa que a comunidade curda em território dinamarquês é uma realidade palpável, e, que a mesma, busca articular diversas maneiras suas práticas culturais como as práticas culturais dinamarquesas. A semelhança discursiva, por exemplo, que a teoria social composta por Abdullah Ocālan tem com ideias de esquerda faz com que partidos políticos de esquerda e grupos anarquistas e anticapitalistas busquem uma aproximação e uma articulação com tais indivíduos da comunidade curda, além disso, a presença de uma comunidade que se articula politicamente dentro da Dinamarca acaba por atrair veículos da imprensa, e a presença de diversos políticos dinamarqueses.

iv) Capital cultural e a comunidade curdo-dinamarquesa

Uma outra noção extremamente relevante para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais dentro da comunidade curdo-dinamarquesa é a análise das mesmas através do conceito de capital cultural. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1970) definiram o capital cultural como os diversos conhecimentos que um indivíduo contido dentro de uma comunidade possui e que lhe dá uma série de vantagens dentro da mesma. Tais conhecimentos, de acordo com o sociólogo francês, podem ser habilidades específicas, educação, ou qualquer vantagem que o indivíduo possa ter. Como Bourdieu e Passeron (1970) escreve especificamente sobre educação, o mesmo também cita o conhecimento passado por pais para os filhos sobre o sistema educacional para que os mesmos possam suceder dentro do mesmo. Ou seja, o capital cultural bourdieuano lida com o conhecimento sobre a cultura de determinada comunidade, que não é dividida igualmente, estando assim alguns indivíduos em vantagem em relação a outros, sendo que tal vantagem se a posição que tal indivíduo tenha ou possa ter dentro de tal grupo. No contexto da minha dissertação, faz necessário compreender qual tipo de conhecimento é valorizado dentro do contexto da comunidade curdo-dinamarquesa, e ainda, como tal conhecimento afeta as relações dentro de tal comunidade, além de ser um fator relevante para a compreensão da mesma.

O capital cultura (ou os capitais culturais) dentro da comunidade curdo-dinamarquesa pode ser visto em indivíduos em diversas situações, desde o conhecimento que tal indivíduo tenha sobre tal comunidade e os laços que os mesmos tem entre si, ou seja o capital cultural que ele ou ela tenham em relação a história de tal grupo; o conhecimento burocrático que ele possa ter sobre a burocracia dinamarquesa em assuntos relacionados a aquisição da cidadania local que é reconhecidamente mais difícil de se navegar para imigrantes de fora da comunidade europeia, desde a atuação que ele possa ter dentro das diversas comunidades e organizações curdas, tendo um papel de destaque dentro da mesma, além do domínio que o mesmo possa ter da política, história, culinária, história curda, de um ou mais idiomas curdos – ou seja, de tudo o que possa ser entendido como cultura curda. Sendo a comunidade curda extremamente grande (estima-se que³¹ aproximadamente

³¹ Tal estatística me foi passada por diversos indivíduos curdos, sendo um deles um dos principais líderes do Centro Cultural Curdo-Dinamarquês. Entretanto, tal número é apenas uma estimativa, sendo o número exato difícil de se determinar, já que os

50 mil indivíduos na Dinamarca sejam de origem curda), poucos indivíduos conseguem se fazer conhecidos por grande parte de tal comunidade. Os que são, são geralmente políticos (tanto os envolvidos na política dinamarquesa quanto os envolvidos na política curda), além de escritores, jornalistas, atletas, entre outros, tais indivíduos também carregam um capital cultural muito forte dentro da sociedade curdo-dinamarquesa (além da sociedade dinamarquesa em si), assim com os indivíduos que os conhecem em diversos níveis.

Além disso, o conceito de capital cultural dentro da comunidade curdo-dinamarquesa presume tanto uma série de “trocas simbólicas ou materiais”, e também uma série de fatores “socialmente instituídos e garantidos” e que são garantidos e constantemente ressignificados graças as “diversas trocas” entre os indivíduos que compõe tal grupo. Novamente, os fatores que garantem tais fatores passam pelo capital cultural dos indivíduos, que estão em constante modificação e articulação através de sua sociabilidade constante. Além disso, há um fator intangível, porém observável, e que é presente não somente nas comunidades curdas, mas em toda e qualquer interação humana, é a personalidade individual. Indivíduos que se expressem melhor, que sejam mais extrovertidos, que sejam mais eloquentes, mais carismáticos, tendem a ter uma rede social mais ampla. Mesmo sendo impossível de medir tais características, faz-se necessário notar a importância das mesmas dentro do conceito de capital cultural que está sendo utilizado de maneira a se compreender a sociabilidade curda.

Tais relações por se basearem em trocas simbólicas, mas também em trocas “materiais indissolúveis”, no qual, a proximidade geográfica faz-se necessária devido a um fator que Pierre Bourdieu (1983) chama de “reconhecimento mútuo de proximidade”, sendo que para ele tais relações “parcialmente irreduzíveis a relações objetivas de proximidade num espaço geográfico (físico) ou mesmo econômico e social”. Entretanto, vejo tal afirmação como passível de uma análise mais profunda, especialmente em relação a meu objeto de análise, e como o capital cultural também passa a ser um elemento que faz-se visível fora da comunidade curdo-dinamarquesa e estende-se a sociedade curda em diáspora em diversos países, ou ainda, em relação a

imigrantes curdos não possuem nacionalidade curda, tendo passaportes de diferentes nações. E em diversos casos, o fato de serem descendentes de curdos não pressupõe que os mesmos o sejam ou se vejam como tal.

população curda de maneira geral. Pois, se, para a comunidade curdo-dinamarquesa, a sociabilidade presente é um fator inextrincável para a compreensão da mesma, faz-se necessário observar brevemente os fatores externos a sociabilidade curda cotidiana, mas que influenciem as mesmas, através do capital cultural que tais indivíduos adquirem através de contatos fora da mesma.

Em primeiro lugar, em termos tecnológicos, a proximidade geográfica não é mais uma questão impeditiva a relacionamentos mais duradouros e sérios entre diversos indivíduos, além de não ser também impeditivo a criação de uma comunidade curda em diversos locais e que influencia também a comunidade curdo-dinamarquesa. As discussões que ocorrem dentro da comunidade curdo-dinamarquesa muitas vezes também ocorrem. Fóruns online e redes sociais nos permitem o contato com pessoas distantes com a qual compartilhamos coisas em comum. O Facebook permite que possamos saber sobre o dia-a-dia de amigos e familiares distantes. Ou seja, tal afirmação torna-se cada vez mais longe do contexto cotidiano de uma parte considerável da população mundial. E em segundo lugar, grande parte da sociabilidade curda vem de interações online, especialmente através de páginas e grupos dentro do Facebook. Ao tratarmos de identidade que é em si transnacional, e que tem um número elevado de imigrantes ao redor do planeta (especialmente na Europa Ocidental e América do Norte). Diversos grupos e organizações mantêm páginas dentro do Facebook como as já citadas FOKUS-A, Dansk Kurdisk Kulturcenter, além de grupos como o Dansk Kurdisk Kvindeforening (União Feminina Dinamarquesa-Curda), o Feykurd Danmark, ligado ao PKK, além de páginas com conteúdo jornalístico como o Jyian.dk e o Nûdem.dk, soma-se a isso, as páginas oficiais de todos os políticos curdos, além de dos diversos grupos, tanto fechados quanto abertos, de temática política e social relacionadas a identidade curda, e isso só ao mencionar os grupos curdo-dinamarqueses. Há também um compartilhamento notável de informações, conteúdo e discussões dentre os diversos grupos curdos da Dinamarca, Noruega e Suécia. A proximidade geográfica somada a proximidade linguística e cultural dos três países favorece tal troca em diversas maneiras, incluindo aí o relacionamento entre comunidades curdas imigrantes nos três países. Também são notáveis os grupos e sites baseados em diversos países, cujo conteúdo é produzido em outros idiomas como inglês, francês, alemão, além, é claro, de sites e grupos tanto em kurmanji quanto em sorani, apesar dos últimos exemplos

serem mais relacionados a comunidade curda em geral, e não a comunidade curdo-dinamarquesa.

Portanto, a sociabilidade curda e as relações que criam o capital cultural que as sustentam, se não necessitam, necessariamente, da proximidade geográfica para que possam sobreviver, sendo a internet um grande facilitador das relações sociais de indivíduos curdos espalhados pela Dinamarca possam relacionar-se entre si, além de conseguirem manter contatos com familiares e amigos no Curdistão. Se a popularização da internet ajudou a manter o contato e a proximidade apesar da distância, o mesmo ocorre com a comunidade curda na Dinamarca. Manifestações, demonstrações, mostras culturais, campanhas de arrecadação surgem com o apoio facilitador da internet, assim, tal ferramenta torna-se um grande agente facilitador da cultura e sociabilidades curda, e assim, indivíduos que possuem a capacidade de compreender idiomas diferentes do dinamarquês, que tem um conhecimento da linguagem utilizada na vida acadêmica, que tem acesso a fóruns, perfis em redes sociais, blogs, sites, de estudiosos de assuntos relacionados a identidade curda, tem a possibilidade de adquirirem um capital cultural relevante e que passa a ser utilizado e compartilhado dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, tanto através das ocasiões em que os mesmos estejam reunidos fisicamente, ou ainda através da internet. Portanto, a internet acaba por ser um meio facilitador tanto do compartilhamento de conhecimento como para adquirir o mesmo, e os indivíduos que são capazes de navegar através desse conhecimento e são capazes de filtrar, traduzir, debater, sobre tal conhecimento são indivíduos que tem um capital cultural extremamente relevante dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, e especialmente, dentro da comunidade mais jovem.

Ao conversar com um interlocutor que já estava aposentado, o mesmo me confidenciou meio em inglês e meio em dinamarquês que aprende muita coisa com a geração mais nova, e que os mesmos aprendem muita coisa na internet, algo que segundo ele, não fazia parte de seu mundo, mas que é bastante relevante que fizesse parte do mundo dos mais novos. Logo, fora possível perceber que o conhecimento que vem da internet acaba sendo um território para gerações mais novas, e que, parte da geração mais antiga, ou seja, os primeiros imigrantes que vieram nos anos 1970 e 1980 veem a mesma como um diferencial entre eles e seus filhos e netos, e conforme o mesmo interlocutor me afirmara, para ele era algo importante, pois mostra que as gerações mais recentes continuam a buscar maneiras de “serem curdos”, ou seja,

maneiras de conhecerem e reproduzirem a cultura curda, mesmo que tais maneiras sejam mais acessíveis a uns do que a outros, demonstrando que curdos tanto de 2^a quanto de 3^a gerações também eram ativos dentro da comunidade curdo-dinamarquesa e na manutenção do que os mesmos chamariam de tradições curdas.

Bourdieu (1983) traça a importância que determinados sujeitos, possuidores de capital cultural, tem dentro da comunidade nos quais os mesmos fazem parte. Dentro da comunidade curda na Dinamarca, existem diversos sujeitos que mantêm uma posição de destaque dentro da mesma. Portanto, faz-se necessário saber como tal conhecimento e tais sujeitos afetam a sociabilidade dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Há o exemplo claro dos políticos de origem curda, tanto no parlamento local, quanto nas municipalidades e regiões. Tais indivíduos são conhecidos tanto dentro da comunidade curda quanto pela comunidade dinamarquesa. A presença dos mesmos em eventos e demonstrações curdas é tanto uma forma dos mesmos mostrarem pra uma parte considerável de seu eleitorado o envolvimento em questões políticas e culturais pertinentes a população curda e aos curdos-dinamarqueses, haja visto que eles são parte da estrutura política dinamarquesa; quase sempre tais políticos são os responsáveis por trazerem as questões relacionadas, tanto a imigração e direitos dos imigrantes e seus descendentes de uma maneira geral, quanto a política externa no que toca o que se convencionou chamar como causa curda para dentro de seus partidos e também perante ao parlamento dinamarquês.

Nos diversos eventos que pude participar (incluindo o festival de cinema curdo na capital dinamarquesa, quanto as diversas manifestações e palestras), a presença dos mesmos – no caso Serdal Benli e Ozlem Cekic – ambos membros do partido social democrata dinamarquês eram bastante celebradas pelos indivíduos presentes, e os mesmos encontravam-se constantemente cercados por indivíduos que os interpelavam constantemente, além dos mesmos encontrarem uma base de apoio bastante ampla entre os mesmos, com indivíduos da comunidade curdo-dinamarquesa se engajando na campanha política dos mesmos³². Logo, o capital social que tais indivíduos possuem, devido a capacidade política que os mesmos tem, além do acesso a recursos que os mesmos possuem devido a sua atuação política, faz com que eles

³² Um dos meus principais interlocutores, o já citado Zana, foi, por exemplo, uma figura bastante ativa na campanha do também citado Serdal Benli para o parlamento dinamarquês durante o ano de 2015.

sejam figuras bastante solicitadas, reconhecidas e admiradas dentro da comunidade curda.

Um exemplo de tal sociabilidade e do capital cultural que é distribuído de maneira distinta entre os membros da comunidade curdo-dinamarquesa fora quando o irmão de Serdal falecera devido a luta contra um câncer, e o movimento de homenagens, tanto dentro do Facebook, com textos, vídeos, trocas de foto no perfil pela foto do jovem rapaz, e a presença maciça da comunidade curda em seu funeral servira para mostrar que o mesmo fora uma figura bastante querida dentro da comunidade curda local, e que o apoio a seu irmão e seus familiares em tal momento de perda, seria incondicional. A perda de um jovem curdo engajado politicamente, além de irmão de um dos políticos curdos mais conhecidos por tal população servira, portanto, como forma de estreitar os laços que tal comunidade tem com tal representante político e com sua família. Após o falecimento do mesmo, seu irmão, resolve criar um campeonato de futebol com seu nome para arrecadar fundos para a população em Shingâl (Sinjar). Portanto, a dedicação que um indivíduo teve em vida ao que pode ser compreendido como causa curda é refletido através da rede de contatos que o mesmo adquiriu por intermédio do capital cultural que o mesmo tem dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Tal rede se manifestara claramente durante o período em que o mesmo estivera doente e após a sua morte.

Além deles, indivíduos engajados nas diversas organizações curdas também são figuras populares dentro da comunidade curda. Os responsáveis pela organização de palestras, eventos culturais, demonstrações e celebrações de Newroz (celebração do ano novo no calendário iraniano, mas que para a comunidade curda significa a libertação das mãos de um tirano, remetendo a um mito conhecido desde 1000 A.C) são indivíduos conhecidos por grande parte da comunidade curda. Os líderes da FOKUS-A, por exemplo, são figuras extremamente ativas dentro das comunidades curdas no Facebook, além de muitas vezes serem os responsáveis por engajar os participantes das manifestações através de discursos, ou ainda, de serem os responsáveis pelo contato com a imprensa e com o público dinamarquês, tendo portanto, uma posição pública de destaque.

Numa das manifestações que eu participara, inserida entre a fala de políticos dinamarqueses de partidos políticos distintos, como o Partido Conservador, os

Sociais-Democratas e o Partido da Lista Vermelha e Verde³³, a líder da FOKUS-A, Esmer, também discursara em nome de sua organização, que fora uma das lideranças dentro de tal manifestação. Tal discurso, proferido por uma mulher jovem e com uma posição de destaque dentro da uma organização curda demonstra também o papel que o capital cultural passam a ter na sociabilidade curda também em relação a gênero e a idade.

Tal reconhecimento, portanto, de indivíduos que não tem a mesma atuação política, por diversos motivos, por indivíduos que tem tal atuação, demonstra que o desprendimento que tais indivíduos engajados tem, em relação a causa curda e as suas diversas manifestações políticas e culturais, tem um capital cultural extremamente relevante dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Tal capital serve como um elemento agregador para os curdos ao representar uma série de conhecimentos que alguns indivíduos possuem tanto da cultura curda quanto da cultura dinamarquesa, sendo o mesmo também uma capacidade de alguns indivíduos em conciliar tais conhecimentos.

Por exemplo, o engajamento de diversos indivíduos dentro da FOKUS-A, e o papel que a mesma tem no diálogo dentre a comunidade curda e a comunidade dinamarquesa faz com que o número de membros da mesma tenha crescido, o que pode ser observado durante a minha etnografia, tanto por reconhecer alguns de meus interlocutores que no verão de 2014 não eram membros, mas que no inverno de 2015, tinham um papel de atuação e organização do festival de cinema curdo que ocorrera no centro de Copenhague, quanto pela procura por fichas de inscrição no dia de abertura do mesmo.

Pois, se a identidade étnica não depende da vivência em um certo território (BARTH, 1969), no caso da identidade curda, a mesma está, especialmente nos dois últimos séculos, ligada a um nacionalismo curdo, que, se em alguns casos não se manifesta como um desejo de construção de um estado nacional étnico e curdo – o federalismo de Ocālan, afinal, está mais próximo de uma sociedade comunalista do que de um estado-nação clássico – o mesmo ainda é invariavelmente ligado a fatores culturais e um sentimento de opressão frente a outros estados-nação, ditadores, regimes políticos. O conhecimento de tais formas de opressão, e a luta constante

³³ Partido de extrema-esquerda formado no início dos anos 90 pela junção de diversos partidos pequenos de orientação socialista e ecologista.

contra a mesma, faz com que os indivíduos que, ao viverem na Dinamarca, mesmo assim mantenham uma atuação política, social e cultural em relação a mesma, sejam tratados com destaque dentro de tal comunidade.

Tendo em vista que a sociabilização curda na Dinamarca é invariavelmente repleta, em alguns casos de narrativas de injustiça e opressão, e em outros, pelo sofrimento de injustiças e opressão nas mãos de grupos mais poderosos, ou ainda de ambos, os indivíduos que são capazes de transformar e codificar tais eventos em formas de engajamento prático frente aos mesmos, acabam, portanto, por serem agentes capazes de trazer benefícios para toda a população curda (ao menos é de tal maneira que tal engajamento é codificado), sendo essa uma forma da capital cultural extremamente relevante ao se observar a dinâmica dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

Tal codificação se reflete nas diversas manifestações políticas em locais públicos na capital dinamarquesa (e após Kôbane e Shingal, em outras cidades menores). Se na primeira manifestação as figuras e bandeiras com representação política não estiveram presentes, mas outras, elas tiveram papel de destaque. Dentre elas, uma organizada por simpatizantes do PKK em solo dinamarquês, e com uma presença de ao menos cinquenta participantes, contou com a presença do já citado político curdo-dinamarquês Serdal Benli, discursando sobre a prisão de Ocālan que completara 15 anos. Houve também a presença de bandeiras dos diversos partidos ligados ao PKK, além de fotos de Abdullah Ocālan. Uma análise sobre o número de participantes diria que o número reduzido de participantes não traria retornos políticos para o mesmo. Entretanto, conforme ele me confidenciara, a ausência de um número elevado de pessoas não significa que tal demonstração em espaço público não se “prolongue” através das redes sociais curdas (tanto virtuais quanto pessoais). Logo, um engajamento constante é uma condição indispensável para a manutenção de tal capital cultural, conforme fora citado por Bordieu (1983). Tal formulação também pode ser encontrada também dentro da FOKUS-A, na qual, os indivíduos mais engajados e mais participativos eram os que assumiam posições de liderança, além de serem reconhecidos pelos membros menos ativos e não-membros mais velhos como indivíduos participativos dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

O espaço público na Dinamarca é, portanto, utilizado por diversos grupos étnicos, culturais, políticos, artísticos e religiosos como forma de se expressarem. No caso da comunidade curdo-dinamarquesa, tal privilégio de se viver numa sociedade

democrática, é expresso através das diversas manifestações que foram citadas anteriormente. E é através das mesmas que a comunidade curda se posiciona e se faz ser percebida dentro da Dinamarca, e além disso, se posiciona frente as questões ligadas ao que é conhecido como Curdistão dentro de uma perspectiva nacionalista, e da situação da comunidade curda no Oriente Médio. Dentro de tais manifestações, as diferentes formas de sociabilidade curda são postas em práticas, além de relacionamentos, alianças, inimizades serem expostas de maneiras abertas ou sutis.

Outro fator relevante de tais manifestações (e não só delas) é que elas são maneiras dentre as quais o capital social de diversos indivíduos é constantemente ressignificado, acumulado ou mesmo perdido. São através delas que parte da população curda cria uma ideia de comunidade, além de expor para a Dinamarca, e para o estado dinamarquês que os mesmos são uma população imigrante significativa. Indivíduos que, como meu interlocutor Zana, abrem mão de planos pessoais de maneira a se dedicarem ao avanço da causa curda se tornam cada vez mais populares dentro da mesma, enquanto uma entrevista mal interpretada, como a que fora concedida por um conhecido jornalista curdo-dinamarquês para um tabloide, e que ressoa mal dentre diversos grupos e indivíduos curdos fez com que o mesmo perdesse credibilidade entre parte da comunidade curdo-dinamarquesa.

Portanto, a compreensão dos fatores que compõe o chamado capital cultural, além da sociabilidade dentro da comunidade curdo-dinamarquesa tornam-se extremamente relevantes para a compreensão das estruturas e da dinâmica social dentro de tal comunidade. Se a sociabilidade curdo-dinamarquesa nos revela elementos extremamente importantes da cultura curdo-dinamarquesa, ao nos apresentar uma concretude para a comunidade curdo-dinamarquesa da população curda, ao mesmo tempo em que apresenta também uma troca cultural indispensável para a sobrevivência da mesma, também é capaz de revelar os processos que tais indivíduos utilizam para a construção de uma identidade curda compartilhada. Já o conceito de capital cultural é extremamente útil ao tornar possível observar quais elementos culturais são vistos de maneira mais importante na dinâmica social da comunidade curdo-dinamarquesa. Qual conhecimento ou quais conhecimentos são necessários para se estabelecer quais indivíduos tem uma proeminência dentro de tal comunidade, e ainda, para estruturar tais conhecimentos em relação as dinâmicas da comunidade curdo-dinamarquesa.

Capítulo IV - FOKUS-A: estudantes curdos e suas identidades

A FOKUS-A (*Forbundet for Kurdiske Studerende og Akademikere*), acrônimo em dinamarquês que significa “Organização para Estudantes e Acadêmicos Curdos”, é uma organização política e cultural curdo-dinamarquesa fundada no ano de 2008 por estudantes universitários na região metropolitana de Copenhague. O público alvo de tal organização tanto na época, quanto agora, são os jovens curdos que acabavam de entrar no ensino superior, ou que já eram parte do mesmo. A imensa maioria de seus membros contribuintes tem entre dezoito e trinta e cinco anos, e todos os membros do conselho decisório encontram-se nessa faixa etária.

Em tal capítulo, as articulações da FOKUS-A dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, além da história e das motivações de seus membros serão descritas e analisadas. A minha experiência etnográfica que contou com a participação como ouvinte em algumas reuniões organizadas por tal grupo, além de manifestações e do festival de cinema curdo, organizada pelo mesmo, além de entrevistas com membros ativos mais antigos quanto mais recentes e de membros fundadores da mesma, me auxiliarão na construção de uma análise antropológica do papel que a mesma tem, tanto na socialização de jovens curdos em relação a cultura curda, como o papel que a mesma tem de articular diversos indivíduos dentro da comunidade curda, além da relevância que a mesma possui na construção de canais de contato e articulação entre curdos e não-curdos dentro da sociedade dinamarquesa em geral.

i) FOKUS-A: surgimento, atividades e seu papel na comunidade curdo-dinamarquesa.

Em primeiro lugar, antes de se abordar qualquer atividade ou relação que a FOKUS-A tenha dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, faz-se necessário explicar como a mesma surge, além de abordar quais os objetivos de seus fundadores ao criarem a mesma. Em qual contexto um número de indivíduos achava que seria importante criar uma organização focada em jovens e estudantes curdo-dinamarqueses, tanto em relação a comunidade curdo-dinamarquesa, quanto em

relação a sociedade dinamarquesa, e ainda, quais as relações sociais que possibilitaram que tal organização, após ser fundada, conseguisse se manter ativa ao longo dos anos.

Durante minhas entrevistas, uma pergunta recorrente que eu fazia a meus interlocutores era relacionada as possíveis dificuldades práticas de se construir uma organização social sem fins lucrativos relacionada a identidade curda em território dinamarquês. A dificuldade inicial fora a da estruturação e da criação da organização, e essa fora uma das principais questões que, segundo um dos três fundadores, levava mais tempo para ser resolvida, necessitando de “aproximadamente seis meses de reuniões constantes para garantir que tudo fosse estruturado perfeitamente”. Outras organizações curdas foram pensadas, ou ainda fundadas, e acabaram por não conseguirem se manter de maneira consistente, sendo assim esquecidas devido a um esvaziamento das mesmas. Portanto, dentro da narrativa de seus fundadores, esses seis meses tornam-se extremamente necessários para que a FOKUS-A não tivesse o mesmo fim de outras iniciativas antes dela. E fora durante tal período que estabeleceu-se o papel que a FOKUS-A cumpriria. Sendo os três fundadores universitários de três universidades diferentes da região metropolitana da Copenhague, decidiram que a organização deveria, portanto, focar em jovens estudantes e recém-saídos da universidade. Além disso, decidira-se que a mesma, conforme já falado anteriormente, não seria ligada a nenhuma crença religiosa ou partido político, sendo, de tal maneira, aberta aos curdos, independente de qualquer diferença ideológica ou de religião. Assim, em 2008, surge, após muita deliberação, a FOKUS-A.

Se a FOKUS-A surge com o objetivo de alcançar dois setores da população curdo-dinamarquesa, nominalmente, a comunidade jovem, além da população que esteja estudando (sendo que tais grupos demográficos acabam por muitas vezes coincidem). Considerando uma tradição da comunidade curda em diáspora em organizar-se em diversos grupos conforme já observado por Bahar Baser (2013), Martin Van Bruinessen (2015), sendo tal comunidade em diáspora extremamente organizada e numerosa, haja vista os diversos grupos ligados a causa curda em diversos países da Europa e da América do Norte, e que surgem em diferentes contextos históricos, e respondendo a diversas situações, e porém, apesar das diferenças, ainda mantendo uma ideia de uma comunidade curda-transnacional, a FOKUS-A surge como uma forma que tal segmento da população tem de se organizar

tanto em relação a comunidade curdo-dinamarquesa, quanto em relação a sociedade dinamarquesa, e em relação a esses dois vetores que se deve compreender as atividades organizadas pela FOKUS-A, tanto como uma maneira da população mais jovem se organizar política e culturalmente, quanto uma forma de tais jovens utilizarem-se de seu capital cultural como estudantes universitários para se articularem com a sociedade dinamarquesa. Conforme me fora confidenciado, por um de seus fundadores, a FOKUS-A surgiria para que tanto as gerações mais velhas vissem que eles eram tão curdos quanto eles, quantos os dinamarqueses (leia-se dano-dinamarqueses) pudessem conhecer um pouco sobre o que significaria ser curdo.

Antes de abordar as atividades da FOKUS-A, faz-se necessário analisar a identidade visual da FOKUS-A, pois além de ser a simbologia mais óbvia para qualquer indivíduo que a veja representada, tanto num cartaz, numa flâmula, quanto online, a mesma explica muito sobre os objetivos e da filosofia da mesma. O mesmo é formado por uma circunferência verde com uma borda branca. Ao redor da circunferência verde, tem-se o nome da organização em dinamarquês e o ano de fundação da mesma (2008). Dentro da mesma, tem-se uma circunferência amarela com um sol de 21 pontas em um tom mais escuro de amarelo e dentro do mesmo o território do Curdistão dentro da narrativa nacionalista, além do desenho de alguns livros. Tal simbologia representada encontra forte eco dentro da narrativa identitária curda, enquanto outras relacionam-se somente aos objetivos do mesma dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

As cores representadas (verde, vermelho, amarelo e em menor representação, o branco) estão presentes em diversas representações da identidade curda, além de representações políticas e de tom nacionalista. As mesmas estão todas presentes dentro da bandeira do Curdistão que é amplamente utilizada por curdos presentes nas quatro países (mesmo que em alguns casos ilegalmente) e ainda pela comunidade curda em diáspora. A bandeira do PKK tem as três cores, (além do círculo) assim como a dos partidos (como o PJAK, o YPG) de identidade curda espalhados pelos outros três países (Irã, Síria e Iraque, além da Turquia, lar do PKK). Tais cores que historicamente tem um significado calcado na busca de um estado-nação curdo, e que dentro da narrativa curda no qual o vermelho representa o sangue dos mártires curdos através da história; o branco representaria a paz e a esperança num futuro gozado com liberdade; o verde seriam as paisagens do Curdistão, e o amarelo do sol ao centro simbolizaria; as 21 pontas do sol são uma referencia a religião yazidi, e também

dentro da religião antiga presente no Curdistão pré-Islã (Iasdanismo), sendo o número 21 um número secreto em ambas as religiões. Logo, a utilização de tais cores fazem referencia a uma cultura curda compartilhada por todos, e de conhecimento amplo, sendo as em si um fato social.

Os símbolos utilizados também esclarecem uma série de fatores ligados a tal organização. O uso do nome da organização em dinamarquês indica tanto um diálogo com a sociedade dinamarquesa, e ainda demonstra que o alvo também são indivíduos curdos que não falam nenhum idioma curdo (assim como suas reuniões e atividades que costumam serem em dinamarquês). Os livros são uma lembrança de que essa é uma organização focada em acadêmicos e estudantes, e ainda, o mapa do Curdistão (dentro de uma perspectiva nacionalista), reforça uma identidade curda compartilhada dentro dos quatro estados do Curdistão, e ainda evoca uma resistência histórica comum dentro dos quatro territórios curdos, e que passa por ideais como liberdade, autoafirmação cultural, ou até mesmo um desejo de criação de um estado nacional curdo.



Algumas atividades organizadas pela FOKUS-A são conhecidas e amplamente recebidas pela comunidade curdo-dinamarquesa e também pela sociedade dinamarquesa. O festival de cinema curdo, que já está em sua quarta edição ocorrida

em fevereiro de 2015, e que ocorre num cinema perto da estação central de Nørreport em Copenhague atraindo diversos espectadores de diversas faixas etárias, além de indivíduos que não são curdos e procuram saber mais tanto sobre a situação da comunidade, quanto sobre as formas de expressão artística relacionadas aos curdos. Documentários retratando a situação de refugiados curdos e longa metragens sobre relacionamentos são exibidos, e no caso de alguns filmes, discussões e palestras após a exibição dos mesmos são organizadas.

Tal festival tem rapidamente entrado no calendário de atividades da comunidade curda da região metropolitana de Copenhague. O fato do mesmo ocorrer por quatro dias e num fim de semana (entre quinta e domingo) fez com que um número grande de pessoas pudessem se adaptar aos horários e assistir ao menos um dos filmes exibidos. Antes da exibição dos filmes, membros da FOKUS-A distribuem fichas de filiação para diversas pessoas que estiverem interessadas em se tornarem membros, o que ocorre de maneira constante.

Demonstrações e manifestações em frente ao parlamento local, a prefeitura de Copenhague, ou em frente a embaixada iraniana também são organizadas pela FOKUS-A, embora nem sempre sejam responsabilidade apenas da FOKUS-A, contando, em muitos casos com o apoio de outros grupos, em alguns casos, grupos apenas ligados a identidade curda, e em outros, grupos políticos dinamarqueses, frequentemente o partido político Enhedslisten já citado no capítulo anterior.

Tais demonstrações ocorrem tanto como forma de lembrar – ou para não permitir que a memória desapareça – de massacres sofridos por curdos dentro ou fora do Curdistão. O massacre de Roborski³⁴, o genocídio de Halabja³⁵, as três ativistas curdas mortas em Paris, os refugiados yazedis em Shîngal, a resistência em Kôbane, os militantes curdos condenados a morte pelo governo iraniano, o encarceramento de Ocãlan são contextos que proporcionam demonstrações da comunidade curda em

³⁴ O massacre de Roborski, que ocorre no dia 28 de dezembro de 2011, ou ainda massacre de Sirnak faz referência a um ataque aéreo das forças armadas turcas a um grupo de civis na fronteira entre a Turquia e o Iraque em que o governo turco cria ser de militantes do PKK. 34 civis foram mortos.

³⁵ O genocídio de Halabja refere-se a um ataque a cidade de Halabja ocorrido no dia 16 de Março de 1988 que fica na região autônoma do Curdistão no Iraque, e a 9km do Irã. Durante a guerra entre Irã/Iraque, após a cidade ser liberada pelos peshmergas curdos com apoio de forças iranianas, o governo de Saddam Hussein realizou um ataque a cidade, utilizando-se de armamento convencional, além de armamento químico, deixando aproximadamente 5000 mortos e 7000 feridos e com sequelas.

diáspora ao redor do mundo, incluindo a capital dinamarquesa. Tais eventos reforçam a memória coletiva dentro da comunidade curda de um histórico comum de perseguição. Tais demonstrações, que são organizadas pela FOKUS-A (em conjunção com outros grupos), que assume publicamente o papel de porta-voz de uma parte da comunidade curdo-dinamarquesa, nominalmente, a de jovens com educação superior, e ao assumirem tal papel, demonstram para o resto da comunidade curdo-dinamarquesa que os mesmos estão envolvidos com a história, a política e a cultura curda, além de representarem também uma corte geracional dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

Outro papel relevante da FOKUS-A é a de organizar, ou participar da organização, em conjunto com outras organizações, grupos, partidos políticos de debates, palestras, e seminários relacionados a defesa da causa curda. Em fevereiro de 2015 uma série de palestras sobre o papel das mulheres no campo de batalha contra o ISIS na resistência de Kôbane fora organizado pela FOKUS-A, entre outras organizações curdas e não curdas, na Universidade de Copenhague contando com a participação de palestrantes de diversas universidades europeias.

Logo, a FOKUS-A também serve como uma ponte entre o mundo acadêmico e o mundo fora da academia, tanto para a comunidade curda, quanto para a sociedade dinamarquesa. Ao organizar eventos de cunho acadêmico sobre assuntos relacionados a cultura curda, a FOKUS-A se reafirma simbolicamente como uma das organizações que possui o capital cultural (BOURDIEU, 1973) suficiente para tal empreitada, atraindo indivíduos curdos para sua esfera de influência que gostariam de possuir, ou que possuem tal capital, além se posicionar como uma das organizações que possuem a capacidade de servir como um canal de diálogo entre o mundo acadêmico curdo e o mundo acadêmico não curdo dentro da Dinamarca, tratando de assuntos como feminismo, questões étnicas, política internacional, direitos humanos, história, entre outros. A FOKUS-A também organiza aulas de kurmanji em um nível para iniciantes e a um baixo custo (200 coroas dinamarquesas/mês³⁶) abertas ao público geral, não somente para membros da mesma. Considerando que a comunidade curdo-dinamarquesa é formada por indivíduos em termos linguísticos bastante heterogêneos, contando com indivíduos cuja experiência com o idioma curdo antes de imigrarem

³⁶ O que equivaleria, dentro da cotação do dia 06/08/2015, a aproximadamente 100 reais ao mês (fonte: Banco Central). Um valor bastante baixo considerando-se a renda per capita do país.

sofrera perseguição governamental, ou com descendentes de imigrantes cujo o contato com o idioma não é tão constante, até indivíduos que migraram para a Dinamarca já em idade adulta.

Logo, o domínio de algum idioma curdo, dentro da comunidade curdo-dinamarquesa não é uma constante, apesar do desejo explicitado por grande parte dos meus interlocutores que não eram fluentes no mesmo em aprendê-lo. A organização de aulas instrumentais de um idioma curdo é, portanto, uma forma que a FOKUS-A tem de se posicionar frente a comunidade curdo-dinamarquesa como uma organização que também preza pela preservação das tradições linguísticas da comunidade curda.

Sendo a FOKUS-A uma organização cujo público alvo é o de jovens, há um programa de mentores dedicados a auxiliar jovens curdos recém-saídos do ensino médio em sua transição ao ensino superior. Tal atividade, que consiste em que um membro mais antigo da organização ajude um membro mais novo com diversas questões relacionadas ao início da vida acadêmica do mesmo. Tal programa tem como objetivo tanto integrar tais jovens com os membros mais experientes dentro da FOKUS-A, quanto servir como uma forma de aconselhamento frente aos jovens que estariam começando uma nova etapa em suas vidas, além de estreitar os laços dentre os membros mais jovens da comunidade curdo-dinamarquesa.

Soma-se a tais iniciativas, a organização de acampamentos e retiros organizados (os quais, infelizmente, não pude participar) e frequentados pelos membros, cujo o objetivo é tanto acadêmico e político, pois as mesmas contam com a presença de palestrantes inteirados sobre assuntos relacionados a identidade curda, além da questão da sociabilidade, pois os mesmos passam 3 dias juntos, podendo assim estreitarem seus laços de amizade, enquanto comem comidas típicas (conforme me fora relatado) e ouvem música curda, além de terem a oportunidade de conviverem em um ambiente no qual os falantes de algum idioma curdo são encorajados a praticá-los, e os que ainda estão aprendendo são encorajados a utilizá-lo. Ou seja, são espaços nos quais a identidade curda é estimulada, e uma troca de elementos culturais calcado nas diversas perspectivas e vivencias de tais indivíduos como curdos ocorre.

Outro papel relevante que a FOKUS-A tem em relação a comunidade curdo-dinamarquesa encontra-se no papel de organizadora de excursões com jovens curdos para o Curdistão turco, especialmente para Diyarbakir. Viagens anuais organizadas pela liderança da FOKUS-A, e com a presença de diversos jovens com em média,

entre dezoito e vinte e um anos, é a principal maneira que a FOKUS-A encontra de manter uma conexão simbólica e geográfica entre a identidade curda na Dinamarca e a população do Curdistão ao reforçar uma ligação histórica e afetiva com o território visto por eles como do povo curdo. Para uma grande parte dos membros que participam de tais viagens, a mesma é a primeira oportunidade que eles tem de vivenciar e conhecer o dia-a-dia de localidades majoritariamente curdas.

Conforme observado em diversas entrevistas, tanto formais, quanto informais, a grande maioria dos jovens que participam de tal viagem são jovens curdos de 2ª ou 3ª geração, cujas famílias e eles já estão bem estabelecidas na Dinamarca. São jovens que nasceram na Dinamarca e possuem passaporte dinamarquês desde que nasceram; ou seja, ao contrário de seus avôs ou pais, não precisaram passar por nenhum processo de naturalização. São jovens cujo o conhecimento de algum idioma curdo muitas vezes é superficial, e cuja a primeira forma de participação política dentro da comunidade curdo-dinamarquesa começara recentemente.

Uma grande parte acabara de sair do ensino médio, e está no caminho de iniciar alguma forma de educação superior ou profissionalizante. Um deles me afirmara que só recentemente procurara se inteirar sobre “ser curdo”, e que esperava que “durante a faculdade, eu possa saber mais sobre minha cultura e minha terra”. Para compreender tais movimentos de ressignificação identitária, faz-se necessário compreender a trajetória dessas indivíduos. Dentre os diversos indivíduos que eu pude entrevistar, uma delas, Esmer, uma das líderes da FOKUS-A tem um irmão que faz parte da guerrilha nas montanhas do Curdistão turco, enquanto Zana é filho de um ex-guerrilheiro e refugiado de guerra. Necati, um dos fundadores da FOKUS-A, veio para a Dinamarca em sua infância já que seu pai imigrou pois não queria servir no exército turco. Bear veio com sua família durante o regime de Saddam Hussein no Iraque. Essas são apenas algumas narrativas presentes dentro da FOKUS-A. Apesar de existir uma narrativa relacionada a opressão dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, há também uma nostalgia em relação a identidade curda, que é reforçada através de diversos elementos relacionados a mesma em solo dinamarquês, o qual inclui também a FOKUS-A.

Tal viagem, logo, é para muitos desses indivíduos o primeiro contato com uma realidade distinta do dia-a-dia vivenciado por eles dentro da Dinamarca, além de ser também o primeiro contato direto que os mesmos tem com a situação cultural e política do Curdistão. Ao estarem presentes durante o festival de Newrôz, na maior

cidade do Curdistão Turco (as viagens tendem a ser para o Curdistão Turco devido a facilidade de acesso, e o conhecimento que uma parte dos organizadores tem da região), os mesmos tem um contato com uma das festividades que, apesar dos mesmos já a celebraram na Dinamarca, com seus familiares e amigos curdos, não tem a participação massiva que tal celebração tem na cidade de Diyarbakir, aonde conta com a participação de aproximadamente um milhão de pessoas, de acordo com os números repetidos por diferentes interlocutores que já participaram de tal viagem.

Tal celebração que, para a comunidade curda, tanto em diáspora, quanto no Curdistão assume um significado político, ao ser vivenciada em primeira mão, dentro de um contexto no qual a perseguição política a indivíduos curdos, como eles, assim como relatada nas diversas narrativas constituintes da comunidade curdo-dinamarquesa, dá um significado mais palpável as mesmas. Entre outras coisas, a viagem ao Curdistão turco também inclui conversas e entrevistas com políticos curdos locais, além da possibilidade de tais jovens dinamarqueses, de origem curda, poderem utilizar ou começar o aprendizado idioma curdo, além de estarem imersos numa localidade de maioria curda.

Como um de meus interlocutores da FOKUS-A mais antigo, e que participara da mesma viagem há 2 anos atrás, me confidenciara, que a “celebração de Newroz, a comida curda, o dia-a-dia, a música, tudo é mais autêntico no Curdistão. Não que nós não sejamos curdos como os curdos daqui, mas é aqui (no território do Curdistão turco) que eles estão em contato com o nosso local, o nosso país.” Tal viagem cumpre também o papel de materializar as relações sociais que são baseadas apenas num conceito, no caso, a ideia de uma identidade curda compartilhada dentro de um território entendido como curdo; ou ainda como forma de aplacar uma nostalgia da nação. Logo, a mesma serve para que muitos jovens que foram nascidos e criados em território dinamarquês possam ter uma noção prática e uma vivência com indivíduos que também se identificam como curdos, no local que para muitos faz parte de sua nação, ou ainda, de sua expressão cultural.

Assim, a viagem serve como um rito de passagem, para utilizar uma expressão utilizada por Arnold Van Gennep (1960), para tais jovens que recentemente passaram a tratar sua identidade como indivíduos curdos como uma identidade articulada a participação na política relacionada a causa curda ao redor do planeta. Além do autor francês, outro antropólogo, no caso, Victor Turner (1969) traz reflexões interessantes sobre o tema, ao tratar o rito de passagem como um momento de liminaridade, nos

quais os iniciados não seriam mais membros da sociedade dos quais eles eram, e não foram reintegrados a sociedade que passariam a fazer parte, estando portanto, num estado transicional, como o autor famosamente cita *'betwixt and between'*. Utilizando-se de tal conceito, podemos ver que tal viagem é uma demonstração prática de conforme me fora dito “da vida e do dia-a-dia do Curdistão, com todas as dificuldades que não temos na Dinamarca, sem contar que em outros lugares, é ainda pior”. Os jovens que já fizeram tal viagem, ou ainda, que tenham alguma vivência dentro do que é imaginado como o Curdistão tendem a ter narrativas que são vistas dentro da comunidade curda como mais legítimas, e que passariam a demonstrar para a comunidade curdo-dinamarquesa, especialmente para os mais velhos, o envolvimento dos mesmos com suas identidades curdas. Um dos jovens, em uma conversa informal, me dissera, por exemplo, que conhecer o Curdistão agradaria muito a sua família. Portanto, a viagem que a FOKUS-A organiza cumpre o papel de legitimar perante a comunidade curdo-dinamarquesa, a identidade de tais indivíduos mais jovens.

Os jovens que nasceram na Dinamarca, e estão interessados em tais excursões ou em serem membros da FOKUS-A (o que nem sempre são proposições equivalentes), veem tal viagem como o primeiro contato com a causa curda in loco, além de tratarem tal momento como a primeira tentativa concreta de articularem-se politicamente em prol da mesma, tal participação política é baseada numa vivência, por mais curta que seja, afinal, os mesmos passam a ter um capital cultural comparável aos de outros indivíduos curdos que viveram dentro de um contexto curdo, tanto no Curdistão, quanto em países no qual a minoria curda fora historicamente oprimida. Logo, após voltarem da excursão ao Curdistão, os mesmos passam a se ver, além de serem vistos pela comunidade local, como adultos politicamente conscientes da causa curda, o que demonstraria uma hierarquia que é de certa forma diluída, entre as diferentes gerações de curdos na Dinamarca. Há de se notar, entretanto, que tal processo

Entretanto, essa viagem não é a única maneira de engajamento político e cultural em relação a causa curda, entretanto, é o evento que mais demanda organização, e de acordo com os membros da mesa diretora, é um dos eventos que os mesmos consideram mais relevantes para a causa política curda, e é também, junto com o festival de cinema curdo, a ocasião mais identificada com a FOKUS-A dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

Em resumo, a FOKUS-A é uma organização que reúne estudantes e acadêmicos curdo-dinamarquesas (ou simpatizantes com tais grupos) e cuja as principais formas de atividade política frente a comunidade que buscam representar, além da comunidade dinamarquesa de maneira geral, são através da organização de demonstrações e manifestações relacionadas a causa curda, a organização de palestras, além de organizarem o festival de cinema curdo, e de serem também os responsáveis por visitas anuais para o Curdistão turco. Faz-se necessário citar também que, os membros da FOKUS-A também participam de reuniões sociais entre eles, no qual os mesmos passam a criar laços de amizade que surgem num contexto relacionado a causa curda, mas também se estende a outras situações. Tais interações, além da dedicação de seus membros, são também parte extremamente relevante para explicar o crescimento da FOKUS-A dentro da comunidade curdo-dinamarquesa mais jovem. Há de notar também algo relevante em relação a Dinamarca, que é a presença de diversos grupos jovens ligados a questões políticas. Todos os partidos relevantes (independente da ideologia) no cenário nacional possuem uma ala focada na população jovem, ou seja, a sociabilidade dinamarquesa estimula uma maior participação política dos indivíduos que passam a entrar na idade adulta. A possibilidade de uma sociabilidade curda, entre indivíduos politicamente engajados dentro da causa curda, com a mesma faixa etária, é uma forma considerável de se atrair membros dentro da participação política local. É, portanto, uma forma de se estabelecerem também como um grupo com objetivos sociais entre os seus membros, grupos nos quais relacionamentos são criados e mantidos. Ouvei de alguns interlocutores que dentro de alguns membros da comunidade curdo-dinamarquesa, a FOKUS-A tinha uma certa fama como o grupo político no qual os jovens se conheciam “para namorar”.

Tal acusação feita por alguns indivíduos mais velhos tem um fundo de verdade, assim como também teria se o assunto fosse a grande maioria dos grupos políticos formados por jovens dentro da Dinamarca. Numa organização cujo público alvo são jovens recém-saídos do ensino médio ou recém-chegados ao ensino superior, e cuja a facilidade em se morar sozinho é extremamente alta, devido a ajuda financeira do governo, os relacionamentos afetivos entre tais jovens com um ideário em comum não é nenhuma surpresa. E que tais relacionamentos sejam olhados com uma certa desconfiança por membros mais velhos da comunidade curdo-dinamarquesa também demonstra mais uma diferença de gerações do que uma análise

mais correta. O fato de ocorrerem ou não ocasiões para eventos sociais não exclui a possibilidade de um engajamento político dentro de nenhuma organização, especialmente uma como a FOKUS-A, presença constante dentro de diversos eventos relacionados a causa curda, pois uma grande parte das atividades da FOKUS-A também tem um foco nas redes de sociabilidade para os membros mais jovens da comunidade curdo-dinamarquesa e objetiva fazer com que tal sociabilidade possa se desenvolver em prol da comunidade curda. Logo, tais são as atividades exercidas pela FOKUS-A em relação a causa curda, em conjunto, ou não, com outras organizações curdo-dinamarquesas, partidos políticos, cinemas locais e universidades.

ii) Inspiração política e organização institucional: a causa curda e a FOKUS-A

Conforme fora descrito anteriormente, a FOKUS-A é uma organização que busca reunir estudantes e acadêmicos de origem curda, e que, portanto, almeja ser uma representante da causa curda em território dinamarquês. Formada majoritariamente por indivíduos entre 18 e 35 anos, e com diversos eventos, tanto internos (ou seja, somente para membros da mesma), quanto para a comunidade curdo-dinamarquesa e para a sociedade dinamarquesa de forma geral, a FOKUS-A é uma das instituições mais ativas relacionadas a causa curda dentro da região da capital dinamarquesa, contando com grupos até fora de Copenhague. Sendo a comunidade curda, em toda a Europa, uma das comunidades em diáspora mais bem organizadas politicamente, sendo, portanto, a questão curda não é tão somente uma questão relacionada a política do Oriente Médio, mas também relacionada a política europeia (MARTIN VAN BRUINESSEN, 2002). Um dos meus interlocutores me afirmara que um dos objetivos das diversas manifestações curdas que ocorriam na Dinamarca e em outros países da Europa era para que “a Dinamarca, assim como os países da Europa (leia-se União Europeia) façam algo em relação aos massacres que os curdos tem sofrido. Nós, em diversos países, nos unimos para forçar os governos a fazer algo para o nosso povo”. Tal fala explicita que não só na Dinamarca, mas também, em diversos outros países há uma articulação transnacional entre as diversas comunidades curdas em diáspora. Com o avanço da internet, é possível que um jovem curdo saiba sobre manifestações que ocorram em Londres, Estocolmo, Paris. Tal conhecimento, além de

reforçar laços identitários em comum (pois são manifestações claras da comunidade imaginada curda), servem também para influenciar as articulações específicas de diversos países.

A causa curda, é uma questão política relevante para a política nacional de grande parte dos países europeus, devido a presença de um número considerável de imigrantes de origem curda e de seus descendentes. Entretanto, apesar da população curda de tamanho considerável dentro da Europa, há de se observar que em muitos casos tal comunidade tem um perfil heterogêneo, assim como Bahar Baser (2013) observa:

Comunidades curdas podem ser encontradas através de diversos países da Europa hoje (...). Suas experiências coletivas incluem histórias e memórias de opressão, migração laboral, terremotos, exílio, pobreza, tortura, relocação forçada, objetificação consciente, discriminação e xenofobia; em essência, uma constante luta por sobrevivência e preservação e reformulação identitária. (...) Hoje não é nenhuma surpresa que muitos curdos na Europa adotem estratégias para aumentar suas vozes coletivas na Europa, para atrair atenção para sua causa de governos, políticos e grupos da sociedade civis europeias, e como parte de sua disputa para serem reconhecidos etnicamente e culturalmente como “curdos” – primeiramente, na Europa, e depois na Turquia. (BASER, 2013)

Com isso em mente, é preciso pensar, portanto, que a FOKUS-A é um grupo relacionado a causa curda, dentro de um país com diversos grupos com o mesmo objetivo. E que tal país, a Dinamarca, é apenas mais um país europeu, que contém uma população curda em diáspora, e na qual, tal população se organiza de diversas maneiras, objetivando afetar a política de seus países e da União Europeia em relação a causa curda. Contextualizando, portanto, a FOKUS-A dentro de um movimento curdo não só dinamarquês, mas também europeu, ou mais ainda, internacional, é que torna-se possível compreender seus objetivos políticos, sua inspiração, seus vínculos com Abdullah Ocālan e os ideias do PKK, além de ser possível compreender como a

mesma se organiza institucionalmente, especialmente em relação a divisão de poder entre gêneros.

Tais estratégias, conforme fora citado anteriormente por Bahar Baser (2013) como forma de “amplificarem suas vozes coletivas na Europa” e que já foram exemplificadas anteriormente, servem para amplificar também uma ideologia, ou um conjunto de ideologias, que é compartilhada por seus membros, com diversas intensidades, e cujo papel é constantemente reforçado e ressignificado através dos diversos eventos que são organizados ou apoiados pela FOKUS-A. A própria organização institucional da FOKUS-A reflete tal inspiração política, conforme será analisado em tal capítulo.

Em primeiro lugar, é preciso analisar mais profundamente o significado de uma simples expressão: “a causa curda”.³⁷ O que é, portanto, para a FOKUS-A o significado simbólico da “causa curda” e de apoiar tal “causa”. Em meu trabalho, conforme citado na introdução, considero “curdo” todo aquele ou aquela que se veja como tal, logo, a causa curda seria a causa de todo aquele ou aquela que se vejam como pertencendo a comunidade curda e que sejam vistos e reconhecidos por tal comunidade como sendo curdos. A questão do que seria a “causa” é a palavra que deverá ser analisada neste capítulo de uma maneira mais aprofundada.

Em primeiro lugar, é preciso sublinhar as diversas opiniões concentradas dentro da comunidade curda ao redor do planeta. E tal comunidade, assim como Bahar Baser (2013) observa, é uma comunidade extremamente numerosa, e portanto, ampla dentro das suas características sociais. Há curdos, para usar a expressão marxista, de diversas classes sociais; há curdos com diferentes afiliações religiosas (ou que não tem nenhuma afiliação religiosa); há curdos com visões políticas distintas se formos utilizar a distinção clássica entre direita x esquerda. Há curdos que saíram do Curdistão devido a perseguição política, outros que vieram por serem refugiados, além de outros que migraram em busca de melhores salários tanto na Europa (os chamados “trabalhadores convidados” dos anos 60 e 70) quanto na América do Norte. Há comunidades curdas nas regiões tradicionais do Curdistão, além de comunidades

³⁷ Algo que deve ser questionado também para todas as outras organizações políticas relacionadas a diversas comunidades em diáspora ao redor do mundo por quem deseje estudá-las.

curdas mais antigas em diversos países como Rússia, Cazaquistão, Armênia, Quirguistão, além de comunidades significativas em diáspora em diversos países da Europa Ocidental, todas elas com dinâmicas distintas além de diferentes influências da política local.

Logo, para uma comunidade com experiências tão distintas, a ideia de uma causa curda deve ser problematizada e interpretada como uma disputa de poder, ou uma série de disputas de poder, dentro das diversas comunidades curdas (FOUCAULT, 1979). Conforme o filósofo e sociólogo francês afirma em “A Microfísica do Poder:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. (FOUCAULT, 2009, p.13)

De tal maneira, o pensamento foucaultiano, portanto, lida com as disputas de poder num nível discursivo. Tal formulação teórica pode ser aplicada em relação ao discurso político que une toda a comunidade curda ao redor do planeta, e mais especificamente, a comunidade curdo-dinamarquesa, conforme fora observado durante meu trabalho etnográfico. Mesmo que alguns discursos e suas ramificações, em alguns casos funcionem para alguns indivíduos como elemento agregador e para outros como elemento de divisão, a comunidade curdo-dinamarquesa se une, ao manter uma opinião sobre os mesmos, independente que tal opinião seja concordante ou discordante.

Dentro da comunidade curda em diáspora, um referencial cultural – haja vista que o mesmo é um elemento no qual grande parte das pessoas mantém uma opinião formada sobre – é a questão relacionada ao PKK e a seu carismático líder, mantido em cárcere desde 1999 na Turquia: Abdullah Ocãlan. O posicionamento, portanto, que a FOKUS-A tem em relação aos ensinamentos de Ocãlan e ao PKK, além da opiniões de seus membros sobre tais questões são relevantes para o papel que a mesma tem e terá frente a comunidade curdo-dinamarquesa local.

Durante meu trabalho etnográfico, entrevistei um jornalista curdo-dinamarquês, o mesmo que fora citado anteriormente, e mantenedor do maior site/página do Facebook de notícias e informações da Dinamarca relacionadas a comunidade curda e ao Curdistão, e cuja a presença, em outros meios de comunicação dinamarqueses, como especialista em tudo o que é relacionado ao Curdistão, tornara-se, desde minha primeira visita a Dinamarca em maio, cada vez mais frequente. Ao inquiri-lo sobre sua opinião em relação a FOKUS-A, o mesmo me afirmara que não era, nem jamais fora membro da mesma, devido a uma suposta influência que tal organização, além de seus membros, teriam do PKK e da ideologia do mesmo, e que, ele, como jornalista, não se sentiria a vontade sendo membro de um grupo que constantemente tolhia a liberdade de expressão de jornalistas. Portanto, o mesmo, apesar de reconhecer o papel que a FOKUS-A tinha dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, e apreciar seu trabalho em relação a defesa dos direitos curdos, além do esforço de seus membros, sendo, inclusive alguns deles seus amigos pessoais, ele mantinha uma distância ideológica que na opinião dele seria impossível de ser conciliada com sua profissão. Tal fala, portanto, reflete a percepção dentro da comunidade curdo-dinamarquesa de que a FOKUS-A seria somente um grupo ligado ideologicamente ao PKK (mesmo sem ocorrer um financiamento direto de grupos ligados ao PKK a FOKUS-A).

Tal exemplo serve para demonstrar, portanto, a relação que a FOKUS-A mantém com o PKK e os grupos derivados do mesmo; ou ainda, a influência que o ideário de construção identitária que surge com o PKK mantém sobre a FOKUS-A e suas ações dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, além, do papel que mantém em relação ao posicionamento político de seus membros. Logo, o papel do PKK dentro da comunidade curda em diáspora na Europa é o ponto de partida para qualquer análise em relação ao papel que a FOKUS-A tem dentro da Dinamarca. As diversas formas da atuação, além das mudanças de posicionamento político e estratégico que surgem dentro do PKK, e especialmente, através de seu líder Abdullah Ocãlan vem sendo peça chave na compreensão das vicissitudes da política curda, especialmente na Turquia, espalhando-se também para a comunidade curda dentro da Europa, e também são essenciais para a compreensão da ideologia que sustenta a FOKUS-A dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

Conforme Nezvatz Soguk (2008) analisa em seu artigo sobre a diáspora curda na Europa:

O PKK se tornou a força dominante por trás da proliferação de organizações em diáspora, eclipsando, portanto, diversos outros movimentos influentes e ativos dentro da comunidade curda em diáspora. (SOGUK, 2008)

A presença de grupos europeus ligados ao PKK na Europa surge no final dos anos setenta e início dos anos 80, marcadamente com a criação do “Bureau Europeu” (Khayati, 2008). Assim, junto com o aumento da comunidade em diáspora curda em território europeu, advinda especialmente do Curdistão turco, o posicionamento da organização política curda com maior poder de influência em relação ao que se convencionou chamar de “causa curda” também é transplantado para a Europa. E como Martin van Bruinessen (2000, 2000) notara em diversas ocasiões, a questão curda tornou-se também uma questão europeia, e o mesmo se deve a crescente população curda imigrante e descendente em diversos países europeus, além das diversas organizações políticas curdas nos mesmos países.

Entretanto, conforme fora observado durante o meu trabalho de campo, rotular a FOKUS-A como uma organização que existe somente para cumprir o papel de ser um grupo subserviente e ideológica e politicamente dependente do PKK seria uma caracterização simplista, tanto dos ideais da FOKUS-A, como do posicionamento de seus membros ativos que eu pude tanto entrevistar quanto manter conversas informais, ou até observar a interação dos mesmos através das redes sociais, especialmente pelo Facebook. O PKK, sua ideologia e as modulações da mesma, além dos livros e escritos de Abdullah Ocālan são elementos fundamentais para a compreensão da atividade política e cultural da comunidade curda em diáspora, entretanto, um trabalho etnográfico deve, necessariamente, saber avaliar as nuances presentes no discurso, e na prática de tais grupos e seus membros, e tratar a FOKUS-A como um grupo formado exclusivamente como forma de avançar os ideais da PKK e de Abdullah Ocālan, seria uma abordagem por demais simplista, mesmo considerando a grande simpatia que o PKK/Abdullah Ocālan tem dentro da FOKUS-A, ou ainda a simpatia que uma parte considerável de seus membros tem em relação a tal ideologia

As diversas mudanças de posicionamento político e ideológico do PKK, e especialmente de seu líder, Abdullah Ocālan, ao longo dos anos foram também

relevantes para influenciar o pensamento das diversas organizações curdas ao redor da Europa. Após a captura de Ocãlan, ocorre uma mudança em relação aos métodos mais utilizados pelo PKK, além de uma mudança em relação aos objetivos finais da organização. De uma maneira geral, Abdullah Ocãlan passa a pregar algo que ele convencionaria chamar de “confederacionalismo democrático” no qual ele defende o fim das fronteiras nacionais, e que a disputa curda (ao menos na Turquia) deveria ser por autoafirmação étnica, linguística e cultural, ao invés de uma luta pela constituição de um estado nacional (OCÄLAN, 2012), e o PKK passa a modificar sua estratégia de insurgência através de guerrilha por uma de participação política. Assim como Eccarius-Kelly (2010) afirma:

Conforme os militantes transacionavam para ativismo político curdo e enquadravam sua disputa como uma disputa por direitos minoritários e direitos humanos, eles ganharam importante apoio de numerosas organizações políticas de esquerda, grupos ativistas, e partidos políticos na Europa. (ECCARIUS-KELLY, 2010)

Tal mudança, portanto, tem um efeito bastante claro dentro da FOKUS-A, cuja a principal bandeira é a luta pelos direitos da população curda dentro do Curdistão. E tal luta inclui também a disputa por direitos, e contra a assimilação cultural historicamente imposta pelo governo turco, do qual a PKK, desde o início sempre se opôs. Isso não significa afirmar, entretanto, que o apoio ao PKK seja um apoio incondicional, e que não aja nenhuma crítica aos métodos utilizados pelos mesmos, especialmente em relação aos anos oitenta. Entretanto, a posição da PKK como uma defensora dos direitos curdos frente a “políticas de estado opressoras”, conforme uma das minhas interlocutoras me disse, faz parte da luta transnacional da comunidade curda ao redor do planeta.

Um exemplo disso pode ser encontrado nas manifestações em relação a situação em Shingâl e Kôbane, no qual, os guerrilheiros do PKK eram tratados como heróis ao se deslocarem da Turquia para o Iraque e para a Síria com o objetivo de participarem da resistência aos ataques do ISIS. A FOKUS-A, que estivera presente em tal demonstração, tanto através da presença de diversos membros, como através de um discurso proferido por sua presidente, uma estudante de Administração e

Negócios numa das universidades mais concorridas do país, e cujo irmão mais velho encontra-se nas montanhas do Curdistão iraquiano participando da guerrilha contra o governo turco. Seu discurso, que fora pontuado de questões emocionais em relação aos ataques brutais perpetrados pelo Estado Islâmico, também louvava os guerrilheiros que se deslocaram do Curdistão turco para o Curdistão iraquiano para defenderem a comunidade yazidi, junto com os combatentes peshmergas ligados a região autônoma do Curdistão no Iraque. Durante a mesma, bandeiras do PKK e fotos de mártires, além da fotos de Abdullah Ocãlan eram uma presença constante. Com a situação dos yazidis em Shingâl e a perseguição dos mesmos, o apoio as ações militares do PKK demonstrara o capital cultural que tal organização ainda mantém frente a população curda.

O constante pedido, e a articulação dentre diversas organizações curdas, entre elas a FOKUS-A, para a retirada do PKK da lista de organizações terroristas da União Europeia, demonstra que a mudança de perspectiva tanto das atividades do PKK em território turco quanto a opinião de Abdullah Ocãlan em relação aos métodos utilizados em seu objetivo também afeta as diversas organizações curdas em diáspora, incluindo na Dinamarca, e mobiliza além dos simpatizantes do PKK, um número de indivíduos que apesar de discordar do PKK, acredita que o governo turco é pior, e dentre esses indivíduos, alguns deles são filiados a FOKUS-A. Dentro da FOKUS-A, uma parte considerável de seus membros mais ativos – por ativos entenda-se, membros da diretoria – mantém alguma simpatia frente aos rumos mais recentes, ou seja, após o cessar-fogo da PKK. Entretanto, é preciso analisar mais profundamente o que significa ser simpático as posições da PKK e as ideias de Ocãlan de uma maneira mais aprofundada.

Em primeiro lugar, é preciso afirmar que há diversas maneiras nos quais um curdo pode afirmar ser favorável a causa do PKK e ao, conforme, os membros mais influenciados pela PKK afirma, “ao martírio de Abdullah Ocãlan sob as mãos do governo turco”. Há um sentimento bastante expressivo, dentro dos membros da FOKUS-A de que, mesmo sem concordar com o papel histórico ou com o papel ideológico do PKK, o mesmo tem, constantemente, sido um dos principais atores em relação ao combate a opressão sofrida pela comunidade curda dentro da Turquia. Há também um sentimento de que se o PKK é tratado como uma organização terrorista, o estado turco também deveria compartilhar de tal distinção, se fossem considerados os ataques perpetrados pelo exército turco contra os curdos (ou contra cidadãos turcos

em outras situações que não sejam relacionadas a etnia, como a ação policial em Gezi, em 2014), tal sentimento é bastante presente dentro da FOKUS-A por uma questão geracional, haja vista que grande parte de seus membros passaram a manter uma preocupação política maior relacionada a identidade curda após a mudança de perspectiva de Ocālan.

Numa narrativa no qual o governo turco por décadas tem impedido os curdos de se expressarem etnicamente como curdos, as formas de resistência a tal questão, se não são sempre justificadas em sua metodologia, ao menos são esperadas, e interpretadas como apenas uma reação as políticas de Ankara. E é dentro de tal contexto que o apoio ao PKK dentro das comunidades curdas em diáspora deve ser compreendido, porquanto há indivíduos que são defensores ferrenhos da mesma, e outros que se opõe frontalmente a seus objetivos e táticas, há ainda indivíduos cujo o apoio ao PKK é constantemente relativizado frente a uma narrativa complexa da identidade curda dentro do estado turco. Se eu não conhecesse nenhum membro da FOKUS-A que mantivesse uma posição absolutamente contrária ao PKK e a Abdullah Ocālan, o mesmo não se pode dizer do grupo que relativiza o papel dos mesmos, sendo, inclusive, a presença de tais indivíduos dentro da FOKUS-A bastante comum.

Em segundo lugar, é preciso analisar também o papel que Ocālan e seu conjunto de ideias, que desde 1999 são transmitidas desde sua prisão numa ilha no litoral da Turquia mantém, tanto sobre o PKK, quanto sobre a política curda, e também como interlocutor da causa curda em território turco. Ocālan ainda é visto, simbolicamente, como líder da comunidade curda (Baser, 2012), por uma grande parte dos mesmos, fato que pode ser comprovado através de meu trabalho de campo, no qual, a influência e a importância de Abdullah Ocālan quase sempre foram reiterados como sendo essenciais para a compreensão política e cultural da comunidade curda, tanto localizada na Turquia e no Curdistão turco quanto a comunidade curda ao redor do Curdistão dentro de uma perspectiva nacionalista, além da comunidade em diáspora. Abdullah Ocālan, tanto como líder político, quanto como um fato cultural curdo, é a figura curda mais influente ainda hoje. Tal fator é portanto indispensável ao compreender as articulações políticas e culturais da população curda, incluindo também a atuação da FOKUS-A.

Dentro da FOKUS-A, há dois aspectos que merecem serem analisados. O primeiro é a importância de Ocālan para a comunidade curda, e a segunda é a

relevância prática de seu ideal para a libertação e identidade étnica da população curda. A importância de Ocālan é um fato que é em grande parte de comum acordo dentre grande parte dos membros e ex-membros da FOKUS-A que eu tive a oportunidade de entrevistar, tanto formal, quanto informalmente. Em todas as narrativas que me foram confiadas sobre os curdos e a situação no Curdistão, o papel de Ocālan é bastante significativo (independente da concordância ou não dos mesmos em relação a sua ideologia e a metodologia do PKK ao longo dos anos). A prisão de Ocālan desde 1999 é vista, de maneira essencialmente consensual como sendo desmedida e injusta, além de um ataque a expressão curda, sem contar como sendo uma forma na qual a Turquia se expressa de maneira distinta com suas minorias não turcas. Um dos meus interlocutores, por exemplo, discorda da ideologia de Abdullah Ocālan conhecida como democracia confederalista e da abolição do papel do estado, além de também não concordar que o posicionamento estalinista do mesmo antes de sua prisão em 1999, entretanto, ele via que a presença dele era benéfica para a causa curda, além de ser uma prova do desmandos ditatoriais do governo turco. E há também uma ideia corrente de que o sofrimento e o aprisionamento de Abdullah Ocālan, simbolicamente, representam toda a opressão e tentativa de negação identitária sofrida pela população curda ao longo dos anos, além dele também representar uma tentativa de se rebelar frente a tal situação. Além, entretanto, da figura representativa de Abdullah Ocālan, há também a figura política e seus tratados, livros e artigos, que circulam e são comentados pela comunidade curdo-dinamarquesa, incluindo também os membros da FOKUS-A. E é dentro de tal posicionamento político que ocorrem algumas divergências ideológicas dentre os membros da FOKUS-A.

Há dentro da FOKUS-A, especialmente entre os membros mais ativos, ou seja, os membros que possuem algum cargo no conselho da organização, além dos que ajudaram a organizar as diversas atividades, uma forte simpatia pela ideologia de Abdullah Ocālan, em sua abordagem da “democracia confederalista”, e pela forma de organização política e social presente em Rojava através do PYD “*Partiya Yekîtiya Demokrat*” – Partido da União Democrática – que é o afiliado do PKK no Curdistão Ocidental, em território sírio. O PYD e a sua organização política em Rojava tem sido alvo de um interesse crescente da mídia ocidental, devido a resistência em Kobanê contra os ataques do ISIS, além de ter sido alvo de escrutínio por veículos e ativistas de esquerda ao redor do mundo, devido a sua forma de

organização social, inspirada nos ensinamentos de Abdullah Ocālan, e que promove, por exemplo, um empoderamento³⁸ do papel das mulheres em relação a organização política e social dentro dos cantões de Rojava, além de conselhos nos quais as diferentes etnias e grupos religiosos são representados.

Ou seja, em Rojava, há uma prática política fortemente influenciada pela ideologia de Abdullah Ocālan, e que ao mesmo tempo que se relaciona com a realidade curda no Curdistão, também oferece uma alternativa política de cunho libertário, inserindo-se assim como uma forma de organização política que passa a estender sua influência em partidos de esquerda ao redor do mundo. A forma de governo em Rojava, que surge devido ao vácuo de poder que surge com a guerra civil na Síria, permitindo, portanto, uma maior autonomia política da comunidade curda, é vista como muitos dos membros da FOKUS-A como uma organização ideal para a comunidade curda de maneira geral, além de explicar a simpatia de grande parte de seus membros por partidos de esquerda e extrema-esquerda, especialmente o Partido da Lista Verde e Vermelha, o já citado *Enhedslisten*.

Entretanto, nem todos os membros da FOKUS-A veem a alternativa proposta por Ocālan, ou mesmo qualquer proposta de esquerda, ou ainda, o fim do objetivo do PKK de constituir um estado-nação curdo como forma ideal de organização para a comunidade curda e para o Curdistão. A mudança de perspectiva do PKK em relação a criação de um futuro estado-nação curdo é, por exemplo, uma posição que uma parte considerável de membros da FOKUS-A – criados dentro do Dinamarca e de posse ou conhecimento de todos os benefícios que serem cidadãos de um país consolidado – discorda, vendo tal pré-requisito como fundamental para a construção da liberdade do povo curdo. Há também alguns membros que entendem que uma opção mais liberal em oposição a democracia confederacionista com sua oposição ao capitalismo e ao capitalismo industrial. Para uma parte dos membros, a ideia de uma organização social e econômica de inspiração socialista não é a opção ideológica correta para um futuro estado-nação curdo, ou ainda, para fornecer a população curda

³⁸ Tal papel das mulheres em Kōbane ficaria sendo representado pelas guerrilheiras do YPG, uma organização para-militar curda e que conta somente com mulheres em suas fileiras. As diversas batalhas e confrontos delas com o grupo fundamentalista ISIS são presença recorrente em reportagens de diversos veículos midiáticos, além de perfis de ativistas curdo-dinamarqueses, tanto no Facebook quanto no Twitter.

uma forma de liberdade cultural. Ou seja, enquanto uma parte considerável da FOKUS-A se identifica com posições de esquerda, alguns membros adotam posições mais de centro e mais liberais, desejando que um futuro estado curdo se assemelhe a uma democracia liberal aos moldes americanos ou britânico. Há assim, portanto, uma via de mão-dupla em termos conceituais em relação ao futuro imaginado por eles para a população e o presente diário deles dentro da Dinamarca.

Sendo a FOKUS-A formada especificamente por jovens que em sua grande maioria são imigrantes de segunda ou terceira gerações, ou seja, que viveram praticamente por todas as suas vidas na Dinamarca, ou ainda que vieram dentro das condições de refugiados, a sociabilidade de tais indivíduos dentro da Dinamarca é uma questão essencial para a compreensão de suas identidades curdas. Tais indivíduos que se identificam como curdos tem uma vivência em relação ao estado que tende a ser harmoniosa, pois a Dinamarca é um país com um estado de bem-estar social bem estabelecido, alta renda, e com índices baixos de violência não só comparados com os estados que contêm o Curdistão dentro de uma perspectiva nacionalista, mas também comparados com os países desenvolvidos do mundo. Assim, há uma troca tanto de experiências de tais indivíduos que ao mesmo tempo em que são curdos, são também (ou tem uma vivência) dinamarqueses, tanto por nascimento quanto por naturalização (ou em caminho de se naturalizarem). A vida na Dinamarca, portanto, acaba sendo uma experiência normativa para muitos indivíduos do que deve ser um estado e o papel do mesmo, além de questões relacionadas a igualdade entre gêneros, liberdade política e cultural. Assim, a vivência, além de conceitos que são vivenciados pelos mesmos dentro da Dinamarca acabam por influenciar também a percepção que os mesmos tem de suas identidades como curdos.

Como exemplos disso, o já citado Zana expressara dúvida sobre a necessidade das disputas políticas entre o PKK e os partidos afiliados ao mesmo e o KDP, que atualmente governa o Iraque. Em sua opinião, deveria haver uma maior unidade política entre os diferentes partidos curdos, e que os mesmos deveriam focar-se na construção de um estado curdo capaz de garantir a segurança e a livre expressão cultural da população curda, ao invés de se preocuparem com dissidências que só seriam prejudiciais. Apesar da FOKUS-A ser constituída principalmente por membros que nutriam alguma simpatia ao PKK/Ocālan, ele ainda via o papel da organização como importante para a representação política curda dentro da Dinamarca, e com a capacidade de ser uma ferramenta importante ao influenciar a política dinamarquesa

em prol de auxiliar as comunidades curdas, especialmente as crises humanitárias em Kôbane e em Rojava. Em outra situação, um outro interlocutor me expressara um certo ceticismo em relação a uma organização econômica e social de cunho socialista como solução para a opressão curda dentro dos estados que controlam o Curdistão, ou como solução para um futuro estado curdo. Em sua opinião, um estado que garantisse as liberdades individuais e econômicas, além de fornecer uma rede de suporte para seus cidadãos seria, em sua opinião, a solução ideal para um futuro estado curdo; ou seja, conforme ele me dissera, “mais ou menos o que a gente tem aqui na Dinamarca seria o ideal, nem socialista, nem capitalista, mas os dois ao mesmo tempo”.

Logo, apesar de, conforme informado, haver uma forte simpatia pelos ideais do PKK e pela ideologia de Abdullah Ocālan, há também, dentro da FOKUS-A, espaço para discordância em relação ao futuro do Curdistão. A discordância de alguns membros em relação a opinião da maioria não impedia nenhum dos dois grupos de cooperarem entre si nas diversas situações na qual o FOKUS-A estivera envolvida. Tais discordâncias, quando discutidas, eram feitas em momentos privados – ou seja, que não fossem momentos públicos nos quais tais indivíduos estivessem representando a FOKUS-A – e, para ambos os lados, servia como forma de criar um debate sobre uma situação relevante para a comunidade curdo-dinamarquesa, e de maneira mais ampla, para a comunidade curda.

Assim, a FOKUS-A consegue se manter com uma organização para estudantes e acadêmicos curdos em primeiro lugar, evitando ao máximo, posicionar-se, oficialmente, como uma organização ligada diretamente ao PKK e a grupos ligados ao PKK, apesar de grande parte de seus membros nutrirem uma forte simpatia por tal organização. Portanto, há um denominador comum que perpassa toda a atuação externa da FOKUS-A, seja ela o festival de cinema curdo, as manifestações e demonstrações, os debates, o programa de apadrinhamento e as aulas de kurmanjî, que é uma defesa incondicional da chamada causa curda em território dinamarquês. E tal causa pode ser resumida numa defesa dos direitos humanos de cidadãos que se identifiquem etnicamente como curdos ao redor do mundo, e de maneira especial, no Curdistão.

A causa principal pela qual a existência da FOKUS-A se justifica é servir como uma plataforma política e cultural para um certo setor da comunidade curdo-dinamarquesa, além de servir como uma forma de expor para a comunidade dinamarquesa a causa curda. E é através de tal princípio que a FOKUS-A age

primordialmente, apesar de em certos momentos, a influência do PKK se tornar um fator predominante em algumas situações, a existência da mesma não é simplesmente um trampolim para o PKK e sua atuação dentro de um grupo demográfico da comunidade curdo-dinamarquesa. Entretanto, se as críticas ao PKK são veladas e internas, raramente também são os posicionamentos que são aberta e explicitamente pró-PKK, apesar da influência do mesmo ser bastante óbvia pra qualquer pessoa que seja fluente no idioma cultural curdo.

Há uma tentativa de se manter uma oposição imparcial sobre qualquer partido curdo ou dinamarquês em relação as atividades e manifestos da FOKUS-A; e apesar dessa tentativa nem sempre ser bem sucedida, o fato dela existir demonstra o interesse da FOKUS-A em ser primordialmente uma organização curda, ao invés de ligada oficialmente e ideologicamente ao PKK e a Abdullah Ocālan.

Conforme descrito em seu website na parte chamada “sobre nós” que versa sobre as informações mais gerais sobre a organização além de mostrar de maneira mais sucinta os objetivos da mesma.

A organização se direciona primordialmente para indivíduos dinamarqueses com ascendência curda, que são estudantes ou que já terminaram sua educação. (...) A organização é independente religiosa e politicamente, entretanto, respeitamos todas as posições políticas e todas as crenças religiosas. (...) Nosso objetivo é nos tornamos a maior organização curda para jovens na Dinamarca, assim como funcionar como uma plataforma comum, aonde todos os estudantes e acadêmicos curdos na Dinamarca possam se unir e criar uma rede com o objetivo de fortalecer suas habilidades profissionais, acadêmicas, sociais e culturais. (FOKUS-A, 2013)

Ou seja, não há nenhuma comunicação oficial no site deles que demonstre alguma filiação a algum grupo político, entretanto, negar que haja uma influência da crença de grande parte de seus membros em como a organização é administrada seria ingenuidade minha. Como exemplo disso, cito uma resposta que a FOKUS-A deu a uma reportagem produzida pelo veículo dinamarquês de esquerda chamado

“Information” sobre a mobilização política e cultural curda dentro do país, nos últimos meses.

Após a publicação de tal reportagem, a FOKUS-A publicou, em sua página oficial no Facebook um manifesto em relação a tal artigo, e ao fato da mesma não ter sido consultada oficialmente como organização durante a produção do mesmo (apesar de mais de um membro terem sido entrevistados). Em tal manifesto, destaco tais frases:

Nós lutamos pela manutenção da identidade curda. Information (uma revista de posicionamento político de esquerda) publicou no sábado um artigo sobre a nossa organização e seus membros. Como o jornalista da revista não nos contatou diretamente para um posicionamento oficial para o artigo, nós respondemos com tal comunicado de imprensa. Nós somos uma organização que trabalha pela propagação do conhecimento sobre a causa curda para que possamos construir uma juventude curda consciente. Nós temos lugar para todos que achem nosso objetivo e nosso trabalho relevante. A causa curda é sobre o direito dos curdos de existirem, pois a identidade curda é, e tem sido, por muito tempo, suprimida e proibida pelo poder estatal. (...) O estado nacional turco tem por anos proibido o idioma curda, e o idioma e identidade curdas. Em seus esforços para suprimir a identidade curda, os soldados turcos tem perseguido os curdos, os prendido sob tortura na infame prisão de Diyarbakir, e queimado aldeias curdas. O que levava a um conflito armado, no qual os curdos tem lutado pelo seu direito a existência. Abdullah Ocālan é a figura representativa, líder e modelo em tal luta. (...) Há um cessar-fogo desde 2013 entre o governo turco e o PKK e um processo de paz que está em processo de negociação. (FOKUS-A , 2015, via Facebook)

Vemos, portanto, em tal trecho, a FOKUS-A primeiramente se posicionando em relação a causa curda de uma maneira geral, e definindo o que é se posicionar em

favor da causa curda como uma defesa do direito de existência cultural dos indivíduos curdos frente a opressão estatal. Ao mesmo tempo em que ser curdo é uma identidade cultural no qual o indivíduo é curdo, se assim se reconhecer como tal, há um reconhecimento tácito, por parte da FOKUS-A como entidade, e por grande parte da comunidade curda politicamente engajada, que tal auto-reconhecimento traz algumas responsabilidades, igualando portanto, a identidade curda a uma identidade de resistência constante, e que a comunidade curda em diáspora teria uma responsabilidade de continuar a luta pelo direito dos curdos de serem curdos e resistirem e lutarem contra a opressão estatal.

Outro item que merece destaque é que, apesar da FOKUS-A não se identificar explicitamente como sendo afiliada ao PKK e a Abdullan Ocãlan, e mesmo, efetivamente não a sendo, e contando também com membros que discordam com o ideal dos mesmos, Ocãlan ainda é uma figura que simboliza (havendo concordância com suas ideias ou não) majoritariamente a resistência curda a tentativa de apagamento de sua identidade compartilhada.

Apesar, portanto, da FOKUS-A afirmar ser uma “organização política independente”, o fato de uma grande parte de seus membros e de membros do conselho nutrirem uma simpatia por Abdullah Ocãlan e seu corpo teórico não pode ser visto sem uma análise crítica. O fato de tal comunicado a imprensa tratar Ocãlan como um “líder e um modelo” na causa curda demonstra que a neutralidade e isonomia são valores mais ideais do que práticos. Entretanto, não pode-se afirmar que haja um controle explícito e total de simpatizantes do PKK (e de outros partidos e organizações afiliadas politicamente com o mesmo) dentro da FOKUS-A.

Há, além da tentativa explícita de ser uma organização para jovens curdos, acima de qualquer outro atributo, um discurso de neutralidade, que mesmo sendo impossível de ser sustentado na prática, tem uma importância simbólica fundamental, pois, demonstra um atributo desejado tanto pela organização quanto pelos diversos membros da mesma. Logo, da mesma maneira que a FOKUS-A e sua liderança, atualmente, não conseguem manter uma neutralidade prática, desejam manter um aspecto de neutralidade discursiva.

A influência do PKK e de Abdullah Ocãlan podem ser analisados como reflexos da estrutura política e cultural da comunidade curda em diáspora na Europa, e mais especificamente, dinamarquesa. Conforme descrito por diversos acadêmicos (BESAR, VAN BRUINESSEN, SOGUK), o papel que o PKK tem dentro da

comunidade curda, tanto no Curdistão histórico, quanto para a comunidade em diáspora, é extremamente relevante na organização política, social e cultural, tendo um papel dominante na organização política da comunidade em diáspora curda na Europa.

Dentro de tal perspectiva, portanto, é preciso contextualizar que a ausência de críticas, as críticas veladas ao PKK; ou ainda, o posicionamento no qual o PKK e seu líder principal Abdullah Ocãlan são vistos como a força política e ideológica dominante em relação a população curda significa que há um risco de um grupo que se posicione abertamente, em oposição ao mesmo, em ser alienado dentro da comunidade curda. O comunicado a imprensa no qual Abdullah Ocãlan é defendido é parte uma defesa ideológica da maioria dos membros da FOKUS-A, mesmo sendo uma organização apartidária, e parte um posicionamento da mesma em relação a comunidade curdo-dinamarquesa.

Tal posicionamento frente a população curdo-dinamarquesa e a população dinamarquesa pode ser vista, além, é claro, do fato do idioma dinamarquês ter sido utilizado, também por outro fator relevante que é o uso de um exemplo da história dinamarquesa como método comparativo em relação a opressão sofrida pela população curda dentro do estado turco.

O texto retirado do Facebook da organização faz referencia ao período da ocupação nazista do estado dinamarquês, e a grupos de resistência dinamarqueses contra tal ocupação, além de citar o valor simbólico do uso de estátuas e monumentos como forma de construção nacionalista. Ao citar a resistência do povo e do monarca dinamarquês ante a invasão germânica, o comunicado tenta traçar um paralelo entre a resistência dinamarquesa a invasão hitlerista a resistência curda frente aos processos totalitários do estado turco.

É portanto perceber que a FOKUS-A busca articular a resistência curda ao que, segundo os mesmos, seria a opressão turca, de cunho imperialista, e de tal maneira, ao mesmo tempo em que as atividades do PKK e o histórico de Abdullah Ocãlan são tratados como resistência, da mesma maneira que houvera uma resistência a ocupação nazista, a FOKUS-A traduz a narrativa curda para um contexto comum a população dinamarquesa. Tal tradução busca facilitar a compreensão da causa curda para os dinamarqueses, ao mesmo tempo em que almeja conseguir o apoio da população local. Logo, o comunicado a imprensa da FOKUS-A, assim como as manifestações pós Shingal/Kôbane buscam trazer a narrativa sobre a causa curda, de

um ponto de vista curdo, para a população dinamarquesa em geral.

Tal articulação política é perceptível de maneira mais clara com as alianças da FOKUS-A e das atividades do Enhedeslisten, partido de esquerda local. Diversos membros da FOKUS-A são afiliados, ou ao menos simpatizantes aos ideias de tal partido, e, a presença de membros não-curdos filiados ao Enhedesliten em atividades relacionadas a causa e a cultura curdas são extremamente comuns; ao mesmo tempo em que, para as eleições nacionais que ocorrerão esse ano (2015), alguns membros da FOKUS-A são pré-candidatos pelo partido

Ou seja, ao mesmo tempo que a FOKUS-A procura fazer parte da articulação de movimentos políticos, sociais e culturais voltados a comunidade curdo-dinamarquesa, ela também busca se posicionar frente a comunidade transnacional curda ao criar eventos com a presença de membros da comunidade curda de diversos países, como palestras com a presença de pesquisadores vindos de universidades estrangeiras, e além disso, também buscam ocupar um espaço na comunidade dinamarquesa ao buscar traduzir elementos da causa curda para uma audiência dinamarquesa, assumindo, portanto, um papel triplo, focando suas atividades, concomitantemente, para a comunidade curda transnacional, a comunidade curdo-dinamarquesa e a sociedade dinamarquesa mais ampla.

iii) Organização institucional e o estado dinamarquês: a FOKUS-A e os processos burocráticos de construção da mesma.

Para compreendermos a relevância da FOKUS-A e o papel que organizações não-governamentais locais tem dentro da comunidade curdo-dinamarquesa e da comunidade dinamarquesa, é necessário analisar uma tradição dinamarquesa de associação em diversos grupos dedicados a diferentes objetivos e causas. Organizações de pesca, futebol, xadrez, esgrima, danças, literatura, são um fator comum dentro da sociedade dinamarquesa, e tal forma de organização social torna-se extremamente relevante para entendermos o porquê da FOKUS-A e de seus fundadores verem nela um caminho institucional para o avanço da causa curda em solo dinamarquês. Logo, ao vermos uma organização curdo-dinamarquesa, há de se observar que se o lado “curdo” de tal equação é a identidade cultural que define os

motivos da existência da mesma, o lado “dinamarquês” define questões relevantes para a existência da mesma, como a relação que tal organização manteria com a sociedade dinamarquesa, e ainda os processos burocráticos necessários para o estabelecimento de uma organização em solo dinamarquês.

Martin Bak Jørgensen em seu trabalho sobre organizações turcas, curdas, alevi na Dinamarca afirma o seguinte:

A participação em organizações civis através de associações e organizações voluntárias pode, portanto, ser considerado um fator chave para o funcionamento da sociedade civil. Além do mais, engajamento organizacional pode ser um veículo para cidadania ativa e pode também levar a uma resistência em relação a noções reducionistas de identidade nacional, integração e estruturas que excluem, ao mesmo tempo em que pode criar uma plataforma para novos tipos de reivindicações e posições identitárias. (MARTIN BAK JØRGENSEN, 2010, p.163-164)

Assim, é possível pensar que a política e a cultura do país no qual a comunidade em diáspora teria migrado seriam também um fator decisivo para o engajamento civil da mesma, junto com a cultura de tais grupos, e é possível propor também uma análise no qual ambos os fatores sejam analisados na compreensão do papel da FOKUS-A dentro da Dinamarca, sendo a identidade étnica e cultural curda definidora dos objetivos que os diversos grupos ativistas almejam alcançar, e a estrutura política e social definindo as maneiras burocráticas e organizacionais no qual tal identidade busca alcançar seus objetivos políticos. Portanto, a FOKUS-A não existiria se não fosse um engajamento político dentro da comunidade curda em diáspora; e a organização institucional e burocrática da FOKUS-A não seria da maneira que é, não fosse a burocracia e a realidade local da sociedade dinamarquesa.

Um conceito fundamental para a compreensão das atividades da FOKUS-A e da relação que a mesma tem com o estado dinamarquês, é o conceito de sociedade civil. Em John Locke (2002) vemos o que provavelmente é a primeira tentativa de delimitar teoricamente o conceito de sociedade civil e buscar explicar quais seriam as motivações e o papel da mesma. Para o autor britânico, a sociedade civil surge como

forma de se interpor entre o potencial ditatorial do Estado e o indivíduo, ao servir como uma defesa da propriedade, que no contexto no qual Locke escreve, não refere-se somente a propriedade privada, mas também o direito a vida e a liberdade. Outro autor que trata a questão da sociedade civil de uma maneira mais contemporânea é Robert D. Putnam (1994) no qual o mesmo argumenta que organizações civis (incluindo também as não políticas) contribuem para a manutenção da democracia devido ao capital político, social e cultural que as mesmas acumulam e acabam por transferir os mesmos para a esfera política.

Outra análise importante para compreender o papel de uma organização social formada por imigrantes em um contexto escandinavo é narrado por Fernando Rabossi (1999) ao lidar com uma associação chilena em Estocolmo. As organizações sociais dentro de um contexto sueco não seriam apenas uma forma que os diversos grupos de imigrantes encontrariam para a manutenção, fortalecimento e reprodução cultural de tais grupos minoritários, mas também “especialmente uma maneira particular de organizar grupos sociais que é paralelo a uma maneira padrão de estruturar interesses e grupos na Suécia” (RABOSSI, 1999). Logo, há um componente cultural da comunidade chilena em tais grupos que é concomitante a um componente sueco na formação dos mesmos. Paralelamente, a FOKUS-A como um grupo curdo na Dinamarca também apresenta uma dinâmica semelhante, ao ser uma organização curda que conta com elementos culturais dinamarqueses em sua estruturação.

A FOKUS-A, portanto, surge dentro de tal perspectiva como uma forma de articulação entre diversos indivíduos com características em comum (serem curdos, e mais ainda, serem curdos de uma certa faixa etária e com educação superior). A mesma como membro da sociedade civil acaba portanto por transferir o capital político de indivíduos que buscam um poder de influência dentro da sociedade dinamarquesa, estando assim efetivamente inserida dentro da enorme rede de relações políticas e culturais que sustentam o estado dinamarquês, e que contam com uma multiplicidade de organizações políticas e culturais. Logo, é possível observar a utilização de organizações políticas e culturais, dentro de uma sociabilidade dinamarquesa, é vista como uma das bases de sustentação da democracia liberal de tal país, e sendo a FOKUS-A uma instituição cujos membros, em grande parte são também cidadãos dinamarqueses (ou ainda, indivíduos que moram na Dinamarca, e que eventualmente terão direito a cidadania dinamarquesa), e cuja principal forma de comunicação é em dinamarquês. Dentro de tais proposições, a FOKUS-A busca

também torna-se parte de tal multiplicidade de organizações políticas e culturais que servem como uma das bases de sustentação da democracia dinamarquesa, e ao fazer isso, também busca alcançar as vantagens propostas pelo governo dinamarquês para tais organizações. Portanto, a partir de agora será abordada as questões mais burocráticas e práticas em relação a existência da FOKUS-A

Para garantir sua sobrevivência e a organização de suas atividades anuais, as quais já foram citadas, é cobrado uma anuidade de 125³⁹ coroas dinamarquesas, o que, equivale a aproximadamente 60 reais ao ano, ou seja, um valor extremamente baixo, se for considerada a renda média da população dinamarquesa, e o fato de que todos os estudantes universitários ou de cursos técnicos, com cidadania ou visto de permanência na Dinamarca, tem direito a um estipêndio mensal de aproximadamente 5.500 coroas dinamarquesas, ou cerca de 2.250 reais.

Se, para as finanças mensais de um estudante médio, o peso de tal contribuição é ínfimo, o ganho político e social é considerável, pois abre a oportunidade do mesmo ou da mesma de terem acesso a uma rede que reunia, em junho de 2014 aproximadamente 400 membros. Durante o 4º Festival de Cinema Curdo, havia a possibilidade de se filiar a FOKUS-A, e a procura era bastante intensa, além de eu poder ter observado um número alto de indivíduos (aproximadamente uns 50 indivíduos, de acordo com um membro da mesma que pude perguntar) e que haviam se filiado dentre junho de 2014 e fevereiro de 2015, incluindo, entre eles, alguns que eu houvera entrevistado e/ou conversando informalmente e que me expressaram a vontade de se filiarem a FOKUS-A para poderem ter uma atuação maior em relação a causa curda na Dinamarca.

Entretanto, nem todos os membros da FOKUS-A participam das votações ou das atividades organizadas pelos mesmos. Há membros contribuintes que são mais velhos que a média de idade, e que mantêm a contribuição como forma de apoiarem a instituição que é formada por seus filhos, netos, sobrinhos. Há também membros que por um tempo foram ativos, mas que, por diversas circunstâncias, não podem mais participar da organização ou das deliberações da FOKUS-A, ou que, ainda, por se sentirem mais velhos do que a média, resolvem deixar a organização para os mais jovens, sem, entretanto, cessarem de contribuir anualmente. Nesses dois casos, o valor

³⁹ Atualmente, a cotação oficial é de R\$1,00 para DKK 2,02. Fonte oficial: Banco Central no dia 08/08/2015.

de 125 coroas dinamarquesas cria uma possibilidade de se manter uma contribuição que não seja tão prejudicial a economia de cada indivíduo. Há membros que contribuem mensalmente, sem, entretanto, terem uma participação constante nas atividades e nas decisões dentro da organização. Há um número de indivíduos que mantêm uma participação ativa nas decisões, sem, entretanto, almejarem ter um cargo de destaque ou decisório dentro da mesma.

E há, por último, um número de indivíduos responsáveis pela organização de fato e que mantêm cargos no conselho e que, portanto, possuem poder de decisão em relação aos rumos da FOKUS-A. Tais indivíduos são os mais engajados dentro da organização, e foram, os com os quais tive mais contato e os que eu pude fazer a grande parte das minhas entrevistas, além de serem também os que mais possibilitaram a minha abertura e a minha presença no campo com os imigrantes de origem curda.

Burocraticamente, a FOKUS-A é formada por um conselho constituído por 10 indivíduos, nos quais, a metade é necessariamente formada por mulheres, de acordo com o estatuto da mesma. A participação igualitária de mulheres no processo decisório tem sido uma narrativa recente, porém bastante celebrada por indivíduos que se identificam como curdos, como ocorre em Rojava. Com a mudança do discurso de Ocãlan, vem também uma teorização do poder e do papel do gênero na construção política. Abdullah Ocãlan (2011) define o patriarcado de tal maneira.

“Sem a repressão a mulher, a repressão a sociedade não é concebível. O machismo dentro da sociedade em um estado-nação enquanto por um lado dá o poder máximo ao homem, pelo outro, transforma a mulher na pior colônia de todas. Logo, a mulher é a nação colonial da sociedade histórica que tem alcançando sua pior posição dentro do estado-nação. Todo o poder e ideologia estatal advém de atitudes e do comportamento machista. A escravidão da mulher é a área social mais profunda e mais disfarçada aonde todos os tipos de escravidão, opressão e colonialismo se realizam. Capitalismo e o estado-nação agem com total conhecimento de tais fatos. Sem a escravidão feminina, nenhum dos outros tipos de escravidão podem existir, quiçá, se desenvolverem.

Capitalismo e o estado-nação denotam o mais institucionalizado macho dominante. (ABDULLAH OCĀLAN, 2011, p.16-17)

Portanto, considerando a influência que os escritos e a figura política e simbólica de Abdullah Ocālan tem em relação a comunidade curda, e que nos locais aonde simpatizantes de sua ideologia puderam se autogovernar (nos cantões de Cizîrê, Kobanî e Efrînê, no atual território sírio) e construir um sistema de governo baseado na teoria política de Abdullah Ocālan, as mulheres tem um papel representativo proeminente, sendo, por exemplo, a presença obrigatória de uma mulher em todos os conselhos que são compostos por três pessoas. Há também a presença das mulheres combatentes do YPJ, uma unidade formada só por elas e que com o embate em Kobanî passaram a ganhar destaque na mídia internacional sobre o conflito. Assim, mesmo dentro de um discurso oficial no qual a FOKUS-A afirma não ser uma organização inerentemente ligada a um partido político e a uma ideologia, torna-se clara, conforme já citado anteriormente, a influência do ideário de Abdullah Ocālan.

Assim, há uma narrativa no qual a identidade curda é mesclada com um elementos políticos no qual o papel da mulher é considerado tão importante quanto o do homem. Soma-se a isso, o fato de que a Dinamarca é também um dos países com a maior igualdade entre gêneros no mundo, conforme relatório do Fórum Econômico Mundial⁴⁰. Temos, portanto, uma narrativa curda e outra dinamarquesa que, simbolicamente, são vistas como equivalentes dentro de setores da comunidade curdo-dinamarquesa. Além disso, tais narrativas tornam-se extremamente populares entre mulheres que foram criadas na Dinamarca, e que diariamente constroem seu self de maneira a se tornarem cada vez mais curdas ao se engajarem num ativismo político de teor etnicamente curdo. Logo, a equivalência de narrativas tanto dinamarquesas quanto curdas em relação ao papel da mulher fazem com que a FOKUS-A busque-se estabelecer como uma organização que almeja ter tanto homens quanto mulheres em seu conselho decisório. Assim, a FOKUS-A também consegue manter-se como um grupo com fortes laços com outros grupos e partidos de esquerda ao mesmo tempo em

⁴⁰ A Dinamarca encontra-se em quinto no ranking. Após da Islândia, da Finlândia, da Noruega e da Suécia. Fonte: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GenderGap_Report_2012.pdf Acessado em 05/08/2015.

que se torna relevante na comunidade curdo-dinamarquesa.

Outro fator relevante em relação a FOKUS-A é o fato implícito dela ser uma organização com uma grande rotatividade de membros, justamente por ser uma organização cujo o público alvo são estudantes universitários. Ou seja, a busca por novos membros que a façam continuar suas atividades é uma condição precípua para a existência da FOKUS-A nos moldes atuais; logo, fazer com que a FOKUS-A seja conhecida pela comunidade curdo-dinamarquesa também é um dos fatores mais relevantes dentro da organização da mesma enquanto instituição.

Conforme já fora citado anteriormente, ao falar das atividades da FOKUS-A, há de se analisar também que uma grande parte de suas atividades, além de se relacionarem com a manutenção da mesma como uma organização relevante para a comunidade curdo-dinamarquesa, também precisam demonstrar aos jovens curdos de que a mesma teria um papel social, político e cultural relevante, e cuja a participação dos mesmo dentro da FOKUS-A seja relevante dentro da comunidade curdo-dinamarquesa e para a causa curda. Logo, a adesão de novos membros torna-se uma pauta constante nas reuniões da organização, e estratégias para aumentar a participação dos membros são um fator fundamental na constituição da mesma. Membros são eleitos para o conselho por um período de dois anos, e o conselho assume, portanto, uma rotatividade que faz com que os membros novos e que sejam envolvidos na mesma possam, eventualmente, se assim o desejarem, assumir uma posição decisória no conselho da FOKUS-A.

Outro fator relevante dentro das reuniões e das atividades da FOKUS-A é a questão linguística. As reuniões e os eventos da FOKUS-A são todos organizados em dinamarquês. Em primeiro lugar, por um questão de necessidade. Nem todos os membros da FOKUS-A são fluentes no mesmo idioma curdo, sendo que alguns não são fluentes em nenhum idioma curdo, logo, o dinamarquês é o idioma em comum entre todos eles. Uma parte considerável dos membros da FOKUS-A nasceu e ou cresceu na Dinamarca, sendo imigrantes de segunda ou terceira geração, cujo o conhecimento do idioma não é tão prevalente quanto o de seus pais e avôs. Há de se notar, que outras organizações curdas na Dinamarca se comunicam para o público em Kurmanji ou em Sorani, como por exemplo o Fey-KURD, que é uma organização explicitamente pró-PKK (no caso específico de tal organização, em Kurmanji). Pese também que a FOKUS-A tem um foco em suas atividades não só a comunidade curdo-dinamarquesa, mas também a comunidade dinamarquesa em geral, logo, o uso

do dinamarquês permite que essa articulação ocorra com facilidade.

Por último, há um desejo antigo da FOKUS-A em manter grupos nas 5 regiões⁴¹ (equivalentes a estados no Brasil) da Dinamarca, que são as regiões Norte da Jutlândia, Central da Jutlândia, Sul da Dinamarca (composto pela parte Sul da Jutlândia mais a ilha de Fyn), Zelândia e a região da Capital. Atualmente, os grupos de Hillerød e Copenhagen pertencem a região da Capital, e Horsens na Região Central da Jutlândia.

Tal desejo explica-se pelo apoio que a FOKUS-A poderia reivindicar junto ao governo dinamarquês, como uma organização para jovens com representatividade no país inteiro. Tentativas de se formarem filiais da FOKUS-A em Aarhus, Odense e Aalborg não foram a frente, entretanto, o desejo ainda é presente, conforme os membros do conselho me confienciaram. A comunidade curda é bastante significativa em cidades como Aarhus, Odense e Viborg, e há diversos indivíduos dessas cidades que imigram para Copenhague para estudar e passam a ter mais contato com o centro político e ativista da comunidade curda na Dinamarca.

Portanto, na FOKUS-A há diversos instrumentos burocráticos e institucionais que permitem que ela ao mesmo tempo se posicione como uma organização curda num contexto burocrático dinamarquês, ao mesmo tempo em que busca se situar em relação a sociedade dinamarquesa de forma engajada em relação a fatos relacionados ao Curdistão e a população curda, tanto cultural quanto politicamente. Além disso, a FOKUS-A busca ser uma organização focada na comunidade curda mais jovem, e assim, busca um reconhecimento dentro da comunidade curda como uma organização cujas as ações são relevantes para a causa curda e para a expressão política de uma juventude que quase sempre fora criada em solo dinamarquês, e passa a construir sua identidade como curdos de maneira mais recente.

⁴¹ Desde 2007, a Dinamarca, por questões administrativas, passou a dividir-se em 5 regiões.

Capítulo V - Articulações da identidade curda entre fronteiras: uma análise etnográfica do movimento curdo na Dinamarca.

A comunidade curda na Dinamarca conta com aproximadamente 25.000 – 40.000 indivíduos . O número exato de indivíduos é difícil de ser determinado pelas estatísticas oficiais, o que demonstra a complexidade da situação política da região do Curdistão e da população curda. Ao imigrarem ou serem aceitos como refugiados, os curdos são categorizados pelo estado nacional dinamarquês como vindo de quatro estados-nações distintos: Turquia, Irã, Iraque e Síria, e é de tais estados que os mesmos são vistos dentro das estatísticas oficiais locais, logo, é difícil ter um panorama mais preciso da população curda que vivem em território dinamarquês, ao contrário de outras etnias e nacionalidades. Independente do número total exato, temos uma comunidade relativamente grande, especialmente ao considerar-se o tamanho da população local, e do número de imigrantes não-ocidentais que vivem no país nórdico, soma-se a isso o fato dos curdos serem uma comunidade bastante organizada e articulada politicamente, tanto em relação a política dinamarquesa, quanto em relação a população curda em diáspora dentro da Europa.

Tal capítulo focará nos elementos performáticos e simbólicos de tais grupos e indivíduos frente a política local e a política relacionada a causa curda, tanto na Europa quanto no Curdistão, focando-se no papel que as diversas bandeiras e cartazes utilizados por diversos ativistas e manifestantes curdos, além dos objetivos dos diversos grupos ao se manifestarem em diversos locais na capital dinamarquesa, e o papel que tais fatores tem na construção étnica e curda dentro da Dinamarca.

i) Bandeiras, etnia e a construção identitária curda: uma análise entre a comunidade curdo-dinamarquesa.

Durante meu trabalho de campo pude acompanhar diversas demonstrações curdas, em diversas localidades dentro da capital dinamarquesa. As mesmas foram organizadas por membros de centros culturais, organizações locais, coletivos, membros de partidos políticos locais e partidos políticos curdos, grupos religiosos e

que marcavam sua presença através de símbolos visuais e sonoros, além da presença de discursos, tanto de figuras conhecidas dentro da comunidade curda local, quanto da comunidade política dinamarquesa, ou em alguns casos, de indivíduos que são parte de ambos.

Se, a antropologia pode ser compreendida como uma disciplina interpretativa, no qual, para citar Clifford Geertz (1973), em um dos trabalhos mais seminais dentro da disciplina, ao compartilhar de uma interpretação semiótica das relações sociais, tal qual Max Weber antes dele que o “homem é um animal suspenso nas teias de significado que ele mesmo teceu”, faz-se necessário compreender tais significados e o simbolismo utilizado pela comunidade curdo-dinamarquesa para poder compreender profundamente a mesma. Logo, para se entender as diversas maneiras nas quais a comunidade curda na Dinamarca se articula tanto entre seus membros e suas diversas organizações, quanto com a política e a sociedade dinamarquesa, há de se entender também os símbolos utilizados nas diversas manifestações e demonstrações relacionadas a causa curda, além de se entender o papel performático de tais manifestações. Uma das questões que chamam a atenção é a representação visual, através de bandeiras, cartazes, e banners.

Em primeiro lugar, faz-se necessário entender o papel que tal símbolo – as bandeiras e o uso das mesmas – exerce tanto na demarcação de limites étnicos, quanto na construção de um self. Bandeiras podem ser utilizadas tanto para representar nações (reconhecidas pela comunidade internacional ou não), causas políticas, causas religiosas, causas sociais, afiliações a entidades esportivas, organizações tanto locais quanto internacionais, entre outros. Além disso, bandeiras também podem representar um código com objetivo de sinalizar ações ou precauções a serem tomadas, como o uso de bandeiras em ferrovias, na navegação ou até bandeiras anunciando se determinada praia é ou não um local salvo para a entrada de banhistas.

Além disso, em diversas situações, bandeiras representam mais de uma função simbólica. MAJUNDAR, D.N e MADAN, T.N (1957) narram, por exemplo, como vilas na Índia utilizam-se de bandeiras como forma de indicar um pertencimento a um certo grupo, e por extensão, a exclusão de indivíduos de outras vilas. Assim, se um indivíduo, nesse caso, faz parte de uma vila, ele ou ela, portanto, se identificam como fazendo parte do grupo representado uma bandeira, e portanto, se identificam também como não pertencendo aos grupos representados por quaisquer outras bandeiras. Isso é, entretanto algo que demanda uma análise mais acurada.

A bandeira de um estado-nação, como por exemplo, a bandeira brasileira, representa uma população, um país e uma comunidade que se identifica como tal, e por extensão, simboliza também os que não são brasileiros, por terem outra nacionalidade ou uma outra etnia. Assim, a bandeira torna-se também um símbolo visual de uma comunidade imaginária, conforme definido por Benedict Anderson (2008), sendo portanto mais um símbolo discricionário de uma população que se vê como uma comunidade. Entretanto, há casos que devem ser analisados e problematizados, dentro de uma análise identitária mais complexa. Se, para Fredrik Barth (1969), etnia pressuporia primordialmente um pertencimento relacionado a fronteiras étnicas ao invés de elementos culturais, há de se concluir, que há fronteiras étnicas que são mais propensas a haver fricções simbólicas do que em outras. De tal maneira, o uso de uma bandeira brasileira, uma bandeira curda ou uma bandeira armênia em território turco, por exemplo, seria um elemento simbólico de três nacionalidades ou etnias que não se veem como sendo turcas, entretanto, há uma diferença bastante grande entre o não ser turco e ser brasileiro, e o não ser turco e ser armênio ou ainda curdo. Se há, ainda, diversas questões étnicas que impliquem em elementos friccionais entre essas duas etnias, há também diferenças étnicas que não as causam. O uso da bandeira curda, ou de bandeiras identificadas com a etnia curda, tem um papel simbólico bastante relevante dentro da construção da identidade curda, e também dentro da luta curda por auto-determinação; ou seja, o uso de tal símbolo (ou símbolos) são elementos extremamente relevantes na compreensão das diversas manifestações da etnia curda, sendo essa em diáspora, ou não.

Se, conforme, fora afirmado anteriormente, o uso de bandeiras tem diversos papéis simbólicos, ligados a diversas formas de identificação identitária, passando por alianças a clubes de futebol até a identidade de gênero, são os países que são o elemento mais comumente relacionados a tal forma de expressão visual. Se houver um elemento que una as diversas nações (reconhecidas ou não pelas outras nações) do mundo, é o fato praticamente unânime das mesmas possuírem sua própria bandeira, e que se torna o elemento visual mais facilmente identificados tanto com o aparato político e burocrático dos mesmos quanto com a identidade construída em relação ao pertencimento a uma nação. Dentro de tal contexto, uma análise importante é o uso da bandeira nacional pelos países escandinavos (Dinamarca, Suécia e Noruega). Apesar das diferenças entre as três nações, e de um histórico de guerras e colonização de uns pelos outros, as três nações tem elementos bastante semelhantes entre si. Os três falam

idiomas que são mutualmente compreensíveis, os três consideram-se descendentes dos antigos vikings, os três tem estruturas estatais bastante semelhantes, através do estado de bem-estar social presente desde o fim da Segunda Grande Guerra. Em todo o caso, dentro dos três países, o uso das bandeiras nacionais assumem papéis bastante semelhantes.

Na Noruega, Dinamarca e Suécia, o uso da bandeira nacional assume um valor simbólico bastante único, sendo constantemente utilizada como um item de decoração dentro de diversos lares (JENKINS; ERIKSEN, 2007), e sendo utilizado dentro de diversos contextos que não necessariamente apelariam para um nacionalismo enraizado, mas sim, com práticas relacionadas a proximidade familiar e social. Entretanto, é necessário analisar tal afirmação mais profundamente, a luz de acontecimentos históricos mais recentes, especialmente em relação ao aumento da imigração para tais países cuja população, costumeiramente, afirma ser pequena e etnicamente homogênea. O aprendizado em relação ao uso de bandeiras dentro da Escandinávia, e dos sentidos implícitos no uso da mesma, passa a ser, dentre outras, uma prova⁴² utilizada pelos membros nativos desses países em relação a população imigrante de uma tentativa de se “integrar” na sociedade local (HERVIK, 2007). Assim, como é exemplificado por Orvar Löfgren (2007), o uso da bandeira sueca ocorre como forma de demarcar identidades, entre não-suecos e suecos, assim, grupos de imigrantes também passariam a usar a mesma como uma forma de se afirmarem como membros da sociedade local. No caso da Dinamarca, no qual a “*Dannebrog*” é tratada também como a bandeira do povo (JENKINS, 2006), e é utilizada em diversos contextos públicos e privados, o uso da mesma em manifestações relacionadas a causa curda deve ser compreendida de uma maneira crítica, no qual há indivíduos que passam a se ver não somente como curdos ou como dinamarqueses, mas sim como igualmente curdos e dinamarqueses.

É possível estender tal conceito para outras bandeiras que representem grupos

⁴² Peter Hervik (2007) analisa a percepção que a sociedade dinamarquesa tem dos imigrantes, através de uma dicotomia entre “hóspede” e “anfitrião”, na qual um bom “hóspede” é o agente responsável em se adaptar as regras da casa e de seu anfitrião, e de tal maneira, não causar nenhum transtorno. Dentro de tal análise é possível ver duas coisas destacáveis. A primeira é o conceito familiar e nuclear como um guia para as relações dentro da sociedade dinamarquesa, no qual há uma expectativa na qual a vida deve ser confortável e confiável; e em segundo lugar, a ideia de que sempre existirão hóspede inconvenientes e que não conseguem se adaptar as regras locais.

étnicos ou nacionais. As mesmas, em determinados contextos, passam a ter significados distintos para diversos grupos. No caso dos curdos, faz-se necessário observar dois fatores sobre o uso de bandeiras pelos mesmos. O primeiro é um desejo histórico de organizarem-se como uma nação independente, e que fora frustrado diversas vezes ao longo da história, no qual, os curdos viram-se como uma etnia que acabara por ser parte de quatro estados-nacionais que não o contemplavam. Logo, a bandeira curda – cuja a história ainda será discutida e exposta – representa, para os curdos que a utilizam, não só um símbolo visual étnico, mas também um desejo de poder, assim como outras nações e etnias ao redor do mundo, em se organizar dentro de um estado nação. Logo, quando a bandeira curda surge, a mesma reflete o passado e o presente de uma população, além de simbolizar um objetivo futuro de se organizar dentro de um estado curdo.

Por representar tais ideias, a bandeira curda passa a ser encarada como uma afronta dentro dos quatro estados que contém o Curdistão. Assim, para o estado turco, por exemplo, o uso da bandeira curda (assim como de outros símbolos relacionados a cultura curda, como o idioma) é uma afronta a uma ideologia que privilegia a identidade curda em relação a outras minorias presentes em território turco, logo, portanto, o uso da mesma passa a ser criminalizado e perseguido, na mesma maneira que o uso da mesma por curdos passa a ser uma maneira de desafiar tal perseguição oficial. Assim, tal como o uso da bandeira confederada dentro dos EUA, a bandeira curda é uma causa de fricção dentre duas populações presentes dentro da mesma entidade política – o estado da Turquia – e devido a tal fricção, a bandeira torna-se símbolo com dois significados distintos, porém diretamente relacionados.

Há também, dentro da comunidade curda na Dinamarca, o uso da bandeira curda de maneiras semelhantes as maneiras utilizadas pela comunidade dinamarquesa da bandeira local. O uso da bandeira curda (e das cores relacionadas a mesma), dentro da Dinamarca, assume uma perspectiva nova. Em fotos de festas de casamento e de aniversário celebradas por indivíduos curdos é possível ver a bandeira curda ornando bolos e afins ao lado da bandeira dinamarquesa, de maneira bastante semelhante com o que ocorre com a bandeira dinamarquesa pela população dano-dinamarquesa. Ou seja, o uso da bandeira curda (ou de outros elementos visuais com as cores da mesma) é utilizada também dentro de uma sociabilidade que é tipicamente dano-dinamarquesa e reflete também o fato de tais indivíduos se sentirem parte da sociedade local, mesmo que em muitos casos tal sentimento seja recente, e em muitas vezes seja um reflexo de

uma tentativa de aproximar a causa curda com a política e a identidade dinamarquesas, ao ver na Dinamarca um modelo de estado e sociedade que poderia ser adaptado a realidade curda. Assim, a utilização da bandeira curda junto com a bandeira dinamarquesa, ou ainda, da maneira que a bandeira dinamarquesa seria utilizada, é uma questão simbólica relevante para compreender o sentido que a bandeira curda tem dentro de um contexto curdo-dinamarquês.

ii) Manifestações e a política dinamarquesa entre a Dinamarca e o Curdistão: bandeiras, cartazes, estandartes e seus papéis simbólicos.

As diversas bandeiras tinham papéis distintos dentro das manifestações. Começamos citando a bandeira nacional dinamarquesa. Antes de interpretar o papel simbólico da mesma num protesto curdo, faz-se necessário compreender o papel que a bandeira dinamarquesa tem dentro da sociedade dinamarquesa geral, tanto como o símbolo nacional mais amplamente utilizado, e mais reconhecido, como a expressão de uma característica cultural dinamarquesa, e que a população local a reconhece como sendo estritamente local (ou no máximo refletido nos outros países da Escandinávia).

A “*Dannebrog*”, de acordo com Richard Jenkins (2008), tem uma simbologia que representa valores compartilhados pelos dinamarqueses (e escandinavos de maneira geral) e que não necessariamente relaciona-se com um patriotismo, mas sim com uma sociabilidade tipicamente local, focada em uma narrativa igualitária e comunalista e que passa a simbolizar “celebração e alegria” (JENKINS, 2007; 2008). O autor identifica a bandeira sendo utilizada em diversos momentos, como casamentos, em respeito a falecimentos, devido a visita de alguém da família real, em bolos de casamento, uma cascata de bandeiras dentro de um shopping center. Minha experiência de aproximadamente 1 ano vivendo na Dinamarca durante diversos períodos também encontram outras utilizações da bandeira nacional, como durante aniversários, eventos esportivos (especialmente jogos de futebol e handebol), em árvores de natal, em frente a lojas, em anúncios de supermercados, e é claro, os usos oficiais, como no parlamento, nas prefeituras, em castelos de propriedade do estado, em cerimônias oficiais relacionadas a família real.

Logo, a bandeira dinamarquesa, num protesto curdo, tem como objetivo principal uma tentativa de aproximar a causa curda da sociedade e da cultura dinamarquesa, ao mesmo tempo em que evoca uma lealdade de uma comunidade imigrante a um estado cujas políticas imigratórias tendem a ser repressivas e em cuja a sociedade há cada vez mais um crescente aumento das narrativas anti-imigratórias, tanto através de um discurso economicista (no qual o país não teria condições de absorver tantos imigrantes em seu mercado de trabalho), quanto dentro de um discurso culturalista, no qual os imigrantes (leia-se imigrantes primordialmente vindos do Oriente Médio e da África) não teriam condições de se integrarem ao modo de vida e a sociedade dinamarquesa visto que ambas as culturas (a dinamarquesa e a cultura do imigrante, independente de onde ele tenha imigrado) seriam inerentemente incompatíveis.

O uso da bandeira da Dinamarca é um ato simbólico facilmente reconhecível pela população dinamarquesa, cujo o objetivo, pela comunidade curdo-dinamarquesa é o de estabelecer um laço entre os mesmos e a sociedade e culturas dinamarquesas ao mesmo tempo em que a comunidade curdo-dinamarquesa mantém seus laços com a cultura curda e o Curdistão. Ou seja, há uma tentativa de se articular as ações em prol da identidade curda com elementos que são particulares a sociedade dinamarquesa. De tal maneira, os protestos não são somente um protesto curdo, mas sim um protesto curdo na Dinamarca, com elementos e com fatores exclusivos a cultura dinamarquesa, além de serem exclusivos a população curda que mora ou nasceu na Dinamarca.

A outra bandeira que simboliza uma etnia, ou ainda uma nacionalidade, mesmo que seja uma que não possua um estado-nação, é a bandeira do Curdistão, ou ainda, a bandeira que é considerada por grande parte da população curda como simbolizando os territórios e as identidades curdas, apesar das inúmeras diferenças entre as regiões curdas. Formada por três faixas horizontais e paralelas, uma vermelha, uma branca e uma verde, com um sol com 21 pontas na região central, tal bandeira, que é amplamente usada e reconhecida como a bandeira do Curdistão e do povo curdo, é proibida em diversos contextos, como na Turquia, no Irã e também o era dentro da Síria.⁴³ Tal bandeira é, além disso, utilizada como bandeira oficial da

⁴³ Oficialmente, a bandeira curda ainda é proibida dentro da Síria, mas devido a guerra civil que assola o país, grande parte do aparato jurídico local não é utilizado atualmente na prática. Dentro dos três

região curda autônoma no Iraque, que é governado pelo Governo Regional do Curdistão.

As primeiras aparições da atual bandeira curda ocorrem nos anos vinte, sendo marcadamente utilizada na conferência de paz de Paris, que, dentre outras coisas, também discutira uma possível independência do Curdistão (KURDISTANICA, 2008). A bandeira curda se assemelha a duas bandeiras marcantes dentro da história curda. A primeira fora utilizada durante um movimento separatista chamado “*Khoyboun*”, que significa “liberdade”, e que resultaria na criação da curta república de Ararat e também durante a República Curda (também conhecida como República de Mahabad) nos anos quarenta, que surge no noroeste do Irã com forte influência soviética, e que porém é derrotada após um curto período (EDMONDS, 1971). Em ambos os casos, as cores são semelhante (no primeiro caso, a ordem é inversa a ordem atual) a da bandeira curda atual, entretanto, nenhuma das duas tinha o sol no centro. A primeira tinha uma representação do monte Ararat, e a segunda, um símbolo central de inspiração socialista (uma tocha com dois molhos de trigo). Em ambos os casos, entretanto, a bandeira curda atual, com o sol no centro também fora utilizada.

O discurso corrente sobre a bandeira do Curdistão, e o simbolismo das cores escolhidas e do sol ao centro, afirma que o vermelho representa o sangue dos mártires curdos através da história; o branco representaria a paz e a esperança num futuro gozado com liberdade; o verde seriam as paisagens do Curdistão, e o amarelo do sol ao centro simbolizaria; as 21 pontas do sol são uma referencia a religião yazidi, e também dentro da religião antiga presente no Curdistão pré-Islã (Iasdanismo), sendo o número 21 um número secreto em ambas as religiões.

Tal discurso pode ser contestado através da historiografia, assim como grande parte das narrativas relacionadas a criação e ao surgimento de bandeiras como símbolos nacionais,⁴⁴ entretanto, não é esse o objetivo de um antropólogo, mas sim, compreender como tal discurso influencia a representação simbólica do universo que rodeia tais indivíduos. A veracidade ou não de narrativas sobre símbolos nacionais ou sobre tradições nacionais já foi analisada, por exemplo por Eric Hobsbawn e Terence

cantões curdos no atual território sírio, a bandeira é utilizada comumente, assim como outras bandeiras que remetem também a identidade e a causa curda.

⁴⁴ Da mesma maneira que no Brasil aprende-se que as cores da bandeira nacional vêm das matas, do ouro e do céu, e não das cores da família real, ou ainda que a bandeira da Dinamarca caiu do céu após a conversão de um rei dinamarquês ao cristianismo enquanto o mesmo guerreava no Báltico...

Ranger (2010). Os autores britânicos afirmam que a historicidade de tais eventos é menos relevante do que a percepção que os indivíduos tem dos mesmos, sendo tais narrativas essenciais na criação de uma identidade étnica e nacional.

Em grande parte dos casos, as narrativas simbólicas nacionais são perfeitamente capazes de se sustentarem mesmo após haver provas inequívocas de que suas narrativas não encontram comprovação histórica, enquanto tais narrativas ressoarem dentro de tal grupo étnico e/ou nacional sendo capazes de simbolizar elementos étnicos e/ou nacionais relevantes. No caso curdo, as cores da bandeira curda evocam uma história de resistência e luta por auto-determinação e por uma causa nacionalista, enquanto não esquecem nem do passado, referindo-se aos mártires e as religiões pré-islâmicas, nem do presente, ao retratarem um símbolo yazidi e as paisagens do Curdistão, e muito menos do futuro, ao abordarem um desejo de paz e liberdade para a população curda. Assim, a bandeira do Curdistão e do povo curdo e suas cores são um testamento perene as tradições, as lutas presentes, e a um futuro almejado por uma etnia cujo o território encontra-se dividido entre diversos territórios políticos nacionais, e que apesar, disso mantém uma identidade étnica própria. O fato de tal interpretação surgir ou não quando a bandeira surge, ou ainda, que tais cores tenham tido outros sentidos dentro da cultura curda através dos anos importa menos do que o fato de que a narrativa atual ser extremamente divulgada e reproduzida pela comunidade curda.

Logo, a utilização da bandeira curda dentro das manifestações que pude presenciar dentro da Dinamarca simboliza um sinal de filiação a uma identidade étnica distinta a de outros grupos de imigrantes do Oriente Médio presentes na sociedade dinamarquesa, além de simbolizarem o pertencimento a uma etnia que muitas vezes tem tido sua identidade suprimida dentro de diversos estados-nação. De tal maneira, a bandeira curda é ao mesmo tempo em que é um marcador identitário serve a dois propósitos principais. O primeiro é o de demarcar que a comunidade curda é uma comunidade distinta dentro da população de origem imigrante na Dinamarca, e a segunda é o de afirmar uma identidade étnica única perante eles mesmos.

O primeiro é uma demonstração pública que serve tanto como forma de demonstrar que os curdos são uma população completamente distinta de qualquer outro grupo imigrante presente na Europa, algo que também é ressaltado pelo uso público de idiomas curdos (especialmente o Kurmanji), de trajas curdos (o uniforme

de antigos peshmergas e ex-guerrilheiros é uma visão bastante comum), da música curda, e também através do uso das cores da bandeira em diversas situações. O segundo propósito é uma maneira de demonstrarem orgulho frente ao pertencimento étnico de tal comunidade enquanto curdos; é uma forma de demonstrarem orgulho por todos os aspectos do Curdistão (aspectos esses simbolizados na bandeira), como a luta por autodeterminação, por liberdade, o orgulho da narrativa histórica milenar, orgulho do geografia e das paisagens do Curdistão, além do orgulho de elementos culinários, linguísticos, musicais, literários, entre outros. Assim, a bandeira curda assume o papel em que ela é um elemento comum e facilmente identificável pela comunidade curdo-dinamarquesa e que simboliza a lealdade étnica de tais indivíduos a comunidade curda e ao Curdistão; é, portanto, além de um símbolo que invoca um desejo de reconhecimento étnico por parte do mundo, um símbolo de orgulho por serem curdos.

Outra bandeira bastante comum nas manifestações e também nas interações nas redes sociais de diversos membros da comunidade curdo-dinamarquesa é a bandeira de Rojavâ, região que fica no norte da Síria e que atualmente, devido a guerra civil que destrói o país, é uma região de facto auto-governante desde o final de 2013, apesar de não haver reconhecimento de tal situação pelo governo central sírio ou pela comunidade internacional. Composta por três regiões não contíguas, e ainda em guerra com o grupo extremista Estado Islâmico, com o conflito na cidade de Kobanî, no cantão de mesmo nome, como o exemplo mais facilmente reconhecível de tal confronto, sendo os ataques do ISIS e a resistência da guerrilha curda sendo narradas pela mídia internacional de forma extensa.

Durante tal resistência, a situação que chegara a momentos críticos, com histórias de guerrilheiros e guerrilheiras preferindo o suicídio a uma captura por militantes do Estado Islâmico além da cenário de destruição na cidade, se torna um evento que passa a mobilizar a comunidade curda ao redor da Europa, além de ser necessário destacar o papel midiático extremamente marcante de tal resistência, tendo grande destaque no ano passado, com histórias de guerrilheiras do YPG tendo destaque em publicações com o Guardian, o New York Times, e no Brasil, n'O Globo. Tal evento coloca a etnia curda em destaque ao serem vistos como os atores responsáveis pela resistência a um grupo fundamentalista que chocara o mundo com relatos de diversos crimes brutais; ou seja, aos olhos de grande parte da mídia ocidental, os curdos em Kobanî passam a assumir um papel positivo e proativo na

narrativa de resistência ao Estado Islâmico. E é dentro de tal papel que a comunidade curda busca também articular-se a política nacional dos diversos países em diáspora que estão presentes em uma tentativa de obter apoio para os combatentes no Curdistão.

Assim, pude observar em duas das manifestações que eu pude acompanhar, além das fotos das quais eu não pude, a presença constante da bandeira de Rojava, que é composta de três faixas horizontais, nas cores amarela, vermelha e verde, e que também é a bandeira da coalização política responsável pelo governo da parte autônoma do Curdistão sírio, e passa, portanto, a representar os três cantões curdos no atual território da Síria.

Formado por diversos partidos políticos curdos, o governo curdo utiliza diversos preceitos políticos encampados por Abdullah Ocālan, como a democracia participativa, uma maior participação das mulheres na vida política, além de um uso dos meios econômicos como forma de beneficiar toda a comunidade, soma-se a isso a uma forma de governo que seja inclusiva as diversas minorias presentes nos três cantões, e não somente aos curdos. Ou seja, a situação política em Rojavâ tem a simpatia de diversos grupos de extrema-esquerda ao redor do mundo devido a forma de governo e a resistência a um grupo de inspiração fascista. Cientes de tal apelo, indivíduos curdos na Dinamarca buscam articular-se com partidos e organizações de esquerda.

Dentro de tal contexto, há indivíduos curdo-dinamarqueses que levam a bandeira de Rojava para manifestações como forma de trazer o simbolismo da resistência aos ataques do Estado Islâmico, juntamente com uma forma de governo que evoca tolerância e igualdade, tais valores passam a se interligarem com a narrativa étnica curda e, para diversos indivíduos que pude conversar informalmente, a bandeira de Rojava era uma representação visual do que eles esperam que poderia ser a contribuição curda para a comunidade internacional.

Além disso, o uso da bandeira de Rojava torna-se uma forma de exaltar a resistência curda, já que a campanha para a manutenção de Kobanî evocou participantes das diversas regiões do Curdistão que vieram para ajudarem durante o cerco. Tal bandeira simboliza também um acontecimento histórico recente que ilustra a ideia de uma resistência curda além das fronteiras, o que fortalece ainda mais a ideia de que há um Curdistão histórico que existe, apesar de tal território ser ocupado por outros estados-nacionais.

A bandeira de Rojava, além das cores que também estão presentes na bandeira do Curdistão, e cujas as cores são constantemente usadas em diversos contextos curdos (SHEYHOLISMANI, 2007), simboliza a capacidade curda de manter um território sobre o seu controle, enquanto o país que tal território pertence esteja se despedaçando dentro de uma guerra civil. Além disso, Rojava, na condição de território que passa a aplicar parte dos ensinamentos propostos por Abdullah Ocālan, retém um simbolismo bastante importante pra grande parte da comunidade curda, tanto no Curdistão, quanto em diáspora. Ou seja, Rojava significa a possibilidade prática de que grande parte das proposições do principal líder curdo serem aplicadas no mundo real; Rojava significa que grande parte do que o PKK hoje em dia, discursivamente, propõe é uma possibilidade. O uso da bandeira de Rojava (que em si representa a união de diversos partidos curdos sírios) significa que os desejos de se criar uma forma de governo com origem curda, em um território curdo, não é apenas uma abstração teórica, mas sim, uma possibilidade empírica. O uso de tal bandeira, numa manifestação pela comunidade curdo-dinamarquesa em Copenhague, representa para diversos indivíduos de tal comunidade que a liberdade para o povo curdo é uma questão possível e que deve ser encarada pelos curdos em diáspora como um objetivo a ser alcançado.

Outras bandeiras extremamente comuns são bandeiras e flâmulas relacionadas ao PKK e a seu líder Abdullah Ocālan ou a outros mártires mortos na guerrilha contra o Estado turco, que servem para marcar uma posição política em relação a política interna turca, ao mesmo tempo em que serve para informar os membros da comunidade curdo-dinamarquesa da posição política de tais indivíduos. Outro motivo é a afirmação visual e simbólica de lealdade a um grupo político que é considerado como terrorista por grande parte dos países da União Européia, e que na Dinamarca, tem sido ligado a um caso bastante peculiar, o do cancelamento da licença de transmissão da ROJ-TV.

A ROJ-TV ligado ao PKK⁴⁵ (tanto política quanto financeiramente) é um canal de televisão curda que inicialmente operava a partir da Bélgica, mas que, ao ser proibida de operar dentro do território belga, muda-se para a Dinamarca em 2004,

⁴⁵ A ROJ-TV é legalmente proibido em território turco, além de na Alemanha. Entretanto, como a ROJ-TV também tem um site com transmissão de seu conteúdo online, o alcance de tal canal nesses países não é uma impossibilidade para quem tenha o interesse.

onde continua seu trabalho. Entretanto, devido a questões políticas e diplomáticas relacionadas ao relacionamento entre o governo dinamarquês e o governo turco, Ankara tem repetidamente manobrado para que seja posto na ilegalidade em território dinamarquês, e o canal de TV curdo tem sofrido algumas derrotas nas cortes locais, apesar de ainda manter-se operante. Uma corte dinamarquesa julgou a ROJ-TV em 2012, após uma acusação feita pela promotoria local em 2010, como sendo culpada de promover práticas terroristas devido ao teor de suas reportagens e de sua linha editorial e a condenou a pagar uma multa de 5,2 milhões de coroas dinamarquesas (aproximadamente 2 milhões de reais). Além das pressões políticas feitas de maneira oficial pelo governo turco, há também a pressão diplomática extraoficial que se tornaria clara com a ajuda do Wikileaks.

Dentre os milhares de documentos vazados pela Wikileaks (THE GUARDIAN, 2010)⁴⁶, em um deles consta um acordo que teria sido feito junto entre o presidente americano, o governo turco, e governo dinamarquês, no qual Ankara retiraria as suas objeções a nomeação de Andreas Føgh Rasmussen, ex-primeiro ministro dinamarquês como secretário-geral da OTAN, e em troca, o governo dinamarquês prosseguiria na proibição das operações da ROJ-TV a partir de seu território. Logo, a questão inteira relacionada a ROJ-TV, que pelo período em que esteve presente na mídia dinamarquesa fora a questão mais facilmente associada pela população com a comunidade curda local, faz com que bandeiras do PKK e de partidos relacionados ao PKK e ainda com a foto de Abdullah Ocālan representem além de uma identificação política com as ideias dos mesmos, além de uma identificação étnica em oposição, principalmente, ao governo e ao estado turco, como também uma forma de se posicionarem ao que fora visto por uma parte considerável da comunidade curdo-dinamarquesa como uma injustiça e além disso, como um ataque a liberdade de imprensa e opinião dentro da Dinamarca. Assim, a bandeira do PKK que em outros países europeus simbolizaria um projeto político e uma identidade étnica distinta do estado turco, na Dinamarca, também significa a escolha de uma posição em relação a um caso que ficara marcado dentro da narrativa política dinamarquesa.

Outras bandeiras e cartazes que aparecem em menor proporção, mas que

⁴⁶ Fonte: <http://www.theguardian.com/world/us-embassy-cables-documents/250705> Acessado em 26 de maio de 2015.

merecem ser notados, são os de partidos políticos iranianos, iraquianos e sírios com conexões ou inspirados na ideologia do PKK. Como parte considerável da população curda na Dinamarca é de origem do Curdistão turco, e ainda, como a Turquia, por ser parte da OTAN (organização que engloba grande parte dos países da Europa Ocidental), os elementos que se referenciam as questões curdas na Turquia, em muitos casos, tendem⁴⁷ a ter uma prevalência em relação a das outras regiões. A presença de bandeiras do YPG/YPJ (milícias organizadas dentro Curdistão na Síria), do PJAK (partido político no Curdistão no Irã inspirado no PKK), do KDP (partido político que detém o poder dentro do Curdistão no Iraque) ou de outros partidos curdos menores dentro de qualquer uma parte do Curdistão. Tais estandartes e bandeiras servem, portanto, para demonstrar situações relacionadas a experiências de indivíduos curdos que tendem a diferir em relação a maioria da comunidade curda na Dinamarca que tem origem no Curdistão turco. Ou seja, há uma série de indivíduos que desejam que as causas curdas que mais tenham a ver com a realidade dos mesmos ou de seus antepassados sejam constantemente lembradas dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

iii) Cartazes, pôsteres, uso de imagens e de diferentes idiomas: uma análise etnográfica das demonstrações curdas em Copenhague

Há também, em grande parte das manifestações que eu pude presenciar e participar, a presença de diversos cartazes com palavras de ordem, de condenação ou expressando apoio e simpatia. Tais cartazes eram escritos em diversos idiomas, sendo bastante comum o uso do inglês, do dinamarquês, do kurmanji, do sorani, e até do árabe e do turco.

O uso do inglês é uma tentativa bastante clara de inserir a causa curda que seja tema da manifestação dentro de uma perspectiva internacionalista, haja vista o uso do inglês como o mais próximo que temos de uma língua franca. Soma-se a isso, o fato

⁴⁷ Dentro do Centro de Cultura Dinamarquês, a presença da questão curda na Turquia toma um papel simbólico bastante relevante, com fotos, cartazes e panfletos sobre Abdullah Ocâlan tendo uma proeminência bastante perceptível. Entretanto, a FOKUS-A tende a ter uma abordagem mais holística em relação ao Curdistão, por exemplo.

de tais manifestações constantemente ocorrerem em lugares com uma grande presença de turistas estrangeiros e o fato de grande parte da população local dinamarquesa ser fluente em inglês. Já o uso do dinamarquês pode ser compreendido, obviamente, como uma tentativa de tais imigrantes e seus descendentes em buscar expor suas demandas frente a população dinamarquesa e de se colocarem como membros também da comunidade dinamarquesa ao mesmo tempo que também são curdos.

O uso de idiomas curdos, especialmente do kurmanji (e em alguns outros casos, do sorani) é uma demonstração tanto de pertencimento a uma identidade curda que constantemente se relaciona ao uso de idiomas curdos e a proibição do uso dos mesmos dentro de alguns estados que contém territórios do Curdistão, serve como uma forma que vários imigrantes e descendentes, especialmente os mais jovens, tem de se posicionar como imigrantes exclusivamente curdos (e não especialmente turcos, mas também iranianos, sírios ou iraquianos), além de buscarem um capital cultural relevante, tanto em relação a outros imigrantes com a sua mesma faixa etária, quanto em relação a seus pais e avós. Se para muitos, o uso de um idioma curdo, era uma forma de se ir contra a perseguição étnica estatal, para os seus descendentes mais novos, e que foram nascidos e criados na Dinamarca, o aprendizado e a utilização de um idioma curdo é uma forma de tanto se reconectarem com elementos de sua identidade étnica e de seu self, além de serem levados mais a sério pelos membros mais velhos de sua comunidade.

O uso de idiomas não curdos, que não são o dinamarquês e o inglês, são ocasiões mais raras, mas que porém foram observadas durante o meu período em trabalho de campo. Em primeiro lugar, há indivíduos curdos que não dão o mesmo valor simbólico para o uso ou para o aprendizado de um idioma curdo como forma da construção de um self identificado como curdo. E em segundo lugar, há indivíduos cuja sua construção identitária étnica como curdos é uma construção mais recente, e que, portanto, ainda não passaram a valorizar o uso de um idioma curdo como forma de criar um limite étnico entre serem curdos e não-curdos. E em último lugar, há também como objetivo em se utilizar idiomas como o turco e o persa⁴⁸ como forma de simbolicamente, desafiar os governos e os estados nacionais que na narrativa curda

⁴⁸ Entretanto, o árabe não me parece ter sido utilizado de tal maneira. O fato do mesmo ser o idioma corrente em diversos países e o fato do mesmo ter um valor simbólico relacionado ao Islã, religião que uma parte considerável da comunidade curda professa, faz com que o mesmo não seja utilizado como maneira de se desafiar nenhum outro país ou governo.

são vistos como os opressores dos mesmos, ao utilizar-se de um idioma que seria compreendido por turcos ou iranianos ligados ou que apoiam o governo e o nacionalismo desses dois países. Alguns de meus interlocutores, se utilizavam de cartazes em tais idiomas, ao se manifestarem em frente as embaixadas desses países pois, segundo um deles “assim eles vão nos entender, já que na Dinamarca não é necessário ter medo deles”.

Portanto, o uso de imagens e cartazes funcionam como uma maneira de se reificar o sofrimento de curdos nas mãos do Estado Islâmico, e portanto, engajar a comunidade curda local em diversas redes de apoio contra tal grupo terrorista; atua como forma de engajar a comunidade dinamarquesa, utilizando-se de um discurso fortemente voltado a aspectos de direitos humanos, além de buscar um engajamento com a política dinamarquesa em relação a região do Curdistão, e em último lugar, com o uso do inglês, também busca uma possível internacionalização da causa curda, além de uma união da comunidade curda em diáspora na Europa e na América do Norte, haja vista o papel que o inglês assume de língua franca.

Em todas as demonstrações que pude observar, indivíduos relevantes dentro da comunidade curda além de indivíduos da população dinamarquesa discursam sobre as questões relacionadas a manifestação organizada. Na primeira manifestação que eu pude observar, os discursos foram sobre a cultura curda e a bravura dos peshmerga, e nesse caso, em kurmanji. Na segunda, foi-se falado sobre a injustiça e a prisão de Ocãlan, e a mesma contara apenas com simpatizantes do PKK, e em números bem menores do que as outras três (em cerca de 50, em contraste com as 350-400 pessoas presentes em outras manifestações). Na terceira, a maior de todas, que ocorre durante o cerco do ISIS aos yazidis em Shingâl (Sinjar), os discursos são proferidos por membros de diversas organizações curdas, incluindo a FOKUS-A, pela figura de sua presidente, além de pesquisadores e políticos dano-dinamarqueses. Políticos de partidos tão distintos quanto o já citado Enhedeslisten (Partido da Lista Verde e Vermelha) e passando pelos socialdemocratas e chegando nos conservadores. Políticos de origem curda e o ex-prefeito de Copenhague tiveram destaque em tal manifestação, que das quatro fora a que teve o maior tom sentimental, com um número grande de pessoas chorando, ao segurarem fotos de crianças e mulheres martirizadas. Tal manifestação contou com a presença de diversos meios de comunicação dinamarqueses, além de meios de comunicação da mídia curdo-dinamarquesa que também aparecera na primeira manifestação. Na quarta

manifestação, fora possível observar também uma grande presença de discursos de indivíduos influentes dentro das comunidades curdo-dinamarquesa, incluindo, novamente, um outro discurso da presidente da FOKUS-A, e novamente figuras conhecidas dentro da política dinamarquesa, incluindo políticos curdo-dinamarqueses, além de cartazes e palavras de ordem contra o ISIS. Há uma diferença portanto da quarta para a terceira manifestação, que fora a mobilização da comunidade curda em buscar doações de roupas, dinheiro e viveres para serem enviados para a população refugiada yazidi. Logo, se a terceira manifestação ocorre como uma forma de protestar e de organizar um luto frente ao massacre dos yazidis cometido pelos partidários do ISIS, a quarta ocorre também uma organização local com o objetivo de oferecer apoio aos refugiados yazidis. Assim, no espaço de duas semanas, as organizações curdo-dinamarquesas, além de organizações de direitos humanos, partidos políticos e instituições religiosas passaram a organizar também uma defesa concreta de tal população através de doações, concomitantemente como a busca de um apoio político, além do objetivo de trazer tal causa para toda a população dinamarquesa através do contínuo diálogo em busca de uma construção narrativa midiática.

Além de cartazes com frases de ordem, uma ocorrência muito comum, era o uso de fotos de vítimas dos ataques do grupo terrorista Daesh, em especial, de crianças, mulheres e idosos mortos com requintes de crueldade. O uso de tais imagens, durante uma manifestação que teve um tom emocional bastante claro, com discursos que muitas vezes levavam as lágrimas, tanto as pessoas os proferindo, quanto as pessoas ouvindo, o uso de imagens de pessoas que sofreram na mão de tais terroristas tinha como papel trazer a sofrimento ocorrido no Iraque e no Curdistão para uma realidade mais concreta, no qual o efeito visual serviria como forma de sensibilizar as pessoas que estavam a milhares de quilômetros de distância, dentro de um país pacífico, que haviam seres humanos passando por tal sofrimento, e que grande parte dessas pessoas eram curdos, membros de uma religião (yazidi) ligadas a uma narrativa histórica curda. As fotos traziam também um senso de urgência; urgência em arrecadar fundos para os refugiados que conseguiram escapar, e que se encontravam nas montanhas de Shingal, sem comida e água, além da urgência em engajar a comunidade dinamarquesa no apoio, tanto humanitário, quanto militar, as tropas curdas que encontravam-se em confronto direto com os soldados fiéis ao Estado Islâmico.

Os indivíduos presentes nas manifestações, portanto, viam a mesma como uma arena na qual diversas posições estavam sendo negociadas constantemente. Para os mais velhos, exilados políticos ou ainda imigrantes que vieram convidados nos anos 1970, tais manifestações são uma continuação de suas ações políticas frente a opressão dentro dos estados de onde vieram (quase sempre a Turquia). Para os descendentes dos mesmos, tais manifestações são mais uma das arenas na qual a sua identidade como curdos é reificada em relação a uma sociabilidade dinamarquesa. Se em muitos casos, para diversos indivíduos jovens e adolescentes e que foram criados na Dinamarca, e portanto, tem um relacionamento mais distante com a ideia de Curdistão, (apesar de não ter um relacionamento distante com serem curdos), as manifestações em espaços públicos são locais privilegiados para a ressignificação constante de tais indivíduos tanto dentro da comunidade curdo-dinamarquesa e quanto dentro da comunidade curda de maneira geral. São nesses espaços em que há um diálogo entre os diversos posicionamentos políticos, as diversas realidades específicas da comunidade curdo-dinamarquesa, as diversas realidades linguísticas, e as diferentes experiências dos mesmos, ou seja, é nesses espaços que a comunidade curdo-dinamarquesa se vê mais como curda do que como dinamarquesa. As manifestações são, por exemplo, um dos locais nos quais um dos meus interlocutores me informou que os mesmos treinam o uso de idiomas curdos.

Nas manifestações também há uma presença bastante significativa de crianças e pré-adolescentes, os quais carregam seus cartazes e suas bandeiras, para tais indivíduos as mesmas são os primeiros locais, fora dos ambientes familiares, nos quais suas identidades como curdos dentro da Dinamarca, ou como curdos-dinamarqueses, é compartilhada com um grande número de pessoas. São também locais nos quais os mesmos aprendem gradualmente sobre o significado do que é ser curdo de irmãos, pais, parentes, amigos da família; ou seja, se as manifestações públicas são arenas de trocas culturais privilegiadas, para a população mais tenra, tais momentos são fundamentais na construção identitária dos mesmos. São ambientes nos quais a ideia de uma comunidade curda passa a ser concreta. E assim como Esmer, a presidente da FOKUS-A me contara em uma entrevista, desde pequena seus pais a levavam a demonstrações importantes em Copenhague, vindos todos do norte da Jutlândia, em um ônibus que era alugado por eles e outros curdos. Tais manifestações, para ela, e para muitos outros membros da comunidade curdo-dinamarquesa são uma atividade corriqueira, no qual os mesmos participam desde novos, e que com o tempo

passam a ser compreendidas de maneira mais completa e complexa por seus participantes. Assim, pode-se dizer que se ser curdo é um construção constante, é nas manifestações que tal ideia é construída em público, em locais privilegiados dentro da capital dinamarquesa, e que é compartilhado, in loco, por um grande número de indivíduos curdos.

Além disso, as diversas manifestações organizadas pela comunidade curdo-dinamarquesa tem um aspecto bastante significativo dentro da mesma pois são ocasiões nas quais a comunidade curdo-dinamarquesa passa a ver sua própria organização coletiva, além de servir como uma arena privilegiada para a sociabilidade curda em um ambiente dinamarquês, nos quais discussões políticas são travadas, objetivos são traçados, alianças são renovadas, e crianças são educadas dentro da cultura curda. Se as manifestações não são as únicas formas de se alcançar tais objetivos, elas são um dos poucos locais e ocasiões na qual todos esses convergem.

VI. CONCLUSÃO

Tal etnografia buscou descrever as interações ocorrentes e as manifestações culturais dentro da comunidade curdo-dinamarquesa centrada especialmente na cidade de Copenhague. Aspectos como a imigração curda para a Dinamarca, a construção identitária num contexto dinamarquês, além da atenção dada durante um capítulo a FOKUS-A, uma organização estudantil curda, e por último, uma análise das manifestações, e na simbologia visual das mesmas.

Após problematizar e também analisar tais aspectos através de teorias antropológicas que em si são o resultado de mais de um século de construção da disciplina, a qual, o autor almeja entregar também a sua contribuição para a mesma através de sua dissertação. Entretanto, há de se afirmar que o período de tempo no qual eu pude realizar meu trabalho de campo não é um período estanque dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, sendo mais uma data arbitrária estabelecida pelo antropólogo (assim como o é em grande parte das etnografias) do que datas significativas por si mesmas para a comunidade que fora estudada. Se questões do passado individual de diversos indivíduos e de marcos coletivos foram abordadas em meu trabalho, o futuro, e todas as interações sociais e ressignificações culturais continuam, por razões evidentes, sem poder ser analisado,.

Porém, há questões atuais que podem e muito provavelmente irão influenciar o futuro da comunidade curdo-dinamarquesa, sendo as mesmas, entre outras coisas, relacionadas aos quatro temas que tratei ao longo da minha dissertação. Durante a conclusão de tal trabalho, será exposta as formas nas quais eventos no Curdistão, na Dinamarca, e nos estados que contém o Curdistão que continuam a afetar comunidade e modificar a sociabilidade curda com a qual fora possível conduzir tal trabalho etnográfico, além de retomar alguns temas abordados ao longo de tal dissertação, mostrando possíveis perspectivas para os mesmos dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, além de apontar para futuros desenvolvimentos dentro da disciplina.

i) A comunidade curdo-dinamarquesa: suas expressões e articulações políticas e culturais em movimento.

Durante o meu período de trabalho de campo, que durara cinco meses (três em 2014 e dois em 2015), pude observar diversos aspectos sobre a comunidade curdo-dinamarquesa, além de poder observar, *in loco*, dois momentos extremamente distintos. O primeiro, no início do meu trabalho etnográfico, fora a manifestação curda que ocorrera antes das batalhas em Kobanî e Shingâl, e a segunda, foram as demonstrações após tais acontecimentos. Tais manifestações demonstram as diversas maneiras nas quais a comunidade curdo-dinamarquesa busca se articular, somente com o seu aspecto curdo, ou com seu aspecto curdo em consonância com seu aspecto dinamarquês numa tentativa de influenciar a política local, ao mesmo tempo em que os mesmos reafirmam sua identidade curda ao mesmo tempo em que dialogam em relação a sua cultura e sua posição em tal comunidade.

Tais articulações estão sujeitas a diversos acontecimentos que estão aquém do controle da comunidade curdo-dinamarquesa, mas que, entretanto, a mesma tem uma agência ativa na construção das narrativas sobre as mesmas. A comunidade curdo-dinamarquesa é uma comunidade extremamente organizada em termos políticos, e tal organização se reflete também para a política dinamarquesa. Diversos políticos de origem curda são candidatos ao parlamento nacional, e durante o período em que escrevo tal dissertação, alguns deles encontram-se em campanha política ativa, participando de debates e expondo posicionamentos que por lidarem com questões relacionadas a política local, relacionam-se a comunidade curdo-dinamarquesa enquanto parte da sociedade dinamarquesa. Posições em relação a mudanças no tempo necessário para a aposentadoria, investimentos em armamentos para as forças armadas, e a privatização de uma empresa de fornecimento de energia são pautas presentes no discurso político dinamarquês, e pautas também presentes na campanha dos políticos de origem curda ao parlamento local, e a comunidade curdo-dinamarquesa, enquanto moradores e na enorme maioria dos casos, cidadãos dinamarqueses, se interessa por tais temas pelos mesmos motivos pelos quais o resto da população dinamarquesa também se interessa por eles.

Há, entretanto, algumas posições que são especialmente importantes para a população curdo-dinamarquesa, como as relações políticas com a Turquia, o Irã, o

Iraque e a Síria; a ajuda humanitária e militar para grupos curdos no Curdistão que se encontra no Iraque e na Síria, além da política de asilo para a população curda que se acha sobre ameaça do grupo terrorista ISIS, especialmente a minoria religiosa yazidi. Também, entre os políticos curdo-dinamarqueses, é esperado pela comunidade curda que os mesmos e as mesmas tenham opiniões sobre, por exemplo, o HDP, partido na Turquia com forte presença da população curda e grande influência política do ideário do PKK e da teoria política criada por Abdullah Ocālan. Ou seja, tais políticos precisam pensar tanto em seus constituintes não curdos e em seus constituintes da comunidade curdo-dinamarquesa, que costumeiramente é o local nos quais os mesmos começam suas primeiras articulações políticas, além de ser o local nos quais os mesmos ainda tem laços familiares e de amizades.

Além dos políticos curdo-dinamarqueses, faz-se necessário notar a atuação de políticos dinamarqueses em relação a tal população. Em duas das manifestações que eu pude acompanhar, alguns políticos tiveram uma fala, e os mesmos eram de partidos bastante distintos, membros tanto do “bloco azul” quanto do “bloco vermelho”⁴⁹, o que aponta para uma possível nacionalização, ao mesmo naquele momento, da questão curda no discurso político dinamarquês. Numa democracia, todo voto tem importância (ainda mais num país com 5,5 milhões de habitantes), e a presença massiva de elementos relacionados a população curda na mídia local, especialmente no Verão de 2014, faz com que um posicionamento de diversos políticos, de diversos posicionamentos políticos, em relação a política externa do Oriente Médio que se relacione ao Curdistão seja um fator importante para as eleições locais que ocorreriam em junho de 2015.

Apesar da articulação bastante significativa do partido da lista verde e vermelha (Enhedeslisten) de extrema-esquerda, e do partido socialista do povo (Socialistisk Folkeparti) de esquerda e a comunidade curdo-dinamarquesa

⁴⁹ O bloco azul é historicamente formado por partidos identificados com valores mais a direita, e o bloco vermelho é historicamente formado por partidos mais a esquerda. Sendo a Dinamarca uma monarquia constitucional parlamentarista, é necessária a formação de blocos políticos para a escolha de um primeiro-ministro, e o mesmo tende a ser um político escolhido pelo partido mais bem votado dentro da coalizão governante. O fato de haver políticos dinamarqueses de ambos os “blocos” em algumas manifestações atesta para uma possível heterogeneidade da população curdo-dinamarquesa, juntamente com o fato de políticos de diferentes orientações serem foco de diversas mídias curdo-dinamarquesas.

(especialmente mais jovem), há ainda espaço para partidos mais ao centro e a direita dentro do espectro político. Um dos meus entrevistados, homem, com aproximadamente trinta e cinco anos, e com filho, me confessara ter votado em um partido de direita liberal nas últimas eleições, apesar de ter sempre sido um eleitor da esquerda. A idade e a paternidade, de acordo com ele, mudara sua perspectiva política. Logo, se há um espaço grande para a articulação política entre partidos de esquerda progressista e a comunidade curdo-dinamarquesa, especialmente devido a uma confluência ideológica, também o há para os outros partidos políticos. Tal espaço é ainda algo que poderá se desenvolver mais claramente ao longo do tempo, e que demonstra a constante modificação das diversas formas de articulação dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Uma análise possível fora proposta por Diane E. King (2005) ao abordar o conceito de patronagem ao analisar a imigração curda para a Europa. Ao analisar a imigração curda, especialmente do Curdistão iraquiano, a autora apresenta uma clara articulação entre elementos culturais curdos e a política dentro de países europeus.

Há, dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, diferentes posicionamentos políticos internos e em relação ao Curdistão. Particularmente, fora possível entrevistar indivíduos que, por exemplo, tinham fortes críticas ao PKK e a Abdullah Ocãlan, e outros que só tinham elogios ao mesmo, ao mesmo tempo em que pude observar indivíduos com diferentes perspectivas em relação ao engajamento de diversos partidos políticos com a causa curda, que iam desde um agradecimento e um apoio mútuo, passando por uma visão mais pragmática, e chegando a uma descrença em relação aos motivos para tal aproximação. Tais análises estão em constante mudança conforme analisado por Martin Van Bruinessen (2015), e com as eleições nacionais na Dinamarca se aproximando, e de acordo com a geopolítica do Curdistão, podem modificar a maneira com a qual diferentes indivíduos e grupos engajam-se com a política local dinamarquesa, e com os políticos dinamarqueses (curdos ou não).

Além das questões políticas internas, outros fatores externos, em constante modificação, estão a mobilizar a comunidade curdo-dinamarquesa, e servem para reforçar os laços transnacionais da comunidade curda em diáspora com a comunidade curda no Curdistão. Dois eventos recentes que ocorreram neste ano são significativos sobre tal questão, e merecem serem analisados com maior rigor.

O primeiro são as eleições na Turquia, e as consequências da mesma para a comunidade curda, e para o Curdistão sob controle turco; e o segundo fora o suicídio

de uma menina curda, dentro do Curdistão sobre controle iraniano após a mesma se recusar as tentativas de assédio de um oficial do governo iraniano, e com isso, se joga da janela do hotel no qual ela trabalhava.

A primeira situação, ou seja, as eleições na Turquia, envolvem não somente a comunidade curda em território turco, mas também outras minorias, e é claro, a população turca. No caso da população curdo-dinamarquesa, as manifestações pró HDP⁵⁰ são bastante significativas, a julgar pelos eventos em prol de tal escolha organizados por diversas organizações curdas, ou pelo número de eventos que alguns políticos e jornalistas curdo-dinamarqueses participam. Para entender tal movimento, é preciso compreender a importância e o envolvimento do HDP na causa curda, além de seu possível papel dentro da política turca, caso o mesmo alcance o número necessário de votos para poder eleger representantes no parlamento turco (que na Turquia é de 10%).

Em primeiro lugar, a Turquia tem uma cláusula de barreira bastante alta, de 10%, o que impede que o parlamento local tenha um número bastante elevado de partidos presentes. Tal situação particular faz com que os partidos locais busquem apelar para o maior número possível de eleitores dentro de uma plataforma comum. No caso do HDP, o partido arregimentou suporte de diversas minorias étnicas e religiosas, além de grupos feministas e da comunidade LBGT, junto com um apoio da comunidade curda, especialmente da população curda que simpatiza com os ideias atuais do PKK.

Com políticas como o uso de dois líderes de partido, sendo que obrigatoriamente, um homem e uma mulher, uma cota de 50% para mulheres e uma cota de 10% para candidatos LBGT. Liderado por Selahattin Demirtaş e Figen Yüksekdağ, sendo o primeiro curdo, e portanto, figura relevante para a comunidade curdo-dinamarquesa.. O partido surge com a união de diversos candidatos e políticos de esquerda que se elegiam de maneira independente, o partido tem uma plataforma socialista e com estâncias altamente críticas ao capitalismo e o imperialismo. Todas essas características, portanto, são semelhantes a nova direção política tomada pelo

⁵⁰ “HDP”, que é um acrônimo de “*Halkların Demokratik Partisi*”, que significa “Partido Democrático do Povo” em turco. O mesmo em curdo (kurmanji) seria “PDG” (*Partiya Demokratik a Gezan*). Nesse caso, opto por usar a sigla em turco, pois é assim que o partido é referido tanto na mídia internacional, quanto pela comunidade curda da Turquia quanto na Dinamarca.

PKK e por Abdullah Ocālan.⁵¹ Assim, há uma afinidade política bastante forte e relevante entre a comunidade curda e o HDP. Tal afinidade pode ser observada claramente na aproximação, por exemplo, entre Dermitas e Ocālan, tendo o primeiro visitado o segundo em mais de uma ocasião em sua prisão. Para parte considerável da comunidade curda na Turquia, a presença do HDP nas eleições que se realizaram em junho, representa a possibilidade de uma maior representatividade política, e que se traduziria em uma perda de poder por parte de Erdogan e de seu partido, o AKP.

Ao representar diversos setores da população turca que não são contemplados pela política atual do governo que tenta a reeleição, e com um posicionamento que apela para parte da população que protestara em Gezi em 2013 (tal protesto, inclusive, fora bem visto pelo partido, e a repressão policial duramente criticada pelo mesmo), sendo tal protesto em Gezi sendo narrado de forma extensiva na mídia internacional e sobre o qual um artigo fora escrito e publicado por Firat Bozcali e Çağrı Yoltar (2013), no qual os autores analisam as relações entre os diversos atores políticos presentes na mesma. Assim, tal movimento político, ideologicamente de esquerda, capitaneado pelo HDP, posiciona a população curda com um papel político bastante definido, o de oposição ao crescente autoritarismo encampado por Erdogan, e com um papel de liderança dentro da narrativa de oposição ao governo turco. Junto com o papel curdo na resistência ao ISIS, e as formas de governo encampadas pelo governo autônomo de Rojava, há uma tentativa clara e direcionada por setores da comunidade curda (no Curdistão ou em diáspora) em afirmarem a identidade curda como uma identidade política ligada a ideias tipicamente encampados pela esquerda.

No caso da comunidade curdo-dinamarquesa, tal fator já fora analisado anteriormente, e uma das maneiras que tal articulação se reflete, são as eleições na Turquia, e o apoio dado ao HDP. Diversas páginas no Facebook relacionadas a causa, a cultura e a comunidade curdas na Dinamarca, além de grupos no mesmo, e perfis pessoais de políticos e indivíduos curdos discutem as eleições na Turquia, e o papel do HDP e da comunidade curda local de forma extensiva, com parte considerável da comunidade curdo-dinamarquesa incentivam os que ainda tem nacionalidade turca a irem votar no HDP, já que as pesquisas de opinião estimam que as eleições serão bastante apertadas para o HDP. Ataques organizados por partidários do AKP ou de

⁵¹ E também com o partido dinamarquês Enhedslisten (Partido da lista vermelha e verde) que já fora citado anteriormente em mais de uma ocasião.

outros partidos turcos e do estado turco a simpatizantes e ativistas do HDP repercutem amplamente dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, com notícias e matérias relacionadas a tais eventos sendo compartilhadas e interpretadas dentro do contexto do conflito que se estende por décadas entre grupos curdos organizados e pelo governo turco e tendem, portanto, a mobilizarem um número considerável de indivíduos da comunidade curdo-dinamarquesa. Assim, elementos distintos no Curdistão do Norte (localizado na Turquia) e na própria Turquia continuam por influenciar diversos elementos políticos dentro da comunidade curdo-dinamarquesa.

Com as eleições ocorrendo no dia 7 de junho, o resultado acabou por ser positivo para o HDP e seus correligionários, tanto dentro quanto fora da Turquia. Ao conseguirem atingir 13,1 %, ultrapassando, portanto, o coeficiente eleitoral (conforme fora citado anteriormente é de 10%) o HDP consegue 80 assentos no parlamento local, sendo essa a primeira vez na história que um partido curdo é eleito para o parlamento turco. Com a eleição do HDP, e a consequente perda de votos do partido do presidente Erdogan, é possível ver também um aumento no número de mulheres no parlamento, a presença de candidatos de religião yazidi, candidatos armênios, além de candidatos da minoria LGBT. Em qualquer lugar do mundo, e também na Turquia, uma plataforma política de um partido com as bandeiras do HDP seria visto como um plataforma associada com os valores de esquerda e valores progressistas.

Na Dinamarca, o HDP fora o segundo partido mais votado, com 36,82% dos votos totais, apenas um pouco atrás do AKP com 42,1% (JYIAN.DK, 2015)⁵². Tais números expressivos de eleitores pró-HDP e sua articulação para as eleições da Turquia demonstram como fora organizada a campanha em prol do HDP, sendo encampada por diversos setores da sociedade civil dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Organizações como o Fey-Kurd, a FOKUS-A, o site de notícias Jyian.dk, o Centro de Cultura Curdo-Dinamarquesa, além do Enhedeslisten apoiaram o HDP e tiveram papel ativo na articulação política do mesmo durante a campanha para a eleição turca.

No caso da etnia curda, tanto na Turquia quanto em diáspora, é possível identificar um aumento na tendência em associar-se valores mais identificados com a esquerda e com valores sociais mais progressistas e a comunidade curda, tendência observada, por exemplo, através de diversas entrevistas conduzidas com membros da

⁵² Disponível em: <http://jyian.dk/2015/06/tyrkisk-valg-hdp-naeststoerste-parti-i-danmark/>

FOKUS-A. Como tal identificação afeta e continuará afetando a comunidade curdo-dinamarquesa é uma questão bastante relevante para se pensar em relação o futuro da mesma. Qual papel a comunidade curdo-dinamarquesa terá tanto em relação a população dinamarquesa quanto em relação a população curda, tanto em diáspora quanto no Curdistão; e além disso, como a população curdo-dinamarquesa articulará suas diversas identidades étnicas e políticas? Tais questionamentos são cada vez mais relevantes, especialmente com as modificações na situação política na Turquia e também em Rojava, além do governo independente do Curdistão dentro do Iraque.

A outra questão citada anteriormente que acabara por envolver diversos setores da comunidade curdo-dinamarquesa é o que ocorrera dentro do Curdistão localizado dentro do estado iraniano. Numa cidade majoritariamente curda, um funcionário do governo iraniano, ao se hospedar num hotel, tenta abusar de uma funcionaria de origem curda. A mulher, cujo nome era Ferinaz Xosrawanî, resiste aos seus avanços, e se joga da janela de seu local de trabalho, morrendo em decorrência da queda.

Tal morte, junto com um clima político, no qual, diversos ativistas curdos recentemente foram condenados a força pelo governo de Teerã, fez com que diversos protestos nas cidades de maioria curda ocorressem; protestos esses que foram reprimidos violentamente pelas forças policiais iranianas. Na Dinamarca, a comunidade curdo-dinamarquesa se organizou através de demonstrações tanto em lugares centras da capital dinamarquesa, como em frente ao parlamento ou a prefeitura de Copenhague, e também em frente a embaixada iraniana.

Tais demonstrações costumam serem organizadas majoritariamente pela FOKUS-A, e são, costumeiramente, menores que as demonstrações que ocorrem em locais mais centrais da capital. Entretanto, as demonstrações de apoio, nesse caso, foram muito maiores do que costumeiramente são as demonstrações que ocorrem em frente a embaixada iraniana. Em primeiro lugar, os eventos do verão de dois mil e catorze ainda ecoam dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. A mesma continua ainda bastante articulada política, social e culturalmente. E em segundo lugar, a simbologia de tal ato fez com que a comoção fosse bastante grande. Uma mulher curda que se sacrifica para não ser estuprada (e aos seus olhos e de muitos, manter assim sua dignidade intacta) por um agente do governo iraniano, representa diversas narrativas presentes na comunidade curda.

Os ataques do grupo Estado Islâmico a mulheres yazidis, nos quais as mesmas eram sistematicamente estupradas, a luta das mulheres do YPJ contra os extremistas do mesmo grupo extremista são eventos recentes que evocam o que ocorreram no Curdistão dentro do Irã. Além disso, a força simbólica do estupro como uma narrativa no qual curdos, dentro do Curdistão, são constantemente sujeitos a humilhações dentro de quatro estados nações distintos, sendo o sacrifício da luta armada, para muitos, a opção mais aceitável em prol da independência cultural da comunidade curda de uma maneira geral. Assim, o sacrifício de uma jovem evoca também uma historicidade da resistência curda, no qual, a vida torna-se secundária em relação a liberação do povo curdo.

E através de tais articulações (a primeira em relação as eleições na Turquia e o apoio ao HDP, e a segunda como protesto em relação a morte de uma jovem curda no Irã) que elementos já analisados anteriormente, relacionados a sociabilidade, e ao capital social de diversos indivíduos são constantemente negociados dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Ou seja, é importante perceber que, apesar do período delimitado por essa etnografia, os movimentos caracterizados pela mesma continuam a ocorrer e situações que façam com que a comunidade curdo-dinamarquesa se mobilize em relação tanto a ela mesma quanto ao estado dinamarquês são constantes, fazendo com que a comunidade curdo-dinamarquesa esteja sempre em movimento, tanto em relação a ela mesma, quanto em relação a Dinamarca, quanto em relação a causa curda.

Os dois exemplos são extremamente significativos por outro motivo bastante relevante. É possível analisar que as circunstâncias que fazem com que a comunidade curdo-dinamarquesa se mantenha coesa continuam por se manifestarem de diversas maneiras, em outras palavras, há sempre novas narrativas compartilhadas pela comunidade curdo-dinamarquesa que contribuem para manter um senso de comunidade e de uma identidade étnica compartilhada entre os diversos indivíduos que se reconhecem como curdos. Tais articulações são facilmente observáveis, por exemplo, através da atuação de diversos indivíduos curdos através das redes sociais como o Facebook e o Twitter.

Há sempre novos elementos dentro das narrativas relacionadas a etnia curda que servem como fatores que, ao serem utilizados dentro da comunidade curdo-dinamarquesa (e nesse aspecto, uma visão weberiana do conceito de carisma, além de uma análise bordieana de capital cultural e social ajudam a explicar quais indivíduos

exercem posições de destaque dentro de tal comunidade) são ressignificados, trazendo elementos novos dentro das mesmas narrativas, ao mesmo tempo em que fatores novos também são associados as mesmas. Como a comunidade curdo-dinamarquesa é composta por indivíduos de diversas gerações (tanto de imigrantes quanto de descendentes de imigrantes), a importância que uma narrativa recente tem sobre a outra, na constituição uma identidade étnica curda é um fator relevante na compreensão da dinâmica entre os diversos indivíduos que constituem a mesma, e ainda, o papel que diversas narrativas relacionadas a identidade curda tem e a formação da mesma dentro da comunidade curdo-dinamarqueses. Logo, haverá sempre eventos relacionados a etnia e a causa curda que serão fundamentais, tanto na constante organização política da comunidade curda em diáspora (incluindo, obviamente, a comunidade curdo-dinamarquesa) quanto para a construção étnica e identitária de indivíduos mais novos, e que só recentemente estariam entrando na idade adulta.

Tais indivíduos mais novos, portanto, ao se depararem com narrativas recentes ou ainda correntes relacionadas a comunidade transnacional curda, e com as responsabilidades mais presentes da vida adulta, tendem a tomar para si o protagonismo (ou uma parte dele) em relação a causa curda. É nesse contexto que, organizações focadas em jovens adultos, como a já citada FOKUS-A, tornam-se relevantes dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, com o papel de trazerem e integrarem novos indivíduos dentro de um contexto político e também identitário ligado a uma ideia de etnicidade curda. Além de tais indivíduos estarem em uma situação distinta considerando a política dinamarquesa do que seus pais e avôs.

E é dentro desse contexto que um outro fator dentro da teoria antropológica também pode ser destacado e analisado, e cuja as possíveis articulações ainda continuaram por influenciar a comunidade curdo-dinamarquesa no futuro.

ii) O drama social e a etnicidade curda: perspectivas para uma comunidade em constante construção.

Há alguns elementos observados durante o trabalho de campo que prosseguirão após a conclusão de tal dissertação. Um desses elementos, que já fora

abordado anteriormente, é o papel que diversas manifestações, além de viagens ao Curdistão, tem, especialmente, em relação a população mais jovem como um ritual de passagem para uma população que em grande parte é de segunda ou terceira gerações e que, portanto, fora criada ou ainda nascera dentro da Dinamarca, e que ao contrário da população nascida no Curdistão, não participara ativamente de uma sociabilidade dentro do Curdistão, nem participaram das diversas narrativas relacionadas a identidade curda, em que os mesmos sofrem pela opressão devido a serem curdos, dentro de diversos estados que contém o território curdo, ao invés disso, ouvem tais histórias de segunda ou terceira mão através de indivíduos mais velhos, meios de comunicação ou literatura. Ou seja, há uma diferença, que já foi abordada, entre as experiências de indivíduos com uma vivencia dentro do Curdistão e os indivíduos que não a tem.

Tais indivíduos, ao tornarem-se parte ativa dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, e ao terem um envolvimento dentro da causa curda, buscam diminuir tal diferença através de diversos elementos simbólicos relacionados a identidade e a etnicidade curda. Buscam aprender um idioma, ter um envolvimento político ou cultural com a causa curda através de eventos e manifestações, e também buscam ter uma vivencia dentro do Curdistão. A busca por um papel mais ativo dentro da comunidade curdo-dinamarquesa ocorre, em diversas ocasiões, devido a fatores relacionados a etnia curda no Curdistão, ou dentro dos estados que contém o Curdistão. Se, durante o trabalho de campo do autor, o eventos que mais mobilizaram a comunidade curdo-dinamarquesa foram as ofensivas do ISIS em Shingâl e em Kobanî, após o termino do mesmo, os dois eventos citados anteriormente – a eleição na Turquia e as revoltas no Curdistão dentro do Irã – foram os responsáveis pela mobilização da comunidade curdo-dinamarquesa.

O papel que os eventos que foram citados durante minha etnografia tiveram dentro da mobilização da comunidade curda tornaram-se bastante óbvios, em diversos aspectos. O aumento do número de participantes nas manifestações, a presença de indivíduos de fora da comunidade curdo-dinamarquesa, e também pelo aumento do número de indivíduos que, por exemplo, passaram a fazer parte da FOKUS-A, o que ficara bem explícito durante a organização do festival de cinema curdo. Logo, eventos significativos tiveram um papel óbvio dentro da mobilização de jovens curdo-dinamarqueses. É possível conjecturar que o papel que os eventos que ocorreram após o meu trabalho de campo tiveram na mobilização, dentro da comunidade curdo-

dinamarquesa, também foram, em certos aspectos, semelhante aos eventos que foram narrados em tal dissertação.

Outro fator que fora analisado durante a etnografia do autor, e que passaria a apontar novas direções para a comunidade curdo-dinamarquesa é a questão política dentro da própria Dinamarca. Com um número considerável de candidatos de ascendência curda concorrendo as eleições nacionais que ocorrerão no segundo semestre de 2015, e com a presença de questões relacionadas a causa curda dentro da política externa dinamarquesa (como ajuda as tropas curdas e questões relacionadas a asilo para membros de religião yazidi), as eleições desse ano refletem uma maior influência da comunidade curdo-dinamarquesa na política local dinamarquesa, sendo, portanto, a influência da identidade curda na política dinamarquesa uma realidade que afeta e fora afetada pelas diversas interações ocorridas dentro de tal comunidade.

É possível identificar tal influência como uma consequência direta da articulação política entre diversos grupos e diversos indivíduos curdos. O papel que os mesmos tem dentro da política local dinamarquesa é palpável, e dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, o conhecimento que os mesmos tem de sua influência e seu poder de decisão dentro da política em Copenhague não pode ser menosprezado, muito pelo contrário. Ao se pensar dentro de uma tradição de articulação política curda transnacional, o caso dinamarquês é mais um caso cujo estudo torna-se interessante dentro da perspectiva de estudos curdos. O papel que a política dinamarquesa terá dentro da comunidade curdo-dinamarquesa e vice-versa são questões que ainda continuam e continuarão abertas e dependentes de fatores internos, como de fatores externos.

Por exemplo, somente entre os indivíduos da FOKUS-A que puderam ser entrevistados durante tal trabalho, um deles é membro ativo da campanha de um candidato do Partido Socialista do Povo e que também entrevistado de origem curda, enquanto dois deles se colocaram como possíveis candidatos (um homem e uma mulher) pelo partido da Lista Verde e Vermelha, entretanto ficando de fora por poucos votos, apesar de conseguirem uma votação relativamente expressiva dentre os filiados. Os dois continuam como membros presentes de tal partido, junto com outros indivíduos de origem curda, incluindo alguns membros da FOKUS-A. Além dos mesmos, há um número de candidatos curdos que são apoiados por diversos setores da comunidade curdo-dinamarquesa e concorrendo por outros partidos, e em outras localidades dentro da Dinamarca. As perspectivas que a comunidade curdo-

dinamarquesa terão dentro da política dinamarquesa num futuro dependerão de diversos fatores que também estão influenciando a política atual durante a eleição parlamentar. A capacidade de setores da comunidade curdo-dinamarquesa em se organizar através de candidatos viáveis, a capacidade dos mesmos em conseguirem o apoio de outros setores dentro das localidades que fazem parte na Dinamarca, além do carisma dos mesmos candidatos em conseguirem transmitir a ideia de que são candidatos viáveis. Todos esses fatores que podem ser percebidos nas eleições atuais mais claramente (mas não somente durante períodos), estarão sendo constantemente renegociados, e também o estarão sendo no futuro. Tais negociações, articulações, sistemas de aliança política, sociais e individuais, são portanto um assunto que fora abordado em tal trabalho, mas que de maneira agora podem ser considerados como esgotados, sendo ainda questões que podem continuar a serem analisadas através de um viés antropológico.

iii) Comunidade curdo-dinamarquesa e suas organizações fora de Copenhague: perspectivas e possibilidades

E por último, outro fator que, inclusive não fora abordado durante a dissertação devido a uma distância geográfica, é em relação ao estudo de outras comunidade curdo-dinamarquesas dentro da Dinamarca, e as possíveis articulações sociais, culturais e políticas da mesma, além do relacionamento que tais grupos mantêm ou manteriam com a comunidade curdo-dinamarquesa baseada em Copenhague e em sua região metropolitana. Após o fim da primeira etapa do trabalho de campo do autor, que durara entre junho e setembro de 2014, fora possível observar, através da mídia local dinamarquesa e da mídia curdo-dinamarquesa, além das redes sociais, um aumento das manifestações pró-causa curda na Dinamarca. Tal aumento, apesar de ser mais visível em Copenhague e em sua região metropolitana, também fora observado em outras cidades, tanto na região da Zelândia quanto em Fyn e na Jutlândia.

Cidades grandes como Aarhus, Aalborg e Odense contaram com manifestações em relação a causa curda, assim como cidades menores como Skandeborg e Helsingør. Ao perguntar a alguns de meus interlocutores sobre a

influência de grupos e organizações curdas na organização de tais passeatas e demonstrações, as respostas foram um tanto dúbias. Alguns indivíduos me disseram que, havia sim, uma influência dos eventos que ocorriam na capital na organização de tais manifestações ao redor do país. Entretanto, nenhum deles me confirmara se houvera ou não uma articulação efetiva dentre as mesmas, ou ainda, de que tais manifestações ocorreriam sobre o comando de alguma organização curda baseada em Copenhague.

Se as diversas manifestações que ocorreram na capital dinamarquesa, amplamente vinculadas na mídia dinamarquesa e na mídia curdo-dinamarquesa serviram como uma maneira de trazer as diversas articulações públicas relacionadas a causa curda para uma posição de destaque, tal fator não significa que as manifestações que ocorreram em outras localidades foram uma consequência direta de alguma liderança (tanto individual quanto de alguma organização) baseada em Copenhague. As manifestações em Copenhague por sua centralidade em relação a mídia e a política dinamarquesas servem como um fator de visibilidade dentro da comunidade curdo-dinamarquesa. Indivíduos localizados em outras regiões e cidades distantes da capital podem, ao ver as manifestações em Copenhague ou outras cidades maiores, buscarem uma organização entre os mesmos, através de ações conjuntas em ambientes públicos de determinadas localidades. Tais manifestações significam, portanto, que a comunidade curdo-dinamarquesa, especialmente a baseada na capital não mantém um papel de liderança, mas, ainda assim, tem uma posição de destaque dentro da mesma, sendo o grupo com maior visibilidade dentro da narrativa midiática dinamarquesa e curdo-dinamarquesa. Se as ações performáticas que ocorrem em Copenhague reverberam nas diversas comunidades espalhadas pelo país, a comunidade curdo-dinamarquesa em Copenhague não é a responsável direta pela organização política de outras comunidades espalhadas pelo país (apesar de, em alguns casos organizações baseadas em Copenhague tentarem assumir tal papel, e algumas manifestações maiores atraírem curdos espalhados por todo o país).

Assim, é possível pensar na comunidade curdo-dinamarquesa ao redor do país através de uma estrutura rizomática, conforme proposto por Deleuze e Guattari (1995). O conceito de rizoma aplicado as ciências humanas proposto pelos dois autores franceses em conjunto, advém de um conceito biológico. Rizoma, resumidamente, dentro da biologia, e especificamente dentro da botânica seria a multiplicidade de extensões que as raízes de algumas plantas teriam, sendo que dentro

dessa multiplicidade, cada uma dessas extensões seria capaz de produzir uma planta nova por conta própria. Os autores ressignificam tal conceito e o aplicam dentro da filosofia ao denotarem multiplicidade. Mais ainda, a multiplicidade pensada por Deleuze e Guattari é uma multiplicidade pensada de forma não-hierarquizada, em que diversos grupos e indivíduos poderiam construir e pensar suas interpretações de fatos, além de suas maneiras de se organizarem. No caso da comunidade curdo-dinamarquesa, algumas questões propostas poderão nos ajudar a compreender melhor como tal conceito poderá ser aplicado a tal grupo.

Assim, se pensarmos a comunidade curdo-dinamarquesa como formada por um número diversos de lideranças (ou ainda, por indivíduos influentes) não centralizadas dentro de diversas organizações que articulam elementos como gênero, idade, grau de instrução, opinião política, o qual gera diversas organizações e um número bastante amplo de possibilidades. Considerando também a presença de diversas comunidades curdas em diversas outras cidades (não só nas maiores, mas muitas vezes nas menores), as mesmas podem se organizar por conta própria, levando em conta além da identidade curda, também a realidade de tais comunidades e a história de seus membros e de sua presença em tais locais. Logo, é possível pensar numa estrutura rizomática que se estenda para além de Copenhague e de sua região metropolitana e englobe o país inteiro, no quais grupos dentro da comunidade curdo-dinamarquesa se organizem política, social e culturalmente independente da centralização presente na capital. Assim as outras regiões não necessariamente necessitam de tal centralidade para as suas organizações políticas e culturais, estando muito mais ligadas aos acontecimentos que ocorrem dentro do Curdistão dentro de uma perspectiva nacionalista. Tal fator rizomático, entretanto, não impede uma articulação entre os diversos grupos espalhados pelo país, caso seja do desejo de tais grupos. Ou seja, se há diversos fatores comuns entre os diversos grupos inclusos dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, não há necessariamente uma hierarquia dentre os mesmos, ou ainda, um controle de um grupo sobre o outro, apenas uma possível influência que os grupos presentes em Copenhague tenham sobre os de fora, sem poder pautar a maneira com os quais os mesmos se organizam, sendo tal questão de exclusividade dos mesmos. O verão de 2014, por exemplo, viu uma série de manifestações em diversas cidades dinamarquesas, sendo as mesmas descentralizadas em relação a organização, porém com um objetivo comum.

Partindo do princípio de que há diversos grupos de imigrantes curdos espalhados pelo país, e que não necessariamente mantenham laços ou algum tipo de contato institucional com grupos e organizações ligadas a causa curda situadas na capital dinamarquesa, há de se imaginar que há uma plethora de possibilidades organizacionais formadas no qual indivíduos curdos (que dependendo da localidade podem ser apenas poucas famílias) passariam, devido a algum acontecimento marcado com a população curda ou dentro do Curdistão, manifestar-se em locais públicos em diversas cidades através do país. Entretanto, não dá para se afastar da influência política que os grupos baseados em Copenhague tem em relação a comunidade curdo-dinamarquesa espalhada sobre o país (assim como a capital dinamarquesa tem em relação ao resto do país). Ainda, é possível creditar a mobilização política curdo-dinamarquesa, e ainda, a capacidade de tais grupos em trazer a causa curda para uma posição de destaque dentro da narrativa midiática dinamarquesa, a diversas organizações localizadas em Copenhague; porém, a organização de manifestações em outras localidades não pode ser, efetivamente atribuída a tais grupos.

Uma análise que trate os diversos grupos localizados ao redor do país como rizomas dentro da identidade curda, em que alguns casos, os mesmos não estariam submetidos ao comando de uma organização central baseada em Copenhague, em outros sim, e mais ainda, em algumas situações, estariam sob o comando de organizações curdas transnacionais. Ou seja, a multiplicidade possível de formas de organização política, cultural e social dentro da comunidade curda localizada fora de Copenhague é bastante múltipla; sendo a possibilidade de uma análise rizomática uma ferramenta útil para a compreensão de alguns grupos, manifestações e organizações dentro da comunidade curda na Dinamarca, ou ainda em outros países.

Além disso, há de se pensar também na influência individual e a capacidade de locomoção e realocação de diversos indivíduos dentro da Dinamarca (ou ainda, em menor escala, dentro da Escandinávia ou até da União Européia). Diversos indivíduos que foram entrevistados, especialmente os mais novos, vieram de localidades na Jutlândia, em Fyn ou ainda em locais mais afastados dentro da Zelândia, tendo imigrado para Copenhague (e sua região metropolitana) mais recentemente, devido a possibilidade de empregos, ou na maioria dos casos, devido a questões educacionais, já que a capital possui uma maior quantidade de universidades e campus universitários do que cidades como Aarhus, Aalborg e Odense. No casos de tais

indivíduos, faz-se necessário pensar se os mesmos já mantinham algum tipo de organização política e cultural dentro da comunidade curda dentro de sua cidade, ou se eram a única ou uma das únicas famílias de origem curda, e sua posição atuante dentro da comunidade curdo-dinamarquesa florescera devido as possibilidades apresentadas dentro da comunidade curdo-dinamarquesa na capital.

Ainda, qual a possível influência que tais indivíduos teriam caso retornem a suas cidades de origem ao redor da Dinamarca? Seria possível pensar numa perspectiva futura de uma maior coordenação (ou apenas uma cooperação) organizacional de grupos curdos em diversas cidades da Dinamarca (como, por exemplo, ocorre com a FOKUS-A), ou tais indivíduos, caso organizem-se burocraticamente, buscarem uma articulação com grupos baseados em outras cidades, mas ainda tendo autonomia própria? Tais questões ainda estão abertas, e dependeram de diversos fatores relacionados a política curda de maneira geral, que reverberam também na comunidade em diáspora, incluindo a comunidade curdo-dinamarquesa, além de fatores mais localizados como as alianças criadas (e as negadas) dentre tal comunidade.

Logo, tal conceito pode ser útil na elaboração de uma análise mais aprofundada da dinâmica organizacional política dentro da comunidade curdo-dinamarquesa, e assim, ajudar a revelar outros aspectos da mesma, como as alianças formadas dentro de tal grupo, o capital social acumulado pro diversos indivíduos dentro da mesma, e além dos elementos culturais que impediriam ou auxiliariam tais análises.

Portanto, a comunidade curdo-dinamarquesa como uma população inserida tanto na sociedade dinamarquesa, e portanto, sujeita as diversas sutilezas específicas da sociabilidade dinamarquesa, e também inserida dentro de uma comunidade curda (e de uma comunidade curda em diáspora que é bastante significativa), e inserida também dentro da sociabilidade curda; a comunidade curdo-dinamarquesa é, assim, uma comunidade em constante construção, no qual mitos fundacionais, alianças, relacionamentos, posicionamentos políticos, culinária, produção artística são constantemente criados, recriados, ressignificados.

Tais constantes modificações, que em alguns casos são sutis, e em outros nem tanto, são o que estabelecem, parafraseando Clifford Geertz⁵³ (1973) as teias de

⁵³ Que por sua vez parafraseara Max Weber...

significado que constituem a comunidade curdo-dinamarquesa. Alguns das linhas que constituem tal teia são resultantes de fatores tipicamente dinamarqueses, outras de fatores curdos, outros de fatores específicos de uma realidade imigrante na Dinamarca, e ainda, outros devido a posicionamentos políticos específicos. Há também outros fios que são resultados do relacionamento direto dentre diversos indivíduos em tal comunidade, e esses, jamais poderão ser considerados como secundários em relação aos outros. E é sobre essa teia de significados que tal trabalho e seu autor buscaram elucidar através de uma dissertação baseada na pesquisa etnográfica do mesmo.

BIBLIOGRAFIA:

ALGHASI, Sharam; ERIKSEN, Thomas Hylland; GHORASHI, Halleh (Ed.). **Paradox of Cultural Recognition**. Londres: Ashgate, 2009. 272 p.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 336 p.

ANDREASSEN, Rikke. Danish Perceptions of Race and Anthropological Science at the Turn of the Twentieth Century. In: BANCEL, Nicolas; DAVID, Thomas; THOMAS, Dominic (Ed.). **The Invention of Race: The Invention of Race: Scientific and Popular Representations**. Londres: Routledge, 2014. p. 118-129.

BANGSTAD, Sindre. **Anders Breivik and the Rise of Islamophobia**. Londres: Zed Books, 2014. 306 p.

BARTH, Frederik. **Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference** by Fredrik Barth (Editor). Londres: Waveland Press, 1969. 153 p.

BARTH, Fredrik. **Nomads of South-Persia; the Basseri tribe of the Khamseh Confederacy**. Oslo: Universitetsforlaget, 1962.

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. **Antropolítica**, Niterói, v. 19, p.15-31, jul. 2005. Semestral.

BARTH, Fredrik. Overview: Sixty Years in Anthropology. **Annu. Rev. Anthropol.**, [s.l.], v. 36, n. 1, p.1-16, set. 2007. Annual Reviews. DOI: 10.1146/annurev.anthro.36.081406.094407.

BASER, Bahar. **The Kurdish Diaspora:: Identity Formation and Political Activism**. Istanbul: Bogaziçi University Press, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Cultural Reproduction and Social Reproduction. In: BROWN, Richard K.. **Knowledge, Education, and Cultural Change: Papers in the Sociology of Education**. Londres: Tavistock, 1973. p. 56-68.

BOURDIEU, Pierre. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J.. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Nova York: Greenwood, 1983. p. 241-258.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-claude. **La reproduction : Éléments d'une théorie du système d'enseignement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970. 284 p.

BOZCALI, Firat; YOLTAR, Ça?r?. A Look at Gezi Park from Turkey's Kurdistan. **Fieldsights - Hot Spots, Cultural Anthropology Online**, Nova York, v. 0, n. 0, p.0-0, 31 out. 2013. Disponível em: <<http://www.culanth.org/fieldsights/396-a-look-at-gezi-park-from-turkey-s-kurdistan>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

D.N., Majundar; T.N, Madan. **An Introduction to Anthropology**. Bombay: [s.i.], 1957.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs, Vol. 2**. São Paulo: Editora 34, 1995. 128 p.

DURKHEIM, Emile. **The Elementary Forms of Religious Life**. Oxford: Oxford Press, 2008. 416 p.

ECCARIOUS-KELLY, Vera. **The Militant Kurds: A Dual Strategy for Freedom**. Santa Barbara: Abc-clio, 2010.

EDMONDS, C.j. Kurdish Nationalism. **Journal Of Contemporary History**, Londres, v. 6, n. 1, p.87-107, jul. 1971.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives**. 2. ed. Londres: Pluto Press, 2002. 199 p.

FOKUS-A. **Om Os**. 2013. Disponível em: <<http://fokus-a.dk/om-os/>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2009. 295 p.

GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. Nova York: Basic Books, 1973. 470 p.

GUARDIAN, The. **US embassy cables: US steps up pressure on Turkey over Iran**. 2010. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/us-embassy-cables-documents/250705>>. Acesso em: 26 maio 2015.

HALL, Stuart; DUGAY, Paul. **Questions of Cultural Identity**. Nova York: Sage Publications, 1996. 208 p.

HERVIK, Peter. The Danish cultural world of unbridgeable differences. **Ethnos: Journal Of Anthropology**, Londres, v. 2, n. 69, p.247-267, ago. 2006.

HERZFELD, Michael. **Cultural Intimacy: Social Poetics in the Nation-State**. Londres: Routledge, 2004. 296 p.

HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Ed.). **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. 324 p.

HUNTINGTON, Samuel. **The Clash of Civilizations and the Remaking of World Orde**. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2011. 368 p.

JENKINS, Richard. **Being Danish: Paradoxes of Identity in Everyday Life**. 2. ed. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2012. 361 p.

JENKINS, Richard. Telling the forest from the trees: Local images of national change in a Danish town. **Ethnos: Journal Of Anthropology**, Londres, v. 3, n. 71, p.367-389, 20 nov. 2006.

JENKINS, Richard; ERIKSEN, Thomas Hylland (Ed.). **Flag, Nation and Symbolism in Europe and America**. Londres: Routledge, 2007. 208 p.

JØRGENSEN, Martin Bak. Turks in Denmark: Patterns of Incorporation and Collective Organizing Processes. **Insight Turkey**, Istanbul, v. 12, n. 1, p.163-183, jul. 2010.

KHAYATI, Khalid. Link between Kurdish Nationalism and Diaspora. **Kurdish Globe**, [s.i], v. [], n. [], p.1-19, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.kurdishglobe.net/displayPrintableArticle.jsp?id=D5F273B00D14BA4E81322EA8E235C513>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

KING, Diane E.. Asylum Seekers / Patron Seekers:: Interpreting Iraqi Kurdish Migration. **Human Organization**, Oklahoma City, v. 64, n. 4, p.316-326, abr. 2005.

KORSGAARD, Ole. **The Struggle for the People: Five Hundred Years of Danish History in Short**. Aarhus: Aarhus University Press, 2006. 116 p.

KURDISTANICA. **Flag of Kurdistan**. 2008. Disponível em: <<http://www.kurdistanica.com/?q=node/55>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

KVAALE, K.. Something begotten in the state of Denmark? Immigrants, territorialized culture, and the Danes as an indigenous people. **Anthropological Theory**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.223-255, 1 jun. 2011. SAGE Publications. DOI: 10.1177/1463499611407395.

LIEBIG, Thomas. **The Labour Market Integration of Immigrants in Denmark**. Paris: Head Of Publications Service Oecd, 2007. Disponível em: <<http://www.oecd.org/social/soc/38195773.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

LOCKE, John. **The Second Treatise of Government and A Letter Concerning Toleration**. Dover: Dover Thrift Editions, 2002. 144 p.

LÖVGREN, Orvar. A Flag for All Occasions? The Swedish Experience. In:

JENKINS, Richard; ERIKSEN, Thomas Hylland (Ed.). **Flag, Nation and Symbolism in Europe and America**. Londres: Routledge, 2012. p. 125-137.

MATJUNIN, Sergei. The new state flags as the iconographic symbols of the post-Soviet space. **GeoJournal**, [s.l.], v. 52, n. 4, p.311-313, 2001. Springer Science + Business Media. DOI: 10.1023/a:1014378626699.

OCÄLAN, Abdullah. **Democratic Confederalism**. Londres: Transmedia Publishing Ltd., 2011. Disponível em: <<http://www.freeocalan.org/wp-content/uploads/2012/09/Ocalan-Democratic-Confederalism.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (Des)Caminhos da Identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 42, n. 15, p.08-20, fev. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1733.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

PINTO, Paulo. Sufism, Moral Performance and the Public Sphere in Syria. **Revue Des Mondes Musulmans Et de La Méditerranée**, Paris, v. 115, n. [], p.155-171, fev. 2012.

PUTTNAM, Robert D.. **Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy**. Nova Jérsei: Princeton University Press, 1994. 258 p.

RABOSSI, Fernando. “**Expressing or converging to the standard?**”: The development of Chilean organizations in Sweden. 1999. 55 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia, Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 1999.

RYTTER, Mikkel. ‘The Family of Denmark’ and ‘the Aliens’: Kinship Images in Danish Integration Politics. **Ethnos: Journal Of Anthropology**, Londres, v. 3, n. 75, p.301-323, set. 2010.

SAID, Edward. **Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World**. [s.i.]: Vintage Digital, 2008. 272 p.

SCHMIDT, Garbi. **Nørrebro Indvandringshistorie 1885-2010**. Copenhague: Museum Tusulanum Forslag, 2015.

SHEYHOLISMANI, Jeffrey. **Kurdish Identity, Discourse and New Media**. Londres: Palgrave & Macmillan, 2007.

SMITH, Anthony D.. **The Ethnic Origins of Nations**. Londres: Wiley-blackwell, 1986. 312 p.

SOGUK, Nezvati. Transversal communication, Diaspora, and the Euro-Kurds. **Review Of International Studies**, Cambridge, v. 34, n. 1, p.173-192, jul. 2008.

STATBANK. **Population at the first day of the quarter by municipality, sex, age, marital status, ancestry, country of origin and citizenship**. Copenhague: [s.i], 2014. Disponível em: <<http://statbank.dk/statbank5a/default.asp?w=1280>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

STOLCKE, Verena. Talking Culture: New Boundaries, New Rhetorics of Exclusion in Europe. **Current Anthropology**, Nova Iorque, v. 36, n. 1, p.1-24, fev. 1995.

TURNER, Victor. **The Ritual Process: Structure and Anti-Structure**. Londres: Aldine Transaction, 1969.

VAN BRUINESSEN, Martin. **Collected Articles**. Istanbul: Isis Press, 2000. 301 p.

VAN BRUINESSEN, Martin. **Kurdish Ethno-Nationalism Versus Nation-Building States.**: Collected Articles. Istanbul: Isis Press, 2000. 301 p.

VAN BRUINESSEN, Martin. Kurds, states and tribes. In: JABAR, Faleh A.; DAWOD, Hosham. **Tribes and power: nationalism and ethnicity in the Middle East**. Londres: Saqi, 2002. p. 165-183.

VAN BRUINESSEN, Martin. Le peuple kurde: identité nationale et divergences politiques. Entretien avec Martin van Bruinessen. **Moyen-orient, Géopolitique**,

Géoéconomie, Géostratégie Et Sociétés Du Monde Arabo-musulman, Paris, v. 26, n. 1, p.18-23, jun. 2015.

VAN DIJK, Teun A.. **Racism and the Press**. Londres: Routledge, 1991.

VAN GENNEP, Arnold. **The Rites of Passage**. Londres: Routledge, 1960. 195 p.

Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=kJpkBH7mB7oC&printsec=frontcover&dq=rites+of+passage&lr;=&num=50&as_br=0&hl=pt-BR#v=onepage&q=rites of passage&f=false](https://books.google.com.br/books?id=kJpkBH7mB7oC&printsec=frontcover&dq=rites+of+passage&lr;=&num=50&as_br=0&hl=pt-BR#v=onepage&q=rites+of+passage&f=false)>. Acesso em: 05 jul. 2015.

WOLF, Eric. **Europe and the People Without History**. California: University Of California Press, 1982.